

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO UNIVERSITÁRIO NORTE DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

PATRÍCIA FLÁVIA DOS SANTOS CAU

ENTRE CONTOS E CANTOS: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA DAS
PRÁTICAS CULTURAIS EM REGÊNCIA AUGUSTA.

São Mateus
2019

PATRÍCIA FLÁVIA DOS SANTOS CAU

ENTRE CONTOS E CANTOS: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA DAS
PRÁTICAS CULTURAIS EM REGÊNCIA AUGUSTA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Departamento de Educação e Ciências Humanas do Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Linha de pesquisa: Ensino, Sociedade e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Ailton Pereira Morila

São Mateus
2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

Cau, Patrícia Flávia dos Santos, 1979-
C371e Entre Contos e Cantos: A Construção da Memória Coletiva das Práticas Culturais em Regência Augusta / Patrícia Flávia dos Santos Cau. - 2019.
154 f. : il.

Orientador: Ailton Pereira Morila.
Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) –
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo.

1. Memória Coletiva. 2. Práticas Culturais. 3. Tradição oral. I. Morila, Ailton Pereira. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro Universitário Norte do Espírito Santo. III. Título.

CDU: 37

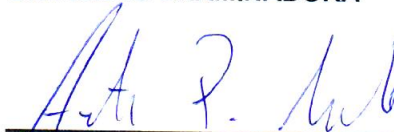
PATRÍCIA FLÁVIA DOS SANTOS CAU

**ENTRE CONTOS E CANTOS: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA
COLETIVA DAS PRÁTICAS CULTURAIS EM REGÊNCIA AUGUSTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Aprovada em 29 de março de 2019.

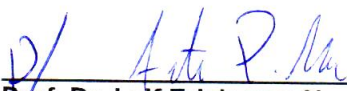
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Ailton Pereira Morilla
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador



Profª. Drª. Regina Célia Mendes
Universidade Federal do Espírito Santo



Prof. Dr. Leif Ericksson Nunes
Grunewald
Universidade Federal de Grande
Dourados

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho:
Aos povos ribeirinhos da foz do Rio Doce,
Que todos os dias choram a morte do Rio
Em especial aos pescadores e conguistas
Na luta por manter as práticas culturais vivas.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente ao Centro Universitário Norte do Espírito Santo, São Mateus - Universidade Federal do Espírito Santo. Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, ao corpo docente, direção e administração.

Ao meu orientador Prof.^a Dr.^a Ailton Pereira Morilla pela dedicação e comprometimento com o ensino. Obrigada pelo interesse e confiança no meu trabalho. Durante o nosso convívio aprendi, sobretudo, que os caminhos da educação são difíceis e cheios de desafios, mas também são poéticos e cabem sujeitos sonhadores. Sua contribuição para o meu trabalho e crescimento foi fundamental.

A Prof.^a Dr.^a Regina Célia Mendes Senatore que esteve presente e acompanhou o processo durante esses dois anos, nas disciplinas cursadas e nas avaliações de bancas, de ingresso e de qualificação. Não poderia deixar de agradecer pela generosidade em compartilhar conhecimentos importantes para minha formação enquanto educadora.

A Tiago Cau por todas as vezes que parou para ouvir minhas angústias, por discutir conceitos e ideias durante os almoços de domingo, pelas taças de vinho nos dias de cansaço, por ler meus textos, pela crítica, pelo incentivo de todos os dias durante todo esse processo. E a Francisco Cau por me oferecer o sorriso mais lindo e otimista, me fazendo lembrar que tudo vale a pena. Sem vocês eu não teria conseguido.

A minha mãe por me mostrar que podemos ser fortes. A tantos outros familiares e amigos que, de alguma forma, estiveram ao meu lado durante esse momento. A todos que de alguma maneira e em sua importância, contribuíram para que esta pesquisa se realizasse. Um agradecimento especial aos amigos do mestrado Karina e Manoel Tadeu pelo estudo compartilhado, pelo apoio, por estarem sempre presentes.

Carinhosamente a Marcos Odio Martins de Assis, Leônidas Carlos, a Maria Conceição Costa, a Guimalde Firmino, a Dona Alda Ribeiro Lourenço Ivo, a Darci Ivo, a Zé de Sabino, a Luciana de Oliveira, a Carlos Sangália, a Luiz Natal por terem me recebido e compartilhado suas lembranças. Por fim, a toda comunidade de Regência Augusta.

Guardarei para sempre na memória.

A todos, muito obrigada!

Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um enforcado; o fio esticado do lampião a balaustrada em frente e os festões que empavesavam o percurso do cortejo nupcial da rainha; a altura daquela balaustrada e o salto do adúltero que foge de madrugada; a inclinação de um canal que escoar a água das chuvas é o passo majestoso de um gato que se introduz numa janela; a linha de tiro da canhoneira que surge inesperadamente atrás do cabo e a bomba que destrói o canal; os rasgos nas redes de pesca e os três velhos remendando as redes que sentados no molhe, contam pela milésima vez a história da canhoneira do usurpador, que dizem ser o filho legítimo da rainha, abandonado de cueiro ali sobre o molhe. A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata.

Ítalo Calvino, 2006.

RESUMO

Regência Augusta faz parte do município de Linhares. Trata-se de um pequeno vilarejo rodeado pela foz do Rio Doce e o mar. Em maior parte, a comunidade é descendente da miscigenação entre indígenas, negros e brancos, comumente chamados na região de nativo ou caboclo. Estes sujeitos estão intimamente ligados a duas práticas culturais locais: a pescaria e o Congo. O trabalho apresenta um estudo sobre as duas práticas culturais da vila, analisando, principalmente, a construção da memória coletiva por meio das lembranças dos moradores. Devido a característica da pesquisa, se fez necessário o uso da abordagem qualitativa, utilizando o meio social da vila como fonte direta de coleta de dados. A observação em campo possibilitou conhecer o dia a dia e as relações entre os sujeitos envolvidos na comunidade e as articulações orais que se constroem desses encontros. As etapas formuladas para pesquisa consistem em: levantamento bibliográfico; entrevistas em história oral temática com sujeitos envolvidos em práticas culturais na área do objeto de pesquisa e observações das ações cotidianas; e análise dos dados. A pesquisa se apoiou no referencial teórico dos autores que discutem o conceito de história e memória com Halbwachs (2003) e Le Goff (2013). Por se tratar de uma comunidade tradicional não se poderia deixar de abordar a questão cultural, deste modo as reflexões de Burke (2008) e Canclini (1983) são os suportes teóricos. Nas análises dos dados se considerou, também, as concepções de Geertz (1997) sobre a interpretação das culturas. Em relação aos contadores/narradores da história, as teorias de Benjamin (1994) apoiaram as discussões. No levantamento de dados empíricos, que envolve a interrogação direta dos sujeitos participantes da comunidade de Regência Augusta cujo, as lembranças se pretendeu conhecer, utilizou-se do método da história oral temática (MEIHY, 2015) obtendo um total de 9 relatos orais. Nesse estudo, três apontamentos se mostraram expressivos: a memória coletiva que é construída a partir das lembranças em comum, as práticas culturais da pescaria do Congo e sua relação com o rio\mar e a transmissão de conhecimentos populares por meio da contação e cantação de histórias. As identificações trazidas nas narrativas, tanto da Pesca como do Congo, demonstraram que as práticas possuem uma formação\educação numa dimensão para vida prática, nos aspectos culturais e sociais da vila.

Palavras-chave: Memória Coletiva. Práticas Culturais. Tradição oral.

ABSTRACT

Regência Augusta makes part of the city of Linhares. It is a small village surrounded by the mouth of the river Rio Doce and the sea. Most of the community descends from the miscigenation of indians, black and white people, commonly named in the region as *natives* or *caboclos*. Such actors are intimately bound to two local cultural practices: fishing and *Congo*. This paper claims to study both practices in the village by analyzing especially the construction of the collective memory through the dwellers' memories. Due to the aspect of the research, it is necessary to use a qualitative approach by using the social center area of the village as a direct source of data. The field observation has enabled to get to know the daily life and the relations among the actors involved in the community as well as the oral articulations built from such gatherings. The steps elaborated for the research consist in: bibliographic selection; theme related oral history interviews with the actors involved in the cultural practices selected and daily action observations; and data analysis. The research is based on the theoretical framework of authors who discuss the concepts of history and memory with Halbwachs (2003) and Le Goff (2013). Since it relates to a traditional community, cultural matters were inevitably approached, supported by reflexions brought by Burke (2008) and Canclini. In the data analysis, Geerts' (1997) concepts of the interpretation of the cultures were considered. Concerning the storytellers/narrators of the history, the theories from Benjamin (1994) have based the debates. In the empirical data collection, which involves the direct interview of the actors who participate in the community of Regência Augusta, whose memories were to be known, the theme related oral history method was used (MEIHY, 2015), obtaining an amount of 9 oral reports. Along the study three notes were expressive: the collective memory which is reassured in community solidarity, the fishing and Congo cultural practices and their relation with the river/sea and the popular knowledge transmission through telling and singing stories. The identifications brought in the narratives, of both Fisheries and the Congo, showed that the practices have a training and education in a dimension for practical life in the cultural and social aspects of the village.

Key-word: Collective Memory. Cultural Practices. Oral Tradition.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Praia de Regência Augusta.....	20
Fotografia 2: Antigo Farol de Regência Augusta.....	24
Fotografia 3: Primeiros habitantes da região (Botocudos).....	25
Fotografia 4: Terminal da Petrobrás em Regência (1981)	27
Fotografia 5: Busto do herói Caboclo Bernardo.....	28
Fotografia 6: Casa do Congo.....	29
Fotografia 7: Foz do rio Doce.....	35
Fotografia 8: Mural com fotos de peixes.....	50
Fotografia 9: Zé de Sabino. Material de divulgação “Das águas que passam.....	51
Fotografia 10: Barcos abandonados no Cais do Porto.....	53
Fotografia 11: Pintura em tela de Luiz Natal: O Céu de Lama”.....	56
Fotografia 12: Família de Dona Alda.....	60
Fotografia 13: Instrumentos Musicais da Banda de Congo São Benedito.....	61
Fotografia 14: Banda de Congo São Benedito e a Banda de Congo Mirim de Vila Regência.....	65
Fotografia 15: O Bastão aos cuidados de São Benedito.....	66
Fotografia 16: Mestre Guimaldo bailado na ponta dos pés.....	69
Fotografia 17: Dona Conceição carregando o estandarte de São Benedito.....	72
Fotografia 18: Crianças com as casacas.....	75
Fotografia 19: Santa Catarina, São Sebastião e São Benedito.....	80
Fotografia 20: Ensaio Banda de Congo Mirim de Vila Regência e a Banda de Congo São Benedito.....	85

LISTA SIGLAS

PETROBRÁS – Petróleo Brasileiro

TAMAR – Tartaruga Marinha

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

ASPER – Associação de Pescadores de Regência

PIM - Programa de Indenização Mediada

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REGÊNCIA AUGUSTA: AS PRIMEIRAS HISTÓRIAS	20
2.1 MEMÓRIA HISTÓRICA.....	20
2.2 MEMÓRIAS GUARDADAS	25
2.3 A HISTÓRIA COMO MEMÓRIA VIVA.....	31
3 LEMBRANÇAS CONTADAS: HISTÓRIAS DE PESCADOR	36
3.1 A PESCA ARTESANAL EM REGÊNCIA AUGUSTA.....	36
3.2 “Ô CABOCLO, VOCÊ QUER PESCAR MESMO?”	38
3.3 UM ZÉ EM CADA PESCADOR	44
3.4 “O RIO DA COBIÇA, DA GANÂNCIA E DA AUSÊNCIA”	52
4 LEMBRANÇAS CANTADAS: O CONGO.....	59
4.1 HISTÓRICO DA BANDA DE CONGO SÃO BENEDITO DE REGÊNCIA AUGUSTA.....	59
4.2 ERA A VEZ DOS MESTRES: NARRATIVAS DO CONGO	62
4.3 UM MOTIVO PARA CANTAR.....	76
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	94
HISTÓRIAS ORAIS.....	96
APÊNDICE: NARRATIVAS REFERENCIAS.....	97
ANEXO A – SELO COMEMORATIVO SOBRE O CONGO	142
ANEXO B – PROJETO DO CONGO MIRIM	143

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo sobre as práticas culturais da vila de Regência Augusta, analisando, principalmente, a construção da memória coletiva por meio das lembranças de moradores da vila. Os sujeitos envolvidos nas ações da comunidade, refletem tanto nas histórias contadas como nas histórias cantadas, sua relação social, seu comprometimento com o rio/mar, com as tarefas diárias da pescaria, com a reza aos santos e heróis e com a prática cultural do Congo.

Pensando na história como um processo narrativo, busca-se, além das fontes escritas, conhecer também, as histórias que os moradores da vila têm para contar, sua história pessoal, reconhecendo assim a importância da tradição oral para a comunidade, e analisando como essas histórias se relacionam a outras histórias, e de que forma elas estão ligadas a memória coletiva e às práticas culturais. Para Halbwachs (2003, p.86) “história não é todo o passado e também não é tudo que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo[...].”

O objetivo da pesquisa é analisar o processo de construção da memória coletiva por meio da transmissão oral de contação e cantação das histórias locais, verificando se essa prática fortalece a identidade cultural, mantendo os sentidos das práticas locais. Para Le Goff (2013, p.435) “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades[...].”

O trabalho segue o caráter conceitual de cultura elaborado por Canclini (1983, p. 29) restringindo-a,

[...] a produção de fenômenos que contribuem, mediante representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido.

Devido a característica da pesquisa, se fez necessário o uso da abordagem qualitativa, utilizando o meio social da vila como fonte direta de coleta de dados. A

observação em campo possibilitou conhecer o dia a dia e as relações entre os sujeitos envolvidos na comunidade e as articulações orais que se constroem desses encontros.

Nesse sentido as etapas formuladas para pesquisa consistem em: levantamento bibliográfico; entrevistas em história oral temática com sujeitos envolvidos em práticas culturais na área do objeto de pesquisa e observações das ações cotidianas; e análise dos dados.

Esse direcionamento foi alicerçado a partir de autores que discutem o conceito de história e memória com Halbwachs (2003) e Le Goff (2013). Por se tratar de uma comunidade tradicional não se poderia deixar de abordar a questão cultural, deste modo as reflexões de Burke (2008) e Canclini (1983) são os suportes teóricos. Nas análises dos dados se considerou, também, as concepções de Geertz (1997) sobre a interpretação das culturas. As identificações trazidas nas narrativas dos líderes comunitários, tanto da Pesca como do Congo, por exemplo demonstraram que as práticas possuem uma formação\educação numa dimensão para vida prática, nos aspectos culturais e sociais da vila. Em relação aos contadores/narradores da história, as teorias de Benjamin (1994) apoiaram as discussões.

No levantamento de dados empíricos, que envolve a interrogação direta dos sujeitos participantes da comunidade de Regência Augusta cujo, as lembranças se pretenderam conhecer, utilizou-se do método da história oral temática. Meihy (2015, p.18 e 19) aponta quatro conceitos que justificam o recurso da História Oral para o entendimento de pesquisas sociais.

1 - História oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, ver análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato. 2 - A formulação de documentos através de registros eletrônicos é um dos objetivos da história oral. Contudo, esses registros podem também analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memória coletivas. 3 - A história oral é um alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos e transformadas em textos escritos. 4 - História oral é um processo sistêmico de uso de entrevistas gravadas, vestidas do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas.

As entrevistas foram abertas, gravadas com aparelho eletrônico, coletadas e transcritas pelo próprio pesquisador. Durante as entrevistas se deu atenção a todos

os detalhes ditos e não ditos, pausas, olhares, emoções, e embora houvesse um planejamento com uma estrutura de possíveis direcionamentos, estas não foram impostas, foi dada aos entrevistados liberdade de se expressar, de contar sua história no seu tempo e do seu jeito. Seguindo assim as orientações de Meihy (2015, p. 58) quando ele diz que “Nada deve ser espontâneo num encontro de história oral. Apenas a liberdade de fala deve gozar de prerrogativas descontraídas.”

A última etapa do trabalho foi a análise dos dados. Em todos os assuntos tratados buscou-se o diálogo entre as narrativas simultaneamente aos conceitos de memória e cultura, tencionando a proximidade entre teoria e prática.

O trabalho está dividido em três capítulos: começa com o texto *REGÊNCIA AUGUSTA: AS PRIMEIRAS HISTÓRIAS*, contextualiza o surgimento da vila evocando a construção da memória em três pontos distintos: a MEMÓRIA HISTÓRICA que se apoia nas fontes e datas pré-determinadas; o segundo texto, *MEMÓRIAS GUARDADAS* nos espaços que compõem o povoado (construções\prédios e monumentos como depositários), trazendo a história por meio da materialidade dos monumentos, e a estruturação da história como memória viva construída a partir das relações sociais, no escrito *A HISTÓRIA COMO MEMÓRIA VIVA*.

Os capítulos dois e três se dividem em *LEMBRANÇAS CONTADAS: HISTÓRIA DE PESCADOR* E *LEMBRANÇAS CANTADAS: O CONGO*. A primeira parte *LEMBRANÇAS CONTADAS: HISTÓRIAS DE PESCADOR*, traz as narrativas sobre a prática da pescaria, abordando a memória como manifestação coletiva partindo das lembranças significativas da prática cultural da pesca. Começa com o texto *A PESCA ARTESANAL EM REGÊNCIA AUGUSTA*, explicando sobre a prática da pescaria local, depois segue para as lembranças de Leônidas Carlos no texto *Ô CABOCLO VOCÊ QUER MESMO PESCAR?*, falando sobre o corporativismo e união do grupo. As narrativas analisadas são de pescadores locais (vale ressaltar que esses sujeitos estão de alguma forma relacionados com a prática do Congo) e consistem em identificar, a partir das lembranças individuais, os pontos de referência que convergem entre si. Esta constatação marca também a formação identitária que aparece principalmente no escrito *UM ZÉ EM CADA PESCADOR*, apresentando as

afinidades de códigos simbólicos constituídas no interior do grupo, principalmente, em relação ao Rio Doce e o Mar.

O crime ambiental aparece no subcapítulo O RIO DA COBIÇA, DA GANÂNCIA E DA AUSÊNCIA, descrevendo as consequências sócio/cultural diante da falta do Rio na vida dos moradores. O rompimento nas estruturas tradicionais da vila, enfraquecendo o meio social e cultural.

Na segunda parte, terceiro capítulo, LEMBRANÇAS CANTADAS: O CONGO, começa com o texto HISTÓRICO DA BANDA DE CONGO SÃO BENEDITO DE REGÊNCIA AUGUSTA, que traz uma breve explicação sobre a prática do Congo, tendo em vista a relevância em apresentar a origem, o processo de aculturação, a relação da prática com os santos e heróis e as festividades que marcam o calendário de apresentações.

Em seguida *ERA A VEZ DO MESTRE: NARRATIVAS DO CONGO* são analisadas as narrativas dos mestres da Banda de Congo São Benedito, observando as especificidades em comum na memória coletiva da formação da Banda de Congo São Benedito. Uma parte deste texto é dedicada ao mestre atual Guimaldo Firmino e sua relação com o grupo.

O último texto *UM MOTIVO PARA CANTAR* apresenta as relações sociais e culturais que se estabelecem entre as crianças da Banda de Congo Mirim de Vila Regência e os integrantes da banda de Congo adulto São Benedito, considerando o processo de transmissão oral dos conhecimentos populares, verificando de que forma a memória coletiva contribui na perpetuação das práticas locais. E aqui novamente aparece o enfraquecimento das práticas culturais e sociais da vila causados principalmente pelo crime ambiental. E a necessidade de estratégias de revitalizar o Congo.

No estudo dos dados, principalmente nas narrativas, o estudo buscou interpretar os acontecimentos relacionando-os com o contexto em que foram criadas, considerando que os sujeitos constroem suas histórias no “processo de vivê-las” (GEERTZ, 1997). E é justamente dessa relação que as diversas marcas de memória

coletiva da vila são criadas e recriadas, ressignificando suas formas ao propósito cultural que a elas se implicam.

Por fim, ao reconhecer que os sujeitos que sustentam as práticas culturais estão imersos num mundo de significações, e como narradores das experiências de vida, das histórias do passado trazem para o presente os valores e conceitos das ações históricas numa ação de atualizar a memória, esperamos ser possível a preservação das práticas culturais locais por meio do fortalecimento da memória coletiva que se atualiza no encontro entre as gerações.

2 REGÊNCIA AUGUSTA: AS PRIMEIRAS HISTÓRIAS

2.1 MEMÓRIA HISTÓRICA

Regência Augusta¹ é um pequeno povoado de Linhares/ES, posicionada mais especificamente, na região litorânea do município. Além das águas do mar, o lugar é banhado também pelo rio Doce que, desce de Minas Gerais atravessando o estado - até desaguar na praia de Regência Augusta. O rio caudaloso e barrento é reconhecido pela força das águas, que ao se lançar no Atlântico ainda é possível de ser visto há mais de seis quilômetros de mar adentro.

Fotografia 1- Praia de Regência Augusta



Fonte: Patrícia Flávia dos Santos Cau (2018)

A praia é conhecida mundialmente pela prática do surf². O encontro das águas do rio Doce com o mar faz com que as condições para prática sejam ainda mais

¹ A praia de Regência está a 53 quilômetros do centro de Linhares, por via parcialmente asfaltada pela Petrobrás entre os anos de 2004 e 2005. A entrada está a 9,5 km da sede, pela Rodovia BR -101 no sentido norte-sul. Informação retirada do livro Linhares: 1800-2005 História, cultura e atualidade de Elber Suzano. p.24

² As ondas da praia de Regência são consideradas pelos surfistas brasileiros uma das melhores para a prática do esporte no litoral brasileiro, comparadas com as praias de Floripa, Maresias e Saquarema. Segundo contam os amantes deste esporte, numa única praia se encontram 3 ondas distintas: Ondas longas - perto da boca do rio Doce, são as ondas mais extensas do ES, conhecidas como "primas de Bali". São ótimas para manobras. Ondas lizas- no Point 1 e Point 2, são curtas, quebram na praia e surgem em duas direções: para esquerda e para direita, parecidas com as ondas de Puerto Escondido, no México. Ondas tubulares - no Point 1 e Point 2, surgem em duas direções: para esquerda e para direita, permitindo a emoção de sentir a força da natureza envolvendo o corpo e

favoráveis. As grandes e estrondosas ondas contrastam com o clima tranquilo da vila. Segundo a última informação do censo a vila possui aproximadamente 1900³ habitantes.

A comunidade vive basicamente da pesca, do artesanato e do turismo. Em maior parte, eles são descendentes da miscigenação entre índios, brancos e negros. São pessoas simples, mas cheias de histórias, de vivência, de experiências, de lutas, de saberes e fazeres, que buscam perpetuar suas práticas garantindo-as de geração em geração.

Os relatos começam por volta de 1800 quando o lugar ainda preservava característica primitiva, as águas do rio eram fundas e as frentes de vento sul as deixavam ainda mais perigosas. Os indígenas deram o nome ao rio de VATU, provavelmente uma variação da palavra watu, que significa rio. Muito tempo depois, um outro nome foi atribuído ao rio: segundo uma história antiga, um grupo de navegadores portugueses que passaram pela foz encontrando água doce há mais de 6 milhas da barra deram-lhe o nome de Rio Doce. (ZUNTI, 2000, p. 21)

Poucos se atreviam a passagem do território pelo perigo do rio e por causa dos habitantes primitivos. Mas em 1800 o governador Antônio Pires da Silva Pontes viu que a região poderia trazer benefícios monetários para o estado, uma vez que o curso das águas ligava áreas importantes para o comércio indo do interior ao litoral do país. A partir daí, ele decidiu utilizar o curso como rota de transporte para fins comerciais, e para proteger a navegação o governador ordenou a construção de vários quartéis militares.

Dois quartéis são significativos para o surgimento de Regência Augusta: O primeiro que foi construído na foz, onde o rio se encontra com o mar, que foi chamada de Regência Augusta, em homenagem ao a D. João, príncipe Regente na época. O segundo foi chamado de Coutins, sendo esse o primeiro nome de Linhares (ZUNTI, 2000, p.38)

a alma. A foz do rio Doce tempera a água do mar tornando-a mais pesada, fazendo com que diminua a velocidade, enquanto que a presença de mais oxigênio gera maior quantidade de espuma, facilitando o fluxo da prancha. Seu pontal se lança oceano a dentro, fazendo com que a praia fique em mar aberto. Retirado do site: <[HTTP://WWW.REGENCIA.ORG.BR/SURFE.HTM](http://www.regencia.org.br/surfe.htm)>. Acesso 03/04/2017
³<[HTTPS://WW2.IBGE.GOV.BR/HOME/ESTATISTICA/POPULACAO/CENSO2000/DEFAULT_POPULACAO.SHTM](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default_populacao.shtm)>. Acesso 10/04/2017

Com a rota assegurada, o fluxo de navegação começou a se expandir e muitas mercadorias eram trazidas do litoral brasileiro para o interior e do interior para o litoral. Eram utilizadas embarcações a vapor que desciam e subiam o rio até Minas Gerais. Os barcos passavam pela foz do rio Doce em Regência Augusta e seguiam subindo até a Serra da Mantiqueira. O rio que cruza o estado do Espírito Santo em 180 km de extensão de leste a oeste foi cenário de muitas histórias construídas ao longo do tempo. (ZUNTI, 2000, p. 22)

A abertura dos portos abre caminho para os primeiros viajantes e contadores que marcam a história e o tempo com registro do que viveram. Os primeiros relatos contêm basicamente uma descrição dos lugares, algumas orientações, recomendações sobre os perigos e riscos, ilustrações e observações pessoais. Auguste Saint-Hilaire (1974) e Levy Rocha (1980) são dois desses viajantes que contribuíram com seus escritos registrando um panorama da região com anotações sobre a passagem do rio Doce, sobre Linhares, e de Regência Augusta que é o foco deste trabalho.

Essas obras são fonte de pesquisa e orientam o entendimento na relação do tempo presente diante da história. São as primeiras narrativas que contam sobre Linhares e a partir delas outras histórias foram construídas.

Elber Suzano (2005, p.28) no livro Linhares (1800 - 2005): História, cultura e atualidade, traz um estudo sobre o surgimento do município e conseqüentemente de Regência Augusta. Em suas anotações, ele descreve a importância do rio para origem da cidade.

O Rio Doce teve papel importante na formação do município de Linhares. Foi através dele que, em 1800, entre os meses de agosto e setembro, os primeiros colonizadores chegaram à região e implantaram um quartel destinado a proteger a navegação até a capitania de Minas Gerais. Com a missão de formar quartéis, o então governador da época, determinou a criação de um deles na foz do Rio Doce, chamado de Regência Augusta.

No Rio Doce, desceu em 1860 D. Pedro II e antes e depois dele, muitos outros visitantes. O rio constituía a possibilidade de navegação, do porto de Souza, perto da Cachoeira das Escadinhas, até sua foz, em Regência Augusta, no oceano. Mas entrar ou sair pela foz, na barra do rio, nem sempre foi possível sem perigo.

No livro *Caboclo Bernardo: O naufrágio do Imperial Marinheiro*, Norbertino Bahiense traz um registro do geólogo canadense Charles Frederick Hartt que passou pela região entre 1866/1867 fazendo anotações sobre a barra do rio Doce, em seu relato ele diz: “A foz é larga, baixa e obstruída por uma barra, na qual as ondas se quebram furiosamente. É sempre difícil, e algumas vezes durante semanas consecutivas é impossível entrar no rio Doce, e muitos navios se tem perdido ao tentarem-no.” (BAHIENSE, 1971, p.71)

Na desembocadura o rio é enorme, contendo dois canais de passagem, que nem sempre estavam abertos, o acesso dependia da movimentação dos barrancos de areia, do vento e as variações da maré. Essa alteração do rio provocava dificuldades de navegação pelo canal.

No *Panorama Histórico de Linhares*, a historiadora Maria Lúcia Zunti (2000, p.26) explica que “toda região ocupada hoje pelo município e áreas vizinhas era habitada por um grupo indígena, da grande nação gê de nome botocudo”. E continua:

Diante da ação expansionista do colonizador, na região do rio Doce, os antigos donos da terra tiveram apenas dois caminhos: ou submeter-se ou fugir. O primeiro foi feito a duras penas, tanto de um lado como de outro, e o segundo, isto é, fugir, chegou a um ponto que a expansão do branco tornou isso impossível. Não podendo ou não tendo mais para onde fugir se miscigenaram ou aculturaram. Aculturando-se, ou perderam-se no tempo e na história ou ficaram marginalizados.

No livro, *Caboclo Bernardo: História e cultura da barra do Rio Doce*, Reis (2003, p. 30) acrescenta que a expansão comercial da rota contribuiu na destribalização⁴ indígena da terra. Segundo ela, “no séc. XVIII, com as minas de ouro exauridas e objetivando o contínuo progresso das Minas Gerais, foi aberta a navegação do rio Doce, viabilizando alternativas de comércio, o que culminou com o extermínio dos botocudos”.

O caminho se tornou de grande importância, com fluxo intenso de navios, surgindo à necessidade de ampliação e melhorias nas condições de navegação. Foi o progresso que favoreceu a feitura do quartel e mais tarde o farol⁵ na boca da foz: o

⁴ Termo utilizado pela autora como processo de submissão dos botocudos a cultura dos colonizadores.

⁵ O farol só foi construído em 1895 após a tragédia com o navio *Imperial Marinheiro* na foz do rio Doce. Por ter sido instalado em lugar inadequado devido a barra sul oferecer mais perigo aos navegantes, 12 anos depois, em 1907, o farol foi transferido para o pontal sul em Regência. No início,

farol foi colocado para que as embarcações pudessem viajar e se orientar, principalmente durante as passagens noturnas ou em dias de chuva, e o quartel para proteger dos supostos ataques indígenas.

Fotografia 2 – Antigo Farol de Regência Augusta



Fonte: Patrícia Flávia dos Santos Cau (2018)

Regência Augusta carrega a memória do extermínio de grande parte das tribos indígenas da região, que sofreram com desenvolvimento. Poucos sobreviveram, e muitos acabaram sendo destribalizados. A história dos indígenas, que ocupavam a região se entrelaça a outras histórias, histórias de viajantes, de mercadores, de pescadores, histórias de gente que vinha de toda parte, de gente que passava e de gente que ali ficava. De tal modo os botocudos foram incorporando novas formas de viver/sobreviver: a vila foi nascendo, se construindo em memórias, e lembranças, misturando o jeito de viver indígena ao povo branco, negro, rico ou pobre. E o fruto desses são os pertencentes de Regência Augusta: os que chamamos de nativos e caboclos⁶.

sua iluminação era feita a gás, passando depois a funcionar através de baterias e luz elétrica. Em 1997, a marinha construiu em seu lugar um moderno farol de concreto, desmontando o centenário farol aço, de sendo sua cúpula, montada em frente ao museu com o objetivo de preservar como símbolo histórico de Regência. Em 1998, a Associação de Moradores de Regência pede o tombamento do farol, alegando ser ele o representante de toda transformação geográfica, histórica, cultural e econômica do rio Doce e da vila de Regência. FAROL DO RIO DOCE: possui proteção legal com a resolução nº5/1998 do conselho estadual de cultura. Inscrição no Livro do Tombo Histórico sob o nº 187, FOLHAS 31V E 32. Informação retirada da série Patrimônio Cultural do Espírito Santo, volume inicial que apresenta os bens imóveis tombados no estado. p 111.

⁶ Caboclo segundo o dicionário da Língua Portuguesa Houaiss: 1 mestiço descendente de índio e branco 2 caipira, roceiro matuto. Adj. 3 relativos a esse mulato e caipira, seus aspectos, seus hábitos,

Fotografia 3 – Primeiros habitantes da região (Botocudos)



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Regência (2018)

2.2 MEMÓRIAS GUARDADAS

Na busca por identificar a construção histórica da região fez-se necessário demarcar, também no campo social, as representações espaciais locais, considerando um mapeamento simbólico da região. Para Halbwachs (2003, p. 189) “[...] somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes.”

Com isso, a maior parte das informações históricas e documentais de Regência Augusta, apresentadas neste trabalho, foram encontradas no próprio ambiente, mais específico em três lugares da vila: o Museu Histórico de Regência, a biblioteca comunitária Vila de Regência e a casa de Congo. Le Goff (2013, p. 485) diz que, “ A memória coletiva e sua forma científica, a história, aplica-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos⁷.”

sua índole 4 da cor morena do cobre. O conceito de Caboclo usado no propósito desse trabalho vai além da ideia de descendente de índio e branco, mas também da concepção dos moradores da vila que se autodenominam caboclos por serem nativos da região.

⁷ Para Le Goff (2013) a história é a forma científica da memória coletiva. E pode ser observada em dois tipos de materiais: documento e monumento, uma forma está relacionada a outra e possuem igual importância no estudo da memória. Ele afirma ainda que não se deve separar o conceito de documento ao conceito de monumento. “O monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado” (LE

O museu fica localizado na praça principal da vila, em frente ao antigo farol. O museu guarda um panorama histórico e cultural da região, contendo fotos antigas e objetos, como o bastão do primeiro capitão da banda de Congo São Benedito, casacas e tarrafas. Nas paredes de um dos cômodos de cima a baixo é narrada a história do herói Caboclo Bernardo no resgate ao navio Cruzador Imperial Marinheiro. Na mesinha de centro ficam expostos dois livros: um com fotografias da região e outro de poesia, o livro do poeta e compositor Abdon Claudino “Regência Augusta em verso e Prosa”.

Já a biblioteca conta com um pequeno acervo de livros muito antigos que trazem histórias dos primeiros viajantes da região, como por exemplo o livro de Saint – Hilaire, Levy Rocha, Maria Lúcia Zunti, Regina Lúcia Rabello Reis, além de publicações sobre o projeto TAMAR e a pescaria artesanal. Dada a importância aos documentos históricos, Le Goff (2013, p.495) discorre que,

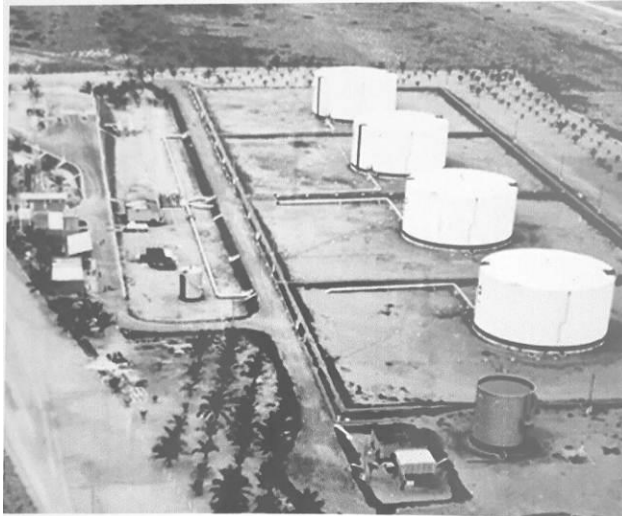
O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

Também foi encontrado um conjunto de textos contendo informações específicas sobre Regência Augusta, como por exemplo, questões econômicas e atrativos culturais da vila. A atividade econômica predominante ainda é a pesca, sobretudo artesanal. Paralelamente a pesca existe um complexo da PETROBRÁS, instalado a 3km de Regência Augusta.

GOFF, 2013, p. 486), sendo assim o documento também é um monumento, já que guarda historicamente dados de uma construção das sociedades para projetar ao futuro uma descrição imagética de si.

Fotografia 4 – Terminal da PETROBRÁS em Regência (1981)

SETOR DE OPERAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO - TORGUÁ / SETOES



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Regência (2018)

Trata-se de um centro de exploração de petróleo, recentemente desativado, e exploração de gás natural. Outra atividade econômica desenvolvida em Regência é realizada através do Projeto TAMAR, com apoio do IBAMA.

Entre os pontos atrativos e culturais, Regência Augusta preserva: A cúpula do antigo Farol, o Museu Histórico de Regência, a Igreja Católica, a Casa do Congo, Praça, o Busto de Caboclo Bernardo, o Porto, a Foz do Rio Doce, a praia e o Centro Ecológico. Este último espaço mencionado é um centro de visitação turística e de vivência da comunidade. O lugar foi criado em 1987 e conta com sala de exposições permanentes com quadros e jogos educativos.

Ainda sobre os atrativos, Bahiense (1971) resgata a memória histórica do herói nacional Caboclo Bernardo. Bernardo José dos Santos nasceu na região em 1859, filho de Carolina e Manoel dos Santos, aprendeu ainda criança o manejo com o rio e o mar, assim foi pescador desde sempre. Era chamado de caboclo devido a sua origem. Caboclo Bernardo teve seu dia de glória em 1887, quando o navio escola da Marinha, o Imperial Marinheiro, rumo a Abrolhos se chocou num barranco de areia do pontal sul do rio Doce. Mesmo em meio a tempestade daquela madrugada, Bernardo se lançou ao mar na tentativa de resgate da tripulação. Com uma corda amarrada a cintura, ele lutou contra as grandes ondas que se quebravam e impediam a entrada ao mar. Foram quatro tentativas até finalmente alcançar o navio. Bernardo conseguiu salvar 128 pessoas.

Fotografia 5 – Busto do herói Caboclo Bernardo



Fonte: Patrícia Flávia dos Santos Cau

Caboclo Bernardo recebeu homenagens pelo feito heroico das mãos da princesa Isabel, dando-lhe uma medalha e o título de herói nacional. Bernardo morreu em 1914, aos 55 anos, vítima de um tiro disparado pelo caboclo Leonel Fernandes de Almeida. Mas sua história vive até hoje, e é contada e cantada pelos moradores da vila.

Sob o mesmo ponto de vista Valim (2008, p.58) discorre que, Caboclo Bernardo,

Torna-se então o herói e o modelo de superação da condição adversa proporcionada pelo drama no caso originário o salvamento dos naufragos do navio Imperial Marinheiro e no atual tutelamento da comunidade pelas políticas ambientais e energéticas. Bernardo o morador da Vila que supera a condição dramática do naufrágio convertendo-a em uma situação favorável constitui-se assim como um paradigma de comportamento para a população da Vila que se auto reconhece caboclo.

O Busto de Caboclo Bernardo fica exposto na praça de Regência Augusta, lembrando todos os dias, do ato heroico realizada por ele. Le Goff (2013, p.486) explica que, “O *monumento* tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) [...]”. O busto de Caboclo Bernardo é a forma material da história que ele representa.

A casa de Congo foi o último espaço a ser visitado. O lugar fica próximo a igreja, e em relação ao Museu Histórico de Regência fica do outro lado da praça. Em resumo,

esses três espaços ficam bem perto um do outro. A casa de Congo além de ser usado para ensaios, guarda também, informações importantes da trajetória histórica da banda ao longo dos anos. Pregado nas paredes os banners ficam expostos mostrando imagens de apresentações, estandarte de santos, letra de música, projetos já participados, em um deles, por exemplo, é possível conferir uma lista de todos os mestres da banda de Congo adulto (São Benedito).

Fotografia 6 - Casa do Congo



Fonte: Patrícia Flávia dos Santos Cau (2018)

Halbwachs (2003, p. 163) argumenta que uma cidade é muito mais do que ruas, casas e árvores. São as pessoas e a relação delas com os objetos materiais que se elabora a estrutura histórica dos lugares: “As pedras e os materiais não oferecerão resistência. Os grupos resistirão e, neles, você irá deparar com a resistência, se não das pedras, pelo menos de seus arranjos antigos. Certamente essa disposição anterior foi outrora a obra de um grupo.”

A casa do Congo, por exemplo, é um espaço carregado de elementos simbólicos. Os objetos ali expostos conservam a memória da prática cultural, e a impressão que

se tem é de vivenciar todos os duzentos anos de história da banda ao mesmo tempo. Isso porque o “[...] ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros.” (HALBWACHS, 2003. P. 157)

A memória coletiva da comunidade, também, está guardada pelos narradores, anciãos, que resistem ao tempo, e não permitem que o esquecimento leve embora toda a história de vida que foi construída até aqui. É com orgulho que eles contam a história da vila emaranhada a sua própria vida: uma história de gente simples que vive da pesca, do mar, que canta a vida embalada no ritmo do reco-reco, da casaca e a batida do tambor. Como conta Luciana Oliveira⁸ (2018),

[...] a gente quer celebrar a vida, então a gente fala sobre a fauna, sobre as pessoas que foram importantes, sobre a relação do Congo com a igreja católica, a gente fala sobre a nossa natureza. Dentro do Congo a gente tenta sempre celebrar a vida e lembrar do porque estamos aqui, que o Congo é nossa vida.

Benjamin (1994, p. 211) no texto *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov relaciona* a transmissão de conhecimentos a condição de memória: “A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração a geração.”

A marca da oralidade está presente no cotidiano da vila, sua história permanece viva por meio da fala dos narradores que contam sobre sua vivência e junto a elas incorporam as lendas, mitos, heróis, personagens folclóricos, acontecimentos sociais exteriores que pertencem à comunidade, tudo se relaciona e ganha vida dentro do mundo simbólico da tradição oral e é justamente isso, que a torna singular. Walter Benjamin (1994, p. 197) levanta a preocupação dizendo que, “a arte de narrar está em vias de extinção.”

Nesse ponto de vista ainda, Benjamin (1994, p. 205) alerta sobre a importância do vínculo entre narrador e ouvinte como fortalecimento da memória e identidade. Os ouvintes precisam se identificar como um elemento pertencente à cadeia cultural,

⁸ A entrevista com Luciana Oliveira foi realizada em janeiro de 2018. Luciana Souza de Oliveira é professora de Língua Portuguesa e trabalhou nos anos anteriores na escola E.E.F.M Vila Regência. Atualmente ela é responsável pelo ensaio da banda de Congo-mirim. É nativa da vila, filha do pescador Sabino Bispo (um dos primeiros mestres do Congo São Benedito). Ela se envolve em vários projetos da vila. Recentemente criou uma marca “Pimenta Nativa”. Junto com costureiras locais e com a ajuda do projeto TAMAR produz uma linha de camisas dialogando com as práticas culturais de Regência. Trabalha no posto de saúde da vila e participa da Associação de moradores.

sujeitos que carregam a herança de seus ancestrais, num movimento de encontro e desencontro, onde as diferentes gerações se descobrem dentro da mesma história contada. Segundo ele, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

A particularidade de cada narrador é de certa maneira entrelaçada pela história que foi contada anteriormente. Pois, como afirma Eclea Bosi (1994, p. 55) “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” A dinâmica de relação entre experiências passadas com a dinâmica do tempo presente resulta numa memória ressignificada, onde as lembranças se encontram e garantem a vivência dos valores e hábitos cotidianos do grupo.

Ainda sobre os narradores, que contam as histórias de Regência Augusta, suas vozes aparecem ao longo do trabalho, dialogando com o contexto cultural da vila e com as ideias dos teóricos utilizados.

2.3 A HISTÓRIA COMO MEMÓRIA VIVA

A história de Regência Augusta é revisitada através da memória social dos sujeitos que participam ou participaram de sua construção. Cada um que conta sua experiência, sua versão da história, deixa uma marca simbólica de referências que, irá se amarrar as ideias dos participantes do grupo que também vivenciaram do mesmo evento, é conseqüentemente criaram suas representações. Dona Conceição⁹ construiu grande parte de sua história na vivência com o grupo da banda de Congo São Benedito. Ela conta como tudo começou,

Antes de morar fomos fazendo amizade com todo mundo aqui em Regência e participamos cada vez mais. Um dia estavam pedindo oferta para a festa

⁹ Maria Conceição Costa é professora aposentada. Tem 70 anos. Nascida em Linhares, mas sempre frequentou a vila. Depois de uma certa afinidade com a comunidade foi convidada a participar das atividades locais. Dona Conceição é uma figura ilustre na vila. Ela participa ativamente do Congo, sendo também a responsável em carregar o estandarte com a imagem de São Benedito durante as apresentações.

de São Benedito e vieram aqui em casa. A irmã do seu Humberto gostou da gente e convidou para participar do grupo. 15 dias antes da fincada do mastro, em janeiro. Eu perguntei o que ele precisava e fui até o Pedro Grassi que me doou a carne que faltava. Aí eles queriam que eu ficasse no grupo, a Elza irmã do seu Humberto (chave da casa do Congo), pediu, mas disse que só ia participar quando morasse aqui, mas continuei ajudando eles, até que um dia entrei no Congo.

Nesse sentido, o grupo ao qual se está inserido é de fundamental importância para o processo de construção da memória. Eclea Bosi (1994, p. 54) discorre que “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”.

Igualmente as lendas, as canções, as práticas e as histórias continuam a existir no imaginário das pessoas, porque o que se ouviu sobre eles, de uma experiência anterior, pode ser também vivida e sentida com a experiência do agora, dessa geração. E as lembranças vão sendo ressignificadas a cada nova geração, pois como afirma Benjamin (1994, p. 198), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. “Com isso cada nova geração herda do passado um legado cultural, uma história que foi contada anteriormente que se mistura numa ação contínua, cíclica de lembranças cruzadas, convergindo numa mesma direção: a construção da memória coletiva.

Segundo Halbwachs (2003, p. 36) há duas maneiras de organização das lembranças: “[...] uma que se agrupa em torno de uma pessoa definida, que as considere de seu ponto de vista, outra que distribuir-se no interior de uma sociedade grande ou pequena, de que elas são outras tantas imagens parciais”.

O grupo do Congo São Benedito tinha mais de 100 anos e precisava ser registrado. Era muito tempo que existia e aí começamos a pesquisar. Fomos juntando as pessoas mais idosas, seu Humberto, seu Josmar, Seu Joãozinho, e fomos procurar a saber com a dona Luíza, que era a mais idosa da comunidade. Ela contou tudo como era e como não era. Aí conseguimos criar um documento para registrar o Congo.

O que se percebe dentro dessa organização da lembrança é que as lembranças individuais estão dentro do campo maior das lembranças coletivas. Embora, particulares a cada indivíduo, ela traz em si uma visão parcial de um todo maior que irá se formar dentro da memória coletiva. Nesse caso, o autor deixa claro que a

memória coletiva envolve a memória individual. Ainda sobre a memória individual, Halbwachs (2003, p.37) considera que,

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.

Com isso aglomeração das imagens individuais que possui de certa forma um objeto comum, nessa ocorrência são memórias de indivíduos diferentes sobre o mesmo elemento, é fruto do conjunto maior formulada a partir da memória coletiva.

Esse processo está intimamente relacionado com as práticas que são transmitidas para futuras gerações, como é o caso das práticas culturais de Regência Augusta.

De acordo com Halbwachs (2003. p. 39),

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento do passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte é continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.

Assim as lembranças são experiências do passado que se materializaram por meio das histórias contadas no tempo presente. E por sermos seres sociais não podemos separar a história individual da história coletiva. Para Halbwachs (apud MEIHY, 2015, p. 52),

[...] a memória coletiva é marcada pela afinidade repetida de vivência comunitária de alguns dramas, é na incidência dos problemas é na busca de soluções que se evidencia o efeito da experiência comunitária. Nessa linha, lembrar é um desafio fundamental. A memória se constitui assim em artifício político-social para marcar elementos identitários de uma comunidade.

A vida cotidiana em Regência Augusta está diretamente relacionada ao rio Doce e ao mar. Mesmo quem não é pescador vai ao cais olhar a saída e entrada dos barcos, uma ação que se repete todos os dias, e não esgota de sentidos. Do movimento de fazer dia após dia a mesma prática sustenta a sensação de permanência e continuidade.

As crianças, de olhos e ouvidos atentos, observam com mais curiosidade: querem aprender com o pescador o manejo do barco, o ritual para puxada da rede, escutam as conversas sobre os ventos e mudança de mares, os causos de peixes grandes, as aventuras que acontecem mar adentro, e assim dia após dia constroem suas experiências em relação ao rio, ao peixe. Marcos Odio Martins de Assis¹⁰, pescador de Regência, conta que,

Meu filho pesca comigo no rio, né? No mar não. A gente pesca de rede. Costumo levar ele comigo em pescaria no rio, no mar ainda não levo não, porque ele é menor de idade e é perigoso. Ele fica ansioso porque tem tipo de pesca que a gente solta a rede transversal ao rio e deixa ela descendo aí tem um tempo hábil no nosso ofício pra puxar a rede. Então ele fica falando: então pai vamos lá vê se têm uns peixinhos, ele é meio que ansioso pra ver. Negócio dele mesmo todo é ver todo trabalho do pescador realizado, que é a rede com os peixinhos subindo. É nosso trabalho e da onde vem nosso sustento, todos pescadores querem ver a gente pegar peixe, ele é meio ansioso é da idade, ele ainda tem 16 anos. Mas um dia ele vai compreender que não é tudo. O importante é ir lá fazer o seu serviço e voltar, nada como um dia após o outro.

As crianças adoram o rio, elas nascem ouvindo histórias sobre ele e querem construir suas experiências. Luciana Souza de Oliveira (2018) define,

A história do meu rio é a do meu pai descendo o rio numa canoa cheia de arroz. Essas águas tinham muitas ilhas e eram plantadas arroz e descíamos o rio cheio de saco de arroz e eu sentada em cima. Esse rio é eu correndo pelo quintal e o telhado de casa ser laranja de camarão pitú, a gente ferventava e colocava no telhado para o meu pai vender em Linhares e Colatina. A gente subia as escadas e pegava o camarão e comia. Minha mãe falava pra gente ir lavar as vasilhas com fundo preto e a gente esfregava no rio. Até brilhar. Brincávamos no rio. Foi na beira do rio que eu dei o meu primeiro beijo. Foi no rio que eu aprendi a valorizar o que eu sou de fato.

É nesse cenário que muitas lembranças foram erguidas, e é a partir delas que outros se fizeram significativas às tradições locais. Eclea Bosi (1994, p. 53) diz que “A lembrança é a sobrevivência do passado”. Zé de Sabino (2018)¹¹ relata que “O conhecimento que tenho aprendi com papai. A gente pescava, plantava, colhia e comia. E a gente caçava. Não tinha recursos, mas tinha liberdade, tinha natureza.

¹⁰Marcos Odio Martins de Assis, pescador e secretário da ASPER (Associação de Pescadores de Regência). A avó de Marcos era filha de pescador e casou com o avô que era maquinista da vale. Por ele ser maquinista teve que ir para vitória. Por um Motivo do trabalho do avô e do meu pai ele e os irmãos foram criados lá, mas nunca deixaram de frequentar a vila.

¹¹ Entrevistado em fevereiro de 2018.

Fotografia 7 – Foz do rio Doce



Fonte: Patrícia Flávia Dos Santos Cau (2018)

Ao contar sua história de vida, esses sujeitos narram a si mesmo, numa relação dialética, em que não se separa aquilo que se vive daquilo que se é. Assim, a construção da história pessoal tanto quanto a construção da identidade são processos ligados a memória que cada sujeito traz de si num contexto maior ao qual está inserido. Segundo Halbwachs (2003, p. 57) “[...] em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova e que, neste sentido, cada um de nós tem uma história.”

Todos os autores trazidos até aqui e tantas outras pessoas contribuíram com a construção da história, trazendo suas percepções, ideias, pensamentos e lembranças, que embora sejam únicas, particulares, diferentes em tempo e espaços, se encontram na teia maior que forma a memória, evitando talvez o que Peter Burke (2008, p. 88) chamou de “reação a aceleração das mudanças sociais e culturais que ameaçam as identidades, ao separar o que somos daquilo que fomos.”

No próximo capítulo trataremos de observar as narrativas trazidas pelos moradores da vila analisando como elas se relacionam e marcam o grupo em sua coletividade.

3 LEMBRANÇAS CONTADAS: HISTÓRIAS DE PESCADOR

3.1 A PESCA ARTESANAL EM REGÊNCIA AUGUSTA

Desde o período de reconhecimento das terras capixabas, a região norte sempre foi caracterizada pela abundância em água. O lugar cercado por rios, lagoas e mar desenvolveu naturalmente a prática da pescaria entre os habitantes. O mesmo processo aconteceu em Linhares e conseqüentemente com Regência Augusta.

A habilidade com o trato do peixe, por exemplo, é um conhecimento trazido do tempo em que os indígenas ainda ocupavam a maior parte dessas terras, a prática artesanal, o jeito de fazer o trabalho é uma experiência ancestral desses povos. No período de exploração das terras capixabas, ainda no século XVIII, há relatos que contam que os indígenas que viviam nessa área pertenciam ao grupo denominado Jê, são eles: Aimorés, Goitacazes e Botocudos. Assentados entre o rio Doce e o vale do Cricaré, eles desenvolveram a prática e se tornaram exímios pescadores. Além da pesca faziam a caça e eram pouco ligados a agricultura, como narra Simão (2006, p.19).

Prática semelhante foi observada na transcrição do diário do imperador D. Pedro II, feita por Levy Rocha (1980, p.205), na passagem do monarca por Regência, onde ele traz um comentário sobre um dos moradores da vila daquela época. “[...] à direita Regência com algumas casas de palha sendo a melhor de James que foi maquinista do vapor Rio Doce e casou. Brasileiro estando viúvo com 4 filhos; vive de caça e pescaria pouco planta; [...]”

Sobre o desenvolvimento histórico da pescaria artesanal brasileira é possível encontrar os primeiros registros a partir de 1846 com a promulgação da Lei 447, que atribui a Marinha Brasileira o controle das atividades em território nacional. A partir de 1919 surgem as primeiras políticas públicas a fim de regularizar as atividades. Uma das primeiras ações foi à construção de mil escolas localizadas em colônias estratégicas para servir como ponto de fiscalização, vigilância e controle. Durante 4

anos as escolas atenderam mais de 100 mil pescadores. Na década de 1920 o Ministério dos Negócios da Marinha criou estatutos para normatizar a atividade. Em 1932 é formada a Divisão de Caça e Pesca que integrava o Departamento de Indústria Animal do Ministério da Agricultura, daí para frente inicia-se o processo de industrialização da pesca. (BRANCO E SGANZERLA, 2010, p. 20)

Dentro da divisão de zonas pesqueiras Regência Augusta faz parte da colônia de Pescadores Z-6 Caboclo Bernardo de Linhares com o trabalho voltado para prática totalmente artesanal. Os pescadores de Regência Augusta produzem praticamente tudo que precisam para pesca, desde a confecção das redes, o remendo dos barcos, a limpeza dos peixes, a venda e o próprio consumo. Dessa forma quando um pescador não está no mar, ele está na lida (palavra utilizada por eles para representar as tarefas), arrumando seu objeto de trabalho para a próxima pescaria. Além do fator econômico a pesca em Regência Augusta é uma expressão cultural da comunidade.

Assim, podemos dizer que o processo diário de feitura manual se caracteriza numa relação muito íntima entre cultura e a natureza, é um saber fazer que nasce naturalmente das relações sociais e do contato com o meio ambiente. O local é propício tanto para a pesca no rio como no mar, alternando de acordo com as variações climáticas da região, que exige do pescador um conhecimento muito específico sobre o ambiente, as variações da maré, da lua, a mudança das estações, a entrada dos ventos, os períodos de reprodução das espécies, como explica Leônidas Carlos¹² (2018):

Tem que saber a hora de botar a rede, de entrar e sair do mar. A mudanças da lua, a maré. Se você não souber e botar sua rede na lua cheia você perde seu material. Tem que entender a movimentação do peixe, que sofre influência da maré, da lua, se puxa para o rio ou para o mar. Se você não souber, é como cavar buraco dentro da água.

A pesca no mar é realizada de barco e só é possível a entrada pela desembocadura do rio Doce, a boca da barra, que passa à margem da vila de Regência Augusta. Segundo relato dos pescadores, a passagem tem ficada cada vez mais estreita, a

¹² Leônidas Carlos é presidente da Associação de Pescadores de Regência Augusta (ASPER). A associação recebeu o nome de Sabino Bispo de Oliveira em homenagem a dedicação e compromisso que Sabino sempre prestou aos pescadores como também seu envolvimento com Congo e com toda comunidade da vila.

foz está encolhendo e os bancos de areia dificultam a saída do rio para o mar¹³. Sem a passagem não é possível a saída dos barcos para o mar:

Hoje o rio está degradado. Desmataram a foz do rio e foram aterrando, acabou o rio. Daqui pra frente vai acabar. Coisa que nunca vi foi a barra fechar, e agora já vi foi duas vezes. O leito do rio ficou mais baixo do que o mar, aí o leito não tem corrida. O mar ficou lá em cima, a onda vem e fica aterrando. Eu digo para você, o que é o estudo e que é a prática? Tem que ter o estudo, mas também a prática. Vieram aqui com um monte de máquina para cavar a barra fechada. Eu disse que não ia adiantar e o cara da máquina perguntou porquê. Eu expliquei a ele, o rio não tem força para jogar, o mar que tem força. Ele disse “que nada, a gente vai tirar e a água vai correr”, respondi que se eles dão duas pasadas com a pá mecânica, vem uma onda e enterra de novo. Foi dito e feito. Aí eu disse, quando a água chegar, o leito do rio vai subir e a barra abre. No outro dia quando a lama chegou a barra estava aberta mais de 100 metros. Aí eles falaram pra mim que eu estava certo. Fui nascido e criado aqui, eu sei como é isso. (Informação verbal, CARLOS, 2018)

O desmatamento e a degradação nas margens foram ao longo dos anos assoreando o rio e hoje o leito está mais baixo, o mar está mais alto, as ondas vem e batem na margem jogando areia, bloqueando gradativamente o fluxo natural que liga rio e mar.

As mudanças ambientais, bem como as mudanças econômicas e culturais que vêm ocorrendo refletem diretamente com a cadeia produtiva e sociocultural das regiões ribeirinhas da foz do rio Doce.

3.2 “Ô CABOCLO, VOCÊ QUER PESCAR MESMO?”

Leônidas Carlos tem 71 anos de idade. Ele é um homem simples, de fala mansa, caboclo, pai de 10 filhos e um dos pescadores mais antigos da vila. E como todo bom pescador gosta de contar histórias. Sua vida é marcada por experiências sustentadas em meio a sua relação com as águas de Regência Augusta, dali ele tirou seu sustento, criou sua família, formou laços de amizades e assim construiu uma vida. Burke (2008. p.33) nos diz que “[...] lembramos aquilo que nos interessa pessoalmente ou que se encaixa no que acreditamos[.]” Leônidas sempre soube que seria pescador, essa é sua lembrança mais verdadeira.

¹³ É também muito praticada a pesca de "peito" e com botes (pequenas embarcações) na beira da praia.

A história de Leônidas começa a ser contada a partir de suas recordações do tempo de criança, ele descreve que passava horas à beira do rio vendo o trabalho com peixe, observava atentamente a entrada e a saída dos barcos, a puxada da rede e a retirada do pescado. “Minha infância, meu pai me levava muito para roça, não tenho muito estudo não, eu pedia meu pai para pescar de lança e meu pai não deixava. Ele era jangadeiro, não era pescador. E eu ia escondido. Deixava de ir pra escola.” (LEÔNIDAS CARLOS, 2018)

O pai era jangadeiro e desejava que o filho estudasse, mas na escola Leônidas se sentia reprimido, tinha medo da professora e fugia sempre que podia, queria mesmo era aprender as coisas do mar:

Na minha infância eu pedia meu pai para pescar de lança e meu pai não deixava. Ele era jangadeiro, não era pescador. E eu ia escondido. Deixava de ir pra escola. Tinha um professor que era muito ruim, ele tinha uma régua de jacarandá com dois dedos de grossura. Se fizesse mal feito lá ia para porta de joelho e braço aberto. Eu tô falando porque aconteceu comigo. Você pedia para fazer xixi, não podia. Fazia embaixo da cadeira e chegava em casa tomava outra surra. A gente ficava com medo de ir para escola. Os professores antigamente, achava que a gente tinha que aprender era na marra. Eu fugia para pescar. Às vezes meus pais ficavam felizes que eu trazia peixe, mas falava que eu tinha perdido o dia na escola, mas não batia porque trazia peixe. Minha avó dizia que eu ia pra escola no outro dia. E eu dizia que se fosse eles iam me bater de novo. Às vezes eu ficava escondido lá fora e voltava para casa dizendo que tinha ido. Eu via a professora batendo, colocando de castigo, e eu olhava e ia embora, ia aprender a pescar, aprender a remar, a jogar a rede e pegava muito robalo na época. (LEÔNIDAS CARLOS, 2018)

No fragmento acima, podemos considerar três situações pertinentes, a primeira é a vontade do pai, a segunda é a educação repressora e por último a resistência da cultura local que envolve Leônidas e o encaminha para prática da pescaria. O desejo do pai pode estar relacionado a possibilidade de uma vida melhor para o filho se este for à escola, nesse caso, a educação é vista como uma chance da família ascender socialmente.

Esse desejo de ascensão social é uma ocorrência em nossa sociedade, as famílias acreditam que por meio da educação os filhos se tornarão intelectuais, alguém que saiba usar as palavras, discursar, falar em nome deles. Como vimos na lembrança trazida por Leônidas, muitas vezes as escolas ensinam os ideais da classe dominante, tentando enquadrar os alunos em um cenário ideológico em que prevalecem os valores culturais da elite, o aluno é submetido a uma educação

repressora, que impõe ensinamentos desconexos da sua realidade. Esse distanciamento do contexto da vida do aluno, pode provocar abandono a escola. O que explica a atitude de Leônidas ao fugir. Infelizmente, o que aproxima os dois mundos, da escola e da família, era a violência sofrida. Nos dois ambientes a repressão é usada como ferramenta de ensino.

Mas o que se percebe é que os líderes comunitários surgem do próprio ambiente ao qual eles estão inseridos. O sujeito Líder só pode surgir a partir do desenvolvimento primário das relações de seu grupo de referência.

Ainda buscando uma significação interpretativa ao relato acima trazido por Leônidas, lembremos de Benjamin (1994, p. 220-221) quando ele afirma que um discurso não é dito apenas por palavras, mas por todo um conjunto de expressão que se relaciona. “[...]a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos[...] que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.”

Parece válido analisar o comportamento de Leônidas no momento em que ele fala sobre a repreensão da escola: ele cruza as mãos, faz um gesto com a cabeça e a inclina para baixo, seu olhar se perde no chão e depois de alguns segundos se refaz e quando volta em minha direção demonstra uma aparência de desconfiança. Ele conta com os olhos o que as palavras não conseguem dizer, caberiam nesse olhar “cem maneiras” de interpretar o que não foi dito, e só podemos supor que a lembrança cause tristeza, magoa e dor.

Tal gesto pode ser pensado também por um estado involuntário muito característico dos moradores nativos da vila quando estão diante de situações que para eles possuem confiabilidade relativa. Percebe-se aí que normalmente eles assumem uma postura de afastamento, de não querer estar próximo.

Leônidas era mais feliz no mar. Seu testemunho de vida revela a força da cultura local. No mar ele se sentia livre e como mesmo disse “Não dá pra explicar a sensação que se tem quando você olha para o horizonte e se perde entre céu e mar porque ali eles são um só.”

Aí fui crescendo, aprendendo a ser gente e quando fiquei rapazinho eu decidi: serei pescador. Aí tinha o finado Roberto e o Silvio, eles disseram “O caboclo, você quer pescar mesmo?” eu disse que sim e estou aí até hoje. Não me arrependo. (LEÔNIDAS CARLOS, 2018)

A pesca em Regência Augusta ainda é um trabalho familiar que usa técnicas tradicionais naturalmente transmitidos dos mais velhos aos mais jovens, sendo aparentados ou não, fato que aconteceu com Leônidas que aprendeu o ofício com os pescadores mais velhos da região. E ele por sua vez repete a ação ensinando seus filhos e os filhos dos outros a prática da pescaria. É um fazer que se renova a cada geração, que nasce do dia a dia, da relação singular entre os moradores do lugar:

Nasci aqui ensinei muitos filhos daqui a pescar, assinei carteira deles. A gente pescava muito de linha, pegava Mero, Cação. Mero hoje está em extinção. A gente colocava a linha na praia e depois que o peixe engolia a isca e gente cansava ele. A gente ficava mais de 1 hora para cansar ele. Fui criado assim, na natureza. Pegar o peixe fazer a moqueca, pegar a tartaruga que foi criada no limo do mar. O que eu já passei na minha vida, se eu morrer amanhã, eu morro satisfeito. Você quer ver sair daqui de manhã, você só vê céu e mar, os golfinhos passando, as sardas, depois a gente joga a linha. Isso é lindo demais. Já gozei minha vida e criei 10 filhos e mais filhos dos outros. (Leônidas Carlos, 2018)

Numa das histórias de Leônidas, ele narra que pegou o maior peixe da região, um cação espada com 1200 quilos e 8 metros de comprimento. A espada do cação se enrolou na rede e ele veio rebocado até a praia, abriram e tinha 14 filhotes e se alguém não acreditar, Leônidas garante que o animal está embalsamado e exposto no museu Lorenzutti em Linhares.

Em outra lembrança, ele conta sobre o tempo de criança quando brincava na praia e observava curioso a movimentação das tartarugas entrando na praia, cuidando dos seus ovos e voltando ao mar. Nesse tempo ainda se podia comer o ovo da tartaruga.

A gente comia muito ovo e carne da careba. Não tinha proibição. Matava ela, tirava o quarto botava para secar e comia com farinha e café. O ovo é uma delícia. Agora a gente não pode comer. Eu fico com saudade. (LEÔNIDAS CARLOS, 2018)

São muitas memórias construídas em torno do mar e da vila, algumas tristes outras alegres, mas a que traz maior orgulho para Leônidas Carlos é contar a história da associação de pescadores de Regência Augusta.

A data de criação da ASPER oficial é julho de 1998, data do registro no cartório. Antes tinha a capatazia da Colônia de Pescadores Z6 de Linhares em que o Sr. Sabino Bispo de oliveira era o representante. Ele também iniciou, pouco antes de morrer, a discussão de uma associação, mas não havia nada concretizado. Quando Sabino Bispo morreu, a Colônia ficou sem Capataz em Regência, cargo que foi ocupado pelo Sr. Noel R. de Assis em 1996. Depois, o Tamar e o Incaper/Linhares incentivaram a criação da Associação, onde o Noel com outros pescadores se articularam e em 1998 foi feita a Assembleia de aprovação do estatuto, criação da associação e eleição da primeira diretoria, com seu registro em cartório e no CNPJ. Depois do Noel, o Leônidas passou a ser o presidente, o qual já participava da diretoria e de todo o processo de organização da pesca em Regência. (SANGÁLIA, 2018)

De todas as lembranças trazidas durante a entrevista com Leônidas Carlos distingue-se com maior atenção o cooperativismo entre os pescadores locais,

A associação tem quase 30 anos. O primeiro presidente era o Noel e eu era fiscal. Quem criou a associação foi o seu Sabino Bispo, colocamos o nome dele. Zé de Sabino é o tesoureiro. Fazemos tudo com muita união. Se não tiver união não chegamos a lugar nenhum. Quando eu falei que ia sair ninguém quis. Eu só fiquei porque eles me pediram muito e eu sei como a associação é importante pra todo mundo. Eles falavam assim: Seu Leônidas você não pode sair não! O senhor tem um conhecimento muito grande e outra coisa o senhor sabe lidar com as pessoas, o senhor organiza as reuniões, explica as coisas pra gente direitinho, como tem que fazer, qual o caminho melhor qual é o pior, qual que nós vamos seguir, o senhor é nosso porta-voz, sem o seu conhecimento nós ficamos perdidos, a gente não sabe o que fazer. (LEÔNIDAS CARLOS, 2018)

O companheirismo, a preocupação com os amigos de pesca fez de Leônidas um líder. Hoje o grupo possui uma média de 80 pescadores regulamentados, destes 36 são donos de barcos, e todos possuem a carteirinha da associação. O sistema cooperativismo de Regência Augusta é considerado modelo de organização da prática artesanal de pesca do Espírito Santo. “Toda minha vida gostei das minhas coisas muito direitas, porque quando o Ibama, ICMBIO vier está tudo certo, isso meu pai me ensinou e eu aprendi muitas coisas com os pescadores antigos também.” (LEÔNIDAS CARLOS, 2018).

A ASPER conta com o apoio da Prefeitura Municipal de Linhares, do governo federal e de empresas privadas como a Petrobrás e FIBRIA. O objetivo da associação é a

representação, promoção do desenvolvimento socioeconômico dos pescadores e a defesa dos direitos e interesses da comunidade. Vale ressaltar que a associação não interfere no processo primitivo original da prática, o trabalho continua sendo uma produção individual envolvendo todas as etapas do modo de feitura sem divisão de funções. Cada associado é responsável pelo seu pescado. (LEÔNIDAS CARLOS, 2018)

Em 2009 a associação conseguiu a fábrica de gelo, a qual o ministro Gregolin veio inaugurar. Em 1996 começa a Unidade de Beneficiamento de Peixe com um grupo de mulheres e com equipamentos que o TAMAR conseguiu com o BIRD – recursos financeiros internacionais na casa emprestada pelo Sr. Santo Poltronieri, a qual depois foi comprada em 1999 com recursos da Petrobrás por meio de convênio com o TAMAR. Atualmente a Unidade de Beneficiamento não está produzindo, pois não tem peixe, está em reestruturação e licenciamento por meio de condicionante da Petrobrás. Atualmente, a ASPER dispõe de uma fábrica de gelo, uma horta comunitária e ainda com a Unidade de Beneficiamento produzindo também filés e bolinhos do pescado.

É importante ressaltar que a ASPER surgiu do engajamento dos pescadores que, liderados por Sabino Bispo e Leônidas Carlos criaram uma organização baseada no respeito e comprometimento pela preservação das práticas culturais e pela vida do povo ribeirinho da foz do rio Doce. Igualmente podemos dizer que Leônidas Carlos nunca esteve só, sua prática e seu testemunho ecoam de muitas vozes do passado que compartilharam o mesmo desejo em comum. Halbwachs (2003, p.42) diz que mesmo um homem estando só “[...]ele esteve sozinho apenas em aparência, pois, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e seus atos se explicam por sua natureza de ser social e porque ele não deixou sequer por um instante de estar encerrado em alguma sociedade.”

Esse processo evidencia a construção coletiva de um passado em comum e compartilhado pelo grupo, e por possuírem motivações e interesses semelhantes às memórias trazidas se entrecruzam e se relacionam elaborando uma representação sobre estas ações: “a partir daí compreenderemos melhor que a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos

consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas.” (HALBWACHS, 2003, p.61).

Para além da entrevista de Leônidas Carlos, esse estudo buscou informações de outros pescadores da região, tentando identificar as relações que se estabelecem entre as lembranças trazidas individualmente e que se articulam dentro da construção da memória coletiva do lugar.

Leônidas Carlos e Sabino Bispo compartilham de lembranças do passado em comum construídas a partir da relação entre eles com o lugar e do objeto de interesse que os mesmos possuíam. Leônidas Carlos continua ativo e trabalhando todos os dias, Sabino Bispo faleceu há alguns anos, mas deixou no filho, Zé de Sabino¹⁴ o legado de uma vida e é ele que nos conta a próxima história.

3.3 UM ZÉ EM CADA PESCADOR

Dada a relevância de Sabino Bispo para história local esse trabalho não poderia deixar de relatar sua participação nas ações políticas e nas relações afetivas construídas junto à comunidade de Regência Augusta ao longo dos anos. Como narra Zé de Sabino (2018):

Ele se envolvia em todos os segmentos da cidade, naquela época tínhamos pouco recursos, mas meu pai tinha muito conhecimento. Ele era envolvido na associação de moradores e a associação de pescadores foi ele que começou. O Congo ele também começou, a igreja e a escolinha de futebol para as crianças. Ele não interferia no centro espírita, ele não apoiava. Para nós, em casa, ele era muito radical, mas para a comunidade ele era sensato, mas isso não vem ao caso, não era ruindade. Eu admiro muito ele, queria que ele estivesse vivo hoje. Não era ruindade ele, ele queria fazer uma pessoa em mim que eu sou hoje. Eu queria que ele estivesse vivo pra curtir ele hoje, como menino e como o homem que sou que ele queria, mas não com medo, porque hoje estou na direção e isso eu agradeço a ele. É aquele lance, o pai nunca é bom pro filho, mas na verdade ele é bom porque ele está pensando o que é melhor para o filho. Tenho uns 3 sítios de ilha no meio do Rio Doce e vou pra lá às madrugadas, gosto de caçar, sei que é proibido, mas é um hábito meu né. Não ensino pros meus filhos. Hoje o mundo está diferente, mas se um filho meu quiser aprender ele vai

¹⁴ Elcio José Souza de Oliveira, Zé de Sabino, atualmente com 51 anos de idade é um participante ativo da vila, assim como seu pai, ele faz parte da associação de pescadores no cargo de tesoureiro, ajuda na associação de moradores atuando no conselho fiscal, e depois do crime ambiental (será tratado mais a frente) é membro do conselho consultivo da Fundação Renova.

comigo. Não vou ensinar, ele vai junto vai ver e aprender, igual aprendi com meu pai. Na época não tinha nada em Regência, nem estrada, então a gente caçava para sobreviver. Hoje tem supermercado é fácil. Não aceito comercializar caça, mas me sinto bem ficar no mato caçando, é um hábito que herdei do meu pai.

Embora Sabino Bispo não esteja mais presente foi possível notar a significância e representatividade dele para com os pescadores da região. Halbwachs (2003, p.41) entende que, “[...] mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo[...]”. Com efeito podemos dizer que todo indivíduo que contar histórias sobre Sabino Bispo evocará sua presença simbólica naquilo que ele representa dentro do quadro de vivência. Citamos o relato de Dona Alda Ivo¹⁵ (2018) como exemplo:

Eu fui para Congo por causa do meu compadre Sabino Bispo (pai de Zé de Sabino). Ai ele foi e me chamou: Comadre vamos entrar no Congo? Nos bate o Ganzá e tudo, ai eu peguei e disse eu vou compadre. Ai no primeiro dia que eu fui, ele me deu a roupa pra vestir. Eu vesti o uniforme e fiquei e até hoje eu faço parte do Congo.

De fato, Sabino Bispo faz parte da memória coletiva da região e seu trabalho para sempre será lembrado enquanto sua história ecoar através dos anos, mantendo a alegoria, onde o tempo presente ressignifica os feitos do passado e os conserva como força propulsora das práticas culturais:

Meu pai ajudou a criar a banda de Congo. Na época eram dois tambores, eu não peguei essa época. Papai falava, não sei se tinha capitão. Era uma tradição do meu pai, ele fazia a festa de Cosme e Damião, eram três dias de festa e papai matava um carneiro e a festa era na nossa casa. Três dias de banda de Congo e muita comida. Papai dançava, era danado! Fazia tudo com prazer! Eeu tô aí tentando levar, é um pouco difícil. (Zé de Sabino, 2018)

A presença de Sabino Bispo pode ser observada também em situações rotineiras, em atividades do dia a dia, na simplicidade do cotidiano, que carregadas de significado fazem alusão e tornam marcante sua imagem, como na expressão: “Então sempre uso o exemplo do meu pai para os meus filhos hoje.” (Zé de Sabino 2018).

¹⁵ Dona Alda Ribeiro Lourenço Ivo. Nascida em Regência Augusta, 70 Anos, pesca e faz trabalhos manuais com linhas.

Nesse sentido ao analisar as relações de ocorrências cotidianas de transmissão por meio da articulação simbólica partimos da reflexão de Geertz (1997, p.102) onde o autor explica que “os homens não flutuam como entidades psíquicas fechadas, que se destacam de seu contexto e recebem nomes individuais.[...] Sua identidade é um atributo que toma emprestado do cenário que os rodeia”.

Para Zé de Sabino há duas possibilidades distintas de evocar as lembranças do pai: uma como membro da comunidade e outro como integrante da família. Dessas duas personalidades ele se aproxima da figura do pai enquanto elemento da comunidade e tenta romper, fazer diferente, na postura de representante familiar. Essa distinção pode ser observada claramente no relato abaixo:

Como pessoa para sociedade eu faço parte de vários segmentos. Como pessoa para casa eu sou diferente do meu pai. Eu faço diferente, eu nunca dei um tapa no meu filho, nunca bati em uma criança. Pelo contrário, acho que é fácil a gente criar, desde que tenha o domínio desde pequeno é fácil. Eu tenho um casal biológico e criei mais três de rua e todos me amam. (Zé de Sabino, 2018).

Com isso de forma espontânea e natural a representatividade de Sabino Bispo é doada a Zé de Sabino, seu filho, tal ligação aparece além da referência direta ao nome e se mostra também no comportamento tanto quanto ele se aproxima do pai como quanto se afasta. Nesse caso o quadro de referência, o pai, é o exemplo a ser seguido ou não, é o que orienta suas escolhas. Zé de Sabino reconhece a representatividade do pai e em suas palavras ele deixa transparecer essa convicção. “Meu pai era uma referência na cidade, era muito querido, um baluarte aqui dentro.” (SABINO, 2018).

Para Geertz (1997, p.103),

[...] parece que a própria estrutura social cria esta concepção do eu, já que produz situações onde as pessoas interagem em termos de categoria cujo significado é quase totalmente posicional, um lugar no mosaico global [...]

Apesar das muitas semelhanças entre pai e filho, Zé de Sabino faz questão de se apresentar como é, explicando seu verdadeiro nome: “A minha história começa pelo nome lá em casa. O nome do meu pai é Sabino Bispo, aí por morar no interior e todo mundo ser um pouco Zé de alguma coisa: Zé de Oliveira, Zé de Juju e eu era o Zé de Sabino, mas meu nome é Elcio José Souza de Oliveira.” Para Geertz (1997, p.101). “Os “eus” que se atropelam e se acotovelam nas ruelas[...] adquirem sua

definição através das relações associativas com a sociedade que os circunda, relações essas que lhes são atribuídas. São pessoas contextualizadas.”

Além de Zé de Sabino esse estudo identificou no depoimento de outros pescadores elementos de proximidade compartilhados na vivência cotidiana, práticas comuns que caracterizam o grupo, confirmando a hipótese levantada por Halbwachs (2003, p.68) “[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo”.

Para melhor explicar esse movimento, tomemos uma fala de Halbwachs (2003, p.31) em que o autor se coloca como constituinte das ideias em comum de um determinado grupo, explicando a construção coletiva da memória:

Em todos esses momentos, em todas essas circunstâncias, não posso dizer que estivesse refletindo sozinho, pois em pensamento[...] outras pessoas tiveram esse pensamento em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas das ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas.

A seguir, relatos que oferecem evidências desse processo coletivo de lembranças, partindo da subjetividade à prática em comum e que corroboram ao pensamento das relações associativas. São depoimentos que ilustram a intimidade de cada sujeito com a pesca. Ainda nesse processo, Halbwachs (2003, p.69) explica que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.”

Dona Alda Ribeiro Lourenço Ivo tem 70 anos, nasceu e viveu toda sua vida em Regência Augusta e assim como a maioria das crianças da vila passou a infância brincando na beira do rio/mar, ou no caso dela, mais especificamente no mangue. Gostava de pegar guaiamum, brincava com a terra molhada, enfiava as mãos nos buracos, levava picada, corria atrás dos que fugiam. E ao final do dia o que era brinquedo virava alimento. (DONA ALDA, 2018)

Eu sou nascida aqui, me criei aqui e tamo vivendo. Eu tenho carteira de pescaria. Eu pescava no rio doce de linha de pindaíba. Pegava camarão, eu pegava de tudo. Eu ia para o mangue tirar guaiamum. Tirava muito guaiamum, mas agora a gente não pode mais comer o guaiamum com ainda mais com essa lama. O peixe agora a poucos tempos que eu vim

comer né? Fiquei mais de uma ano sem comer peixe. Ai eu disse, mas será possível? Eu vi os outros fazendo aquela moqueca e disse: Oh meu Deus será que eu não vou mais comer peixe, que é com o que eu me criei? Eu me criei foi com peixe e caça. Essas coisas assim que matava, agora hoje em dia não mata mais caça né? ninguém faz mais nada. Mas meu pai caçava muito. (DONA ALDA , 2018).

Quando questionada sobre sua história, Dona Alda encontra nas lembranças a referência de uma vida pautada na pesca, tentando se auto reconhecer a partir do modo de vida determinada pela própria natureza do trabalho de ser pescador. “A minha história é (pausa) até uns anos atrás eu pescava”. (DONA ALDA, 2018).

Segundo Canclini (1983, p.83),

De modo diferente de um operário urbano, que enxerga a sua profissão como o resultado de uma escolha individual, de acordo com as oportunidades ocupacionais, o membro de uma comunidade indígena entende que a sua identidade profissional está determinada pela coletividade, derivando do seu pertencimento global, cultural e econômico ao seu grupo[...]

Marcos Odio Martins de Assis também é pescador em Regência Augusta. Mas, diferente dos pescadores entrevistados anteriormente, ele não é nativo da região, começou a pescar depois de adulto há aproximadamente dez anos. Nascido e criado em Vila Velha/ ES ele veio morar em Regência Augusta em 2007, mas já tinha laços afetivos com o lugar, sua avó paterna era da vila. De acordo com Marcos Odio Martins de Assis:

Na verdade, a pesca não é só profissão é uma identidade né cara. Eu não escolhi a pesca a pesca que me escolheu, é algo que gente sente. As pessoas dão dura dentro da água para poder pescar, não é porque é bonitinho, porque todo mundo gosta de um água, mas não é por isso não porque você está dentro da água que a paisagem é linda, maravilhosa, porque o trabalho é difícil fosse fácil teria muito mais pescadores é algo que a pesca te escolhe, todo conjunto desde as águas até a graça final que é retirar dali seu próprio sustento.

Dessa forma, a história de Zé de Sabino, em muitos aspectos, é parecida com a história de Dona Alda, que é parecida com a história de Marcos, que também é parecida com a de outros pescadores, em outras palavras, há um Zé em cada um deles porque eles compartilham de experiências em comum, numa relação mútua “[...] já que afinal de contas a história de nossa vida faz parte da história geral.” Halbwachs (2003, p.73)

A tradição tem que ver quem gosta, mas a gente não pode forçar a barra. O conhecimento de pesca é primordial. A pesca na lua cheia eu nem pesco, lua fraca pra peixe. Depois da lua cheia 3 dias aí fica tempo bom de peixe, chama de quebra de maré. Só a cheia é ruim, eu gosto da minguante e da nova. São coisas que a gente tem que ter conhecimento. Sobre o mar, se água estiver correndo pro Norte, em Regência é ruim de pesca. Se o mar estiver manso pode tirar a rede porque vai dar vento sul ou mar bravo. Se a água estiver pro lado sul e o vento norte é bom de peixe. Aí começa o comentário, todo mundo vai. De novembro a fevereiro a gente pesca no mar, inclusive nesse período é proibido no rio. De março a outubro, tempestade de vento sul, não pescamos no mar, pescamos no rio, Robalo. No inverno ele dá no rio. Se não der vento sul no inverno não pega Robalo. A gente chama o vento sul de cheque de ouro. Os surfistas não gostam do vento sul. O que formata as ondas é o vento norte. Se eu morrer pescando, eu morro feliz. (Zé de Sabino, 2018).

Todas essas lembranças fazem parte do imaginário dos pescadores locais e se são lembradas e revividas através dos anos, são pela sua significância e representatividade. Le Goff (2013, p. 400) diz que “O poeta é, pois, um homem possuído pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como o adivinho o é do futuro. É a testemunha inspirada nos tempos antigos [...]”. De tal forma, o artista local Abdon Claudino¹⁶ (2011, p.35) se lançou ao propósito de registrar um pouco desse universo por meio de poesia.

Ai, o meu pensamento, começa a funcionar.
 Agradecendo a Jesus, por saber interpretar.
 Vejo a lua clareando, as estrelas iluminando.
 Vejo o raio de sol, quando no mar vem brotando.
 Aí eu fico olhando a vazante da maré.
 Vejo ondas quebrando, vendo aonde vier.
 Vejo um barquinho lá fora, que é o barco do Zé.
 Aí eu fico olhando como sofrem esses homens.
 Bem perto tinha outro barco, que era do Leoni.
 As ondas subiam tanto, que até os barcos sumiam.
 E eles ali manejando com sua categoria.
 Correndo um grande risco pelo pão de cada dia.
 Quem encosta-se a Deus não cai, quem espera sempre alcança.

¹⁶ Abdon Claudino é um poeta local, compositor de grande parte do repertório de músicas da banda de Congo de Regência (São Benedito). Faleceu em fevereiro deste ano (2018), período em que eu estava na vila por motivo dessa pesquisa. Sua morte foi uma grande perda para comunidade local. Escreveu um livro de poesia chamado Regência em Prosa e Verso no ano de 2011, onde mostra com muita sensibilidade a beleza da vida cotidiano da vila.

O homem pra vencer precisa ter confiança.”

Ainda no cenário poético e lembrando que o contexto da pescaria é repleto de criações, invenções, mitos e fantasias, encontramos frequentemente nos relatos de pescadores histórias de personagens folclóricos da região. Dentre eles apresentamos a seguir uma das aventuras de Zé de Sabino no tempo de criança:

De madrugada a gente no rio, um bicho gritou e pulou dentro da água. Aí perguntei: “Papai, o que é isso?”, ele disse que era uma capivara. 1 hora da manhã, a gente no barco um Saci subiu no barco e gritou, aí perguntei o que era e ele me mandou ficar quieto. Hoje eu sei o que que é, o Saci. Mas Saci não existe, nunca vi o que é, mas deve ser um passarinho. Eu ando no mato e nunca vi rastro de ninguém, sei que é história, mas na primeira vez que vi, fiquei com medo. O Saci é o seguinte. Quando a gente pescava de lança e vinha muito peixe pulando dentro e quando a gente puxava não tinha nada. Aí o Saci apitava lá em cima. Aconteceu muitas vezes e quando a gente lembrava a gente arrepiava. Ele amarrava muitas vezes as redes com um nó que a gente não conseguia tirar. Era para a gente não pescar. Hoje não tem mais, porque eu ando muito à noite e escuto pouco. Eu acho que é um passarinho, porque eu já vi um passarinho e juntei as coisas. Então vira e mexe ouço o Saci piar, mas não me assusto não. Ah! Antigamente dizem que aqui também tinha o lobisomem. O pessoal fala muito que tinha. Eu queria ter passado, sofrido nas garras do lobisomem. (Zé de Sabino, 2018).

Zé de Sabino tem orgulho de ser pescador, ele guarda fotos de peixes raros que já capturou e as exhibe com calma, explicando cada um daqueles momentos, suas conquistas e habilidades no mar. “Nunca gostei de surfar e mergulhar. Eu assim, se eu fosse surfista eu queria ser o cara, o Medina. Então como sou pescador, sou o cara da pesca. Como pescador eu tenho umas façanhas.” (Zé de Sabino, 2018).

Fotografia 8 – Mural com fotos de peixes



Fonte: Acervo pessoal de Zé de Sabino

Em 2015 Zé de Sabino foi convidado a participar de um documentário “Das águas que Passam”¹⁷ que aborda a relação do pescador com o seu trabalho diário. No documentário Zé de Sabino é o personagem principal, e a ideia era justamente mostrar a rotina de um pescador, sua relação com o mar e a prática.

Tenho um filme. O Breno Zon procurou o estado inteiro atrás de um perfil de pescador para fazer o documentário, aí ele me viu aqui e me chamou. E ele falou de mim, do meu trabalho, ele falou finge que eu não tô aqui e faz o que você faz todo dia, é foi assim. Depois de um tempo ele me ligou dizendo que a gente ia pra Alemanha participar de um festival. Chegamos na Alemanha, tinha 24 filmes e 18 longas. Tinha um capixaba que era nosso. Outro mundo. “Das águas que passam”. Ficamos em segundo lugar no geral, fomos bem. Fiquei 20 dias na Alemanha. (Zé de Sabino, 2018).

O documentário concorreu ao festival em Berlim com outros 25 filmes e ficou em segundo lugar.

Fotografia 9 – Zé de Sabino. Material de divulgação “Das águas que passam”



Fonte: <http://g1.globo.com>

¹⁷Gravado em março de 2015 na Vila de Regência, em Linhares, “Das águas que passam” acompanha o pescador Zé de Sabino. A narrativa se aproxima da natureza deste homem em seu trabalho e em suas relações com o local e as pessoas que o cercam. O filme também tem como cenário a foz do Rio Doce e a costa marítima da região. O documentário, que teve sua estreia mundial em Berlim, explorou elementos sensoriais e dramáticos próprios da variada paisagem sonora e da natureza da região, ambos em estreita ligação com o personagem. Esses elementos, ao lado de um silêncio que se instaura nos instantes de calma, buscam mostrar os desafios e a relação de continuidade do homem com a natureza e as águas que o cercam. Informações retiradas disponível em <<http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/01/filme-gravado-em-regencia-e-no-rio-doce-disputa-festival-de-berlim.html>>. Acesso 03/04/2018.

Numa reflexão mais intimista de quem presenciou todas essas lembranças sendo revividas durante as entrevistas, posso dizer que o sentimento que esses pescadores trazem no olhar é o mesmo: o amor e o cuidado com as águas, o respeito pela prática cultural, a união e o companheirismo entre eles. Como na metáfora do nome de Zé de Sabino cada pescador carrega em si um pouco do Zé que há no outro.

3.4 “O RIO DA COBIÇA, DA GANÂNCIA E DA AUSÊNCIA”

Com base nas entrevistas apresentadas até agora a vida da comunidade de Regência Augusta está intimamente relacionada ao rio Doce e ao mar. Logo, o elemento água possui uma representatividade em comum para a comunidade, e é em meio a este território que se estabelece as estruturas de convivência econômica, social e cultural da vila. Dessa relação com o espaço, podemos dizer que tudo que afeta o rio/mar em Regência Augusta da mesma forma afeta os moradores da vila. Halbwachs (2003, p.165) acrescenta ainda que, “Os grupos [...] estão naturalmente ligados a um lugar, porque é o fato de estarem próximos no espaço que cria entre seus membros as relações sociais[...]”

A assegurar a estabilidade e permanência da continuidade social e cultural de um grupo depende de que os objetos materiais de contato diários em comum se mantenham sustentados dentro do ambiente espacial próprio ao grupo. Dessa forma, seja na pescaria, no turismo, no artesanato ou nas festas, a referência ao rio/mar está presente nas memórias tecidas pela comunidade. Halbwachs (2003, p.170) corrobora o pensamento afirmando que,

[...] não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço _ que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça.

O recorte a seguir trata das violações ambientais ocorridas no rio Doce e as consequências dessas ações nas relações afetivas e sócio/culturais sofridas pela

comunidade local após o crime ambiental da mineradora Samarco em 05 de novembro de 2015 que, atingiu toda zona fluvial do rio Doce.

A história começa com o rompimento da barragem de mineração do Fundão, setor de rejeitos tóxicos, da Mineradora Samarco, próximo a cidade de Mariana em Minas Gerais¹⁸. Após a abertura foi lançado ao rio mais de 32 milhões de metros cúbicos de lama contendo minério de ferro e metais pesados. A lama tóxica contaminou o rio em mais de 800 km de extensão até a foz em Regência Augusta, poluindo também a região litorânea do Espírito Santo.

Fotografia 10 – Barcos abandonados no Cais do Porto



Fonte: Patrícia Flávia dos Santos Cau (2018)

O rio deixou de ser potável, deixou de ser habitável e comprometeu a vida de todos os seres que dependem das águas. Essa é a história de um rio/mar sem peixe, de um pescador sem pescaria, de uma vida inteira dedicada ao fazer marítimo

¹⁸ Informações disponíveis em: <[HTTP://G1.GLOBO.COM/MINAS-GERAIS/NOTICIA/2015/11/BARRAGEM-DE-REJEITOS-SE-ROMPE-EM-DISTRITO-DE-MARIANA.HTML](http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/11/barragem-de-rejeitos-se-rompe-em-distrito-de-mariana.html)>. Acesso 03/04/2018 13/04/2018 <[HTTP://G1.GLOBO.COM/MINAS-GERAIS/DESASTRE-AMBIENTAL-EM-MARIANA/NOTICIA/2015/11/RIO-DOCE-E-O-CAMINHO-DA-LAMA-DIA-1-BIOLOGOS-RESGATAM-TARTARUGAS-NO-ES.HTML](http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2015/11/rio-doce-e-o-caminho-da-lama-dia-1-biologos-resgatam-tartarugas-no-es.html)> . Acesso 13/04/2018 <[HTTP://G1.GLOBO.COM/SP/SAO-CARLOS-REGIAO/NOTICIA/2015/12/PESQUISADORES-RESGATAM-PEIXES-NO-ES-PARA-PODER-GARANTIR-VIDA-NO-RIO-DOCE.HTML](http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/12/pesquisadores-resgatam-peixes-no-es-para-poder-garantir-vida-no-rio-doce.html)> . Acesso 03/04/2018 13/04/2018

interrompida violentamente pela ganância e o desejo do mercado. Leônidas Carlos (2018) conta assustado sobre a deformação dos peixes após o contato com a lama tóxica:

Com essa lama, muita qualidade de peixe sumiu. O que vi sair de peixe morto que saiu daqui e foi para Vitória pra estudar para falar que a gente não pode pescar e comer o peixe. Eu não como mais peixe, cada coisa que vi sair dali. Tainha sair da água só a espinha porque a lama comeu. Corvina, Tamari, Bagre, camarão, lagosta, esses peixes estão todos contaminados porque ficam na lama. Daqui há 20 anos não temos mais rio não. Quanto mais encher o rio, mais lama vem. Aquele peixe que está ali, está empestado. Barcos tem dois anos que não sai do porto. Sai do porto.

Dentro da economia predatória advinda da expansão capitalista a destruição dos rios, da fauna e da flora tem sido uma prática recorrente em busca do progresso. Canclini (1983, p.11) levanta três hipóteses considerando a ideia de cultura popular inserida ao sistema capitalista, dentre elas citamos: “A cultura é tratada de modo semelhante a natureza: um espetáculo”. Um espetáculo que para algumas pessoas pode ser consumida de forma arbitrária e inconsequente, grupo ao qual Canclini (1983, p. 108) nomeia como classe dominante:

A burguesia não apenas se apropria da natureza e a privatiza através do domínio técnico, não somente se apropria do excedente econômico mediante a exploração social, ela também se apropria do passado, do passado dos grupos sociais aos quais oprime, é o coloca a serviço da sua necessidade de distinção.

Estes não possuem preocupações com o impacto ambiental e social, tanto a natureza quanto a cultura são objetos mercadológicos. Para Oliveira (2018) o resultado dessa economia predatória é real e sentidas todos os dias pelos moradores da vila.

Esse rio aí não é o nosso! Esse é o rio da cobiça, da ganância e da ausência do Estado, porque uma empresa como essa funcionou tantos anos sem se adequar às regras. Não funciona por si só, tem um comodismo, um complô. Tem uma série de fatores que facilita que isso acontecesse.

Como consequência sócio/cultural o crime ambiental corrompeu as estruturas tradicionais da comunidade, enfraqueceu as redes sociais, diminuindo a força das práticas locais.

Foi aqui que aprendi que a gente é o que é, não o que tem. Eu olho pro rio e penso que não posso fazer a mesma coisa com meus filhos. Eu poderia estar em outro lugar, mas resolvi voltar para Regência, para que meus filhos possam ser educados com outros valores e agora olha o que aconteceu. Meu filho agora vê gente só interessada no dinheiro. (OLIVEIRA, 2018)

O reflexo dessa ação pode ser observado na mudança de comportamento entre os pescadores, o sentimento entre eles que antes era de pertencimento foi substituído pela desconfiança e individualismo.

As relações das pessoas na vila mudou. Quem está aqui muito antes da lama conhece e sabe como mudou. Parece que estamos vivendo há 500 anos. A Samarco colonizou a vila. Eles tiraram o nosso estilo de vida e colocou o deles. A gente se reconhecia, a gente se dava bom dia, velava os mortos, celebramos os nascimentos. Se um não tinha peixe a gente levava. Agora é só interesse no cartão, no dinheiro, a gente se trancou. Aí por causa disso muita gente que não morava mais aqui voltou pra cá só por causa do dinheiro. (Luciana Oliveira, 2018)

O cartão ao qual Luciana Oliveira (2018) se refere faz parte de um programa de indenização (Programa de Indenização Mediada - PIM) destinado a indenizar pessoas e pequenas empresas da região (pousadas, restaurantes, padarias) que sofreram danos causados pelo crime ambiental. A empresa responsável é a fundação Renova¹⁹. Os pescadores que agora não podem mais pescar vivem do dinheiro mensal da indenização. Para Leônidas Carlos (2018) esse dinheiro não é suficiente para cobrir as necessidades dos pescadores.

Antes da lama vir nós tínhamos tudo. A gente comprava peixe barato e doava para instituições de caridade, asilo. Fazíamos bolinho de peixe, agora acabou. Aquela fonte de renda acabou tudo. Na época, eu pagava meus custos e sobrava 5 mil para mim. Agora eu sobrevivo com cartão da Renova, minha salvação é que sou aposentado, mas e os outros?

Além disso, alguns deles não conseguiram se cadastrar no programa e não recebem nenhum tipo de auxílio. De acordo com Zé de Sabino (2018) são 80 pescadores regulamentados e destes 10 ainda não receberam o cartão. Os responsáveis contratados pela fundação Renova para o cadastro dos pescadores não conseguem resolver os problemas das indenizações, pois alguns pescadores não possuem documentos que comprovem sua prática. No fragmento abaixo Zé de Sabino (2018) traz um exemplo de como se sentem os pescadores que não recebem o benefício.

Ai o pescador com razão me diz[...]não querem me pagar, eu sei o meu preço, mas eles querem que eu prove isso. Mas como vou provar? Vem aqui então, andar comigo aqui uns dias, para ver então o que eu sou. Não preciso provar nada pra eles. Manda um perito aqui. Fico indignado com isso!.

¹⁹ Disponível em <<http://www.fundacaorenova.org/indenizacoes/>>. Acesso 24/04/2018

Abandonados e proibidos de pescar, os pescadores vivem de afazeres que ainda conseguem produzir, como a costura, artesanato ou a confecção de tarrafas e redes. Contudo, cabe lembrar do decrescente índice de visitantes a vila depois da tragédia. O turismo foi afetado e a praia famosa pela prática do surf está contaminada, os poucos turistas que ainda frequentam o lugar demonstram receio de entrar na água.

Toda essa incerteza tem enfraquecido as relações afetivas entre os pescadores/moradores da vila e conseqüentemente altera as práticas culturais locais. “Tudo que nos unia miseravelmente foi arrancado da gente e ninguém nos preparou para isso”. (Luciana Oliveira, 2018). Esse “tudo que nos unia” faz referência ao rio Doce e as perdas afetivas causadas pelo crime ambiental.

O que nos leva a pensar que rio/mar para essa comunidade possui uma sequência de representatividade em comum. Assim, Halbwachs (2003, p.163), diz que “Quando um grupo vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas a seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão de imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele.”

Fotografia 11 - Pintura em tela de Luiz Natal²⁰ : “O Céu de Lama”



Fonte: Patrícia Flávia dos Santos Cau

O rio/mar é o elemento material, uma imagem espacial carregada de sentidos para comunidade. Muito além das concepções capitalistas predatórias o rio/mar para

²⁰ Luiz Natal de Souza (1953). Artista que mora em Regência Augusta há muitos anos, pertence ao grupo de pintores autodidatas. Uma das principais características de seu trabalho é transmitir em suas obras aspectos que marcam o cotidiano e a comunidade. A obra foi produzida em 2018, e ainda pertence ao artista.

essas pessoas é uma espécie de entidade, um elemento vivo, carregado de valor simbólico, cultural e afetivo. Dessa forma, os povos ribeirinhos que dependem dele para sobrevivência criaram um elo funcional, de subsistência e social, porque o rio é também um lugar de encontros.

Acabou o lazer da gente. Eu ficava o dia inteiro no convés do meu barco. Só chegava em casa à noite. Hoje eu vou lá na beira do rio olho pro meu barco acabando ali, meu material e eu sem pescar. Meus companheiros falam “Seu Leônidas, o que a gente vai fazer agora? Acabou nossa alegria. Se a gente for pescar o Ibama prende a gente. Eu não sei nem o que falo. Eu criei meus filhos pescando e agora meus netos vêm e falam que não pode comer peixe, não pode tomar banho, não pode sair de barco, “a nossa diversão acabou vovô”. (LEÔNIDAS CARLOS, 2018)

Apesar das mudanças no território material da vila, alguns hábitos e costumes resistem às transformações: o pescador continua acordando cedo, ele vai a praia nos mesmos horários, mexe nos barcos, sente a direção do vento, olha pra água. Refaz o mesmo caminho de todos os dias, reelabora mesmo que de forma imaginária a vida vivida em suas práticas cotidianas. De acordo com Halbwachs (2003, p.162), “Os costumes locais resistem às forças que tendem a transformá-los e essa resistência permite entender melhor a que ponto nesse tipo de grupo a memória coletiva se apoia nas imagens espaciais.”

Eles tiraram uma parte da minha vida. Uma vida é minha esposa e meus filhos e a outra é o mar. Estou perdido. Minha esposa me pediu para cortar o maxixe e o quiabo. Eu cortei três e deixei. Sabe? Meu negócio não é maxixe e quiabo, é ir no mar e voltar. Você muda as pessoas de situação (pausa) não é que não quis fazer isso, mas é outra situação. Mudaram a gente de vida e isso trouxe um transtorno. Mudaram a minha rotina. Mas eu ainda acordo as 4 horas da manhã. Ainda acordo esse horário, a gente tá no automático né. 5 horas já tô no mar. 9 horas eu voltava com o peixe, depois às 14h ia de novo e voltava às 18h. Sempre tinha peixe. Eu sempre ia pro mar, independente do mar. Tenho 53 anos e me sinto muito eu, às vezes eu me misturo no meios dos meninos aí e ele ficam para trás. Tenho muito traquejo e vivência. Hoje isso acabou. Me adoeceu. Sem mar o cara está doente. Acabou a nossa vida, a nossa liberdade. (Zé de Sabino, 2018)

De fato, o crime ambiental provocou conflitos na estrutura cultural da comunidade de Regência Augusta. Contudo, vimos também que os costumes e hábitos locais são formas de resistência, e que é próprio da cultura a reelaboração das condições naturais de sobrevivência de suas práticas. Canclini (1983, p.18) diz que a cultura é “[...] um tipo particular de atividade produtiva, cuja finalidade é compreender, reproduzir e transformar a estrutura social e brigar pela hegemonia.”

Como na fala de Oliveira (2018) que vê na cultura a força para resistir,

A gente está se perdendo muito e aí a gente tenta não se perder com a cultura. Nós que estamos envolvidos, nosso objetivo é não se perder e vemos no viés cultural a possibilidade de todos se encontrarem. Antes era o rio e o mar com seu estuário, temos a fauna, a foz e em cima disso aí temos nossas memórias que é o Congo, o ato de Caboclo Bernardo, que se dá no mar e a gente se orgulha disso e não queremos que morra. (OLIVEIRA, 2018).

Assim sendo, no próximo capítulo será explorado a forma como as práticas culturais, em específico as bandas de Congo da vila de Regência Augusta, contribuem na preservação da memória coletiva da comunidade local.

4 LEMBRANÇAS CANTADAS: O CONGO

4.1 HISTÓRICO DA BANDA DE CONGO SÃO BENEDITO DE REGÊNCIA AUGUSTA

As bandas de Congo tem origem indígena. É o que diz Lins (2009) no livro “O Congo do Espírito Santo: Uma panorâmica musicológica das bandas de Congo”, trazendo relatos de Guilherme Santos Neves, Padre Antunes de Sequeira e Auguste-François Biard em que informações descritas em diários náuticos comprovam que práticas semelhantes foram vistas no início do século XIX na região capixaba. Os primeiros viajantes que passaram por essas terras fizeram descrições gerais dessas atividades, sem muito interesse nos detalhes, pouco se sabe o que era cantado, o motivo dos arranjos e a disposição dos elementos nas performances.

Lins (2009, p. 25) explica que,

Infelizmente, os primeiros documentaristas de nossas bandas de Congo não registraram o que era cantado pelos conjuntos de então. Padre Antunes da Sequeira, citados por Guilherme Santos Neves afirma que, “acocoram-se todos em círculo, batendo com as palmas das mãos no peito e coxas, e soltando guinchos horríveis. Fazem caretas e trejeitos, acompanhados de uma música infernal. Auguste-François Biard opina que os índios de Santa Cruz “não cantavam, gritavam” (...)

Considerando o período dos relatos trazidos por Lins (2009), as bandas de Congo teriam surgido por volta de 1855, data próxima a abertura a navegação do Rio Doce, e dos primeiros relatos de reconhecimento das terras ao redor da área de passagem pelo rio. Nesse processo, Lins (2009, p.29) descreve que,

Originadas de índios e mescladas posteriormente de elementos europeus e africanos, as outrora “bandas de índios”, depois “bandas de tambor”, passaram a ser denominadas “bandas de Congos”, expressão que, na atualidade, foi simplificado para “bandas de Congo”

Como destaca Lins (2009) na citação acima, a prática passou por processos de mudança, absorvendo influências dos negros escravos e dos colonizadores europeus.

Aos negros se atribui a inserção de um ciclo rítmico chamado de “padrão luba”. Esta estrutura rítmica também é encontrada no frevo e no maracatu. (LINS, 2009, p.30). Por outro lado, a referência europeia está na melodia quase sempre tonal:

Fruto da herança musical portuguesa no Brasil, o tonalismo (sistema harmônico ocidental) só não se fixou entre nós na música religiosa de origem africana, como é o caso do candomblé e de outras religiões afro brasileiras [...] constante no nosso folclore desde "Ciranda cirandinha", o sistema tonal é fundamento básico de toda a música popular brasileira. (LINS, 2009, p.67)

O encontro de africanos, portugueses e índios é observado na construção familiar dos moradores da vila de Regência Augusta. Segundo Dona Alda (2018). "Aqui é tudo pé misturado, tem índio, branco, negro. A mãe do meu pai foi pega à laço. Minha mãe também era índia."

Fotografia 12 – Família de Dona Alda



Fonte: Patrícia Flávia dos Santos Cau

Em relação ao nome "Banda de Congo", Lins (2009, p.30), explica ainda,

As expressões Congo, congado, conguês, terno de Congo, Congo de mascarar, Congo de calçola, rocongo, sinfônico, e outras que, no âmbito da música recorram as palavras Congos ou Congo, remetem, todas elas, ao antigo Reino do Congo, o maior Império que se tem notícia na África, até 1482, quando Diogo Cão, navegador português, "descobriu" a bacia do rio Zaire.

Em 1902 a partir do Tambor de Congo ou Tambor de São Benedito a prática já é descrita com recorrência na região do Espírito Santo. Contudo, "[...] apenas em 1951, por ocasião dos festejos comemorativos do IV Centenário da fundação de Vitória, que o ritmo do Congo entrou oficialmente nos festejos culturais no Espírito Santo, acontecendo nesta data a primeira concentração de Bandas de Congo." (BERGAMIM, 2017). Em específico em Regência Augusta se tem registro do congo

nos festejos comunitários desde 1930 (Informação retirada do Museu Histórico de Regência)

Moradores mais antigos da vila contam que, antigamente, a banda de Congo São Benedito de Regência Augusta era chamada de dois Tambores e dois Ganzás e apenas estes instrumentos eram usados. Os tambores eram confeccionados de troncos de árvores ocas e revestidos com couro e os ganzás, pedaço de madeira com cabeça esculpida, barriga oca, revestida com taquara que só existe no Espírito Santo, conhecido também como casaca ou reco-reco. Leônidas Carlos (2018) “Antes era dois tambores e dois ganzás, depois outros instrumentos foram sendo colocados”.

Fotografia 13 – Instrumentos musicais da banda de Congo São Benedito



Fonte: Tiago Cau Marques (2018)

Os conguistas se revezavam comandados pelo capitão que conduzia o ritmo usando um apito e um bastão na mão. (LINS, 2009). Dona Alda (2018) conta que “De primeiro eu tocava ganzá, que muitos chamam de reco-reco, mas na nossa língua chamamos de ganzá²¹. É a nossa língua, a língua de índio ne?”

Sobre a origem do nome da banda de Congo São Benedito acredita-se que seja pela devoção ao santo. Lins (2009, p. 25) comenta que,

No Espírito Santo, as bandas de Congo são profundamente ligadas à religião e principalmente a festa de São Benedito e abrimos aqui um parêntese para explicar um pouco essa ligação. No estado do Espírito Santo, mais especificamente no município da Serra a festa ocorre entre os

²¹A palavra é de origem africana. "Ganzá" se originou do quimbundo nganza, que significa "cabaça".

dias 24 e 27 de dezembro, mas pode ter suas datas alteradas em outros municípios. Segundo Elmo Elton em seu livro *São Benedito, sua devoção no Espírito Santo*, a devoção este santo, no estado, vem desde o século XVII e é posterior a 1686. Embora igreja católica celebre oficialmente o dia de São Benedito na data de sua morte 4 de abril de acordo com catálogo oficial da Igreja Católica Romana era costume naquela época os senhores da região virem a sede da cidade para celebrar o natal e traziam consigo seus escravos e Bugres. Estes aproveitando a ocasião celebravam também a festa de São Benedito no dia 25 de dezembro. Tal costume permaneceu até 1833 quando o padre André Massela transfere a festa para o dia 26 de dezembro. A devoção a São Benedito e sua ligação com as bandas de Congo vem a partir de uma lenda que conta a história do Navio Negreiro Palermo que traria uma leva de escravos para o Brasil e naufragou no litoral de Nova Almeida, Espírito Santo, conta-se que os negros se salvaram agarrados ao mastro do navio orando a São Benedito, origina-se aí é fincada do mastro de São Benedito nas praças das igrejas.

Em 1976 quando a banda de Congo Vila do Riacho, que já usava vários tambores e casacas veio a Regência, a Banda de Congo São Benedito de Regência passou a utilizar também, mais tambores, ganzás, triângulos e chocalho, conseqüentemente incluindo um maior número de integrantes segundo Leônidas Carlos(2018).

4.2 ERA A VEZ DOS MESTRES: NARRATIVAS DO CONGO

Daí em diante as atividades foram organizadas pelos capitães²² (mestres) que estão à frente da prática e orientam as apresentações, ensaios, viagens, guiam o ritmo e criam a maioria das músicas. A seguir, se apresenta por meio das lembranças dos Mestres, a origem da Banda nesta nova estrutura e a representação que ela possui para cada um. É importante dizer que não se tem a pretensão de julgar mais verdadeiro uma lembrança em detrimento da outra, ou determinar como absoluto os sentidos atribuídos a prática cultural do Congo, e sim num outro movimento, busca-se perceber as relações que se estabelecem entre as narrativas, observando os pontos em comum, os significados trazidos e compartilhados, partindo das lembranças individuais à elaboração do evento enquanto memória coletiva. Canclini (1983, p.108) justifica que, “apropriar-se do passado, reuni-lo, ordená-lo, apontá-lo como algo a ser admirado por si mesmo e por outros é mantê-lo vivo, é lutar contra o que no passado existe de perecível.”

Leônidas Carlos (2018), primeiro Mestre nesta nova estrutura da Banda de Congo, começa a lembrança atribuindo a si o processo inicial do grupo, contudo nas frases

²² O mestre também é chamado de capitão no Congo de Regência Augusta.

seguintes, ele cita o nome de outras pessoas, que participaram e contribuíram na primeira formação. Uma leitura rápida faz pensar numa postura mais individualista, mas ao se deter ao contexto geral logo se percebe a coletividade inserida em seu discurso,

O Congo adulto foi eu que comecei. A gente começou com dois tambores e dois ganzá e fomos parar com 25 instrumentos. Daqui eu escuto quem está batendo o tambor certo, o ganzá errado. 'Mané' Isidoro ele foi o fundador e eu era o capitão. Não era o Congo. Zé Siqueira, marido de dona Ana, ele tinha uma roça na lagoa parda e todo dia que ele vinha ele trazia o oco de pau para fazer o tambor. Joaquim costa era açougueiro em Povoação, aí Joaquim e Isidoro ia de canoa buscar o couro, a gente ia na mata pegar as malhas e esticava o couro, de boi. Aí fomos fazendo, depois uma cuíca, um tarol, um triângulo e paramos com 25 instrumentos. Quando batíamos esse Congo, Regência toda acordava e ia brincar com a gente.

Na fala de Zé de Sabino (2018), Sabino Bispo segundo Mestre, trazendo a lembrança do pai, observa-se a ideia de cooperação, de fazer junto, de ajudar o grupo na realização e composição da Banda,

Meu pai ajudou a criar a banda de Congo. Na época eram dois tambores, eu não peguei essa época. Papai falava, não sei se tinha capitão. Era uma tradição do meu pai, ele fazia a festa de Cosme e Damião, eram 3 dias de festa e papai matava um carneiro e a festa era na casa dele. 3 dias de banda de Congo e muita comida. Papai dançava, era danado!

Para Darci Ivo (2018), terceiro Mestre, a lembrança está mais associada a laços familiares do “tempo antigo”. Verificou-se nas narrativas o sentimento de nostalgia do entrevistado ao falar dessa fase inicial do Congo,

Faz muito tempo, quando ainda era o tambor, um tio meu brincava no Congo. Ele me chamava pra brincar também, batia casaca, batia tambor, brincava de capitão, é aí, foi nessa época ai que surgiu o Congo.

Mestre Guimaldo (2018), Mestre atual da Banda de Congo, e dois pontos são relevantes na exposição dele: a coletividade e a marca temporal,

Deve ter sido na década de 1970. Nós estávamos naquela brincadeira e aí nós falamos: “Vamos fazer um Congo pra gente e quando a gente fizer festa não precisa trazer Congo de fora. Não havia o Congo, só os dois tambores, o Congo vinha de Vila do Riacho, Aracruz. A maioria daquelas pessoas Deus já levou. Cheguei na casa do rapaz, Manoel Isidoro, e falei pra ele que a gente tinha decidido fazer um Congo pra gente. Aí perguntamos o que ele achava e ele disse que se eu falei, tava falado. Fizemos os tambores, arranjamos o couro e fizemos o Congo aqui, entre a década de 60 e 70.

Os relatos agrupados e ordenados apontam, como afirma Canclini (1983), para existência de uma memória viva, que se reafirma na solidariedade comunitária, o desejo e a ação em comum marcam o processo inicial da formação da Banda. Ainda pensando na reconstrução da história enquanto evento coletivo, Halbwachs (2003) justifica,

[...] assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmo eventos), conseguimos pensar, no recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade porque não estamos mais sós ao representá-los para nós.

Sobre a caracterização do que é o Congo, analisando as narrativas dos mestres, aparece à expressão “brincadeira”, termo usado para explicar a prática diante da pergunta “O que é o Congo?”. A frequência do uso da mesma palavra nas respostas nos faz pensar sobre qual sentido eles atribuem ao termo relacionando-o a Banda de Congo. Tomemos as colocações de Benjamin (1994), ele associa a brincadeira à repetição de se fazer algo. Seria a representação de uma ação que se refaz sempre de novo. Para Benjamin (1994, p. 253) “É da brincadeira que nasce o hábito”. E se ela é esse processo de se refazer, é da brincadeira que se conserva o hábito, num movimento contínuo e recíproco, de manutenção e preservação da prática.

O adulto alivia seu coração do medo e goza duplamente sua felicidade quando narra sua experiência. A criança recria essa experiência, começa sempre tudo de novo, desde o início. Talvez seja esta a raiz mais profunda do duplo sentido da palavra alemã *Spielen* (brincar e representar): repetir o mesmo seria seu elemento comum. A essência da representação, como da brincadeira, não é “fazer como se”, mas “fazer sempre de novo”, é a transformação em hábito de uma experiência devastadora. (BENJAMIN, 1994, p.253)

A percepção de “brincadeira” na vida cotidiana possui vários entendimentos, dentre eles se relaciona a ações espontâneas, de diversão, recreação, distração, representação e festa. Numa observação mais intimista de quem assiste ao espetáculo há mais de 20 anos, posso dizer que a prática do Congo se apropria de todos esses sentidos.

Para Mestre Guimaldo (2018) “O Congo tem que ter cantiga, tem que ter um ritmo bom. Não adianta às vezes a pessoa saber a cantiga e não tem um ritmo bom. Aí a gente trabalha a música até dar o ritmo. Eu acho que, pra mim é tudo o que tenho. É brincar, me divertir.”

Fotografia 14 - Banda de Congo São Benedito e a Banda de Congo Mirim de Vila Regência



Fonte: Patrícia Flávia dos Santos Cau(2017)

Lins (2009, p.21) quando questionado numa entrevista com Adriana Bravin sobre “ O que é o Congo?” Responde: “Alegria... Conviver, através da linguagem musical e da dança, com um patrimônio do planeta, que se manifesta unicamente no Espírito Santo é, para mim, sinônimo de alegria.”

E nas palavras de Dona Conceição (2017) fica entendido que embora seja uma brincadeira há uma organização que norteia a prática: as atividades são espontâneas, mas não aleatórias. “É uma brincadeira que levamos muito a sério.” E continua:

O Congo é uma brincadeira muito boa e organizada. Sinto aquele prazer de estar ali com todo mundo, apresentando. É o maior orgulho do grupo esse tempo. Tem gente ali há muitos anos. Eu falo isso com eles e ninguém arruma briga. Se acontecer o capitão pára e observa. Se não for do grupo ele não fala nada, se for do grupo ele resolve. Ninguém entra sem camisa. O Congo e a igreja estão unidos. Faz parte da cultura e da religião.

O mestre/capitão é um dos principais elementos do Congo. Ele é o líder e conduz os participantes da banda. Sua figura é caracterizada pelo uso do apito que marca a temporalidade das ações durante as apresentações, como explica Guimaldo (2018) “O apito é um incentivador. Não se usa o apito na hora da brincadeira para não atrapalhar a cantiga. Mas no intervalo entre as músicas, o apito dá o comando. Ele bem apitado é bonito. Eu gosto de ver”. As Bandas de Congo do Espírito Santo, em sua maioria, usam o apito como condutor do conjunto. (LINS, 2009)

Além do apito o Mestre também usa um bastão com fitas coloridas. De acordo com Luciana Oliveira (2018) “Dentro da banda de Congo o bastão é o que manda. O bastão é um pedaço de pau com umas fitas coloridas e cada grupo tem suas cores e significados.”

Fotografia 15 - O Bastão aos cuidados de São Benedito



Fonte: Patrícia Flávia dos Santos Cau (2018)

Somente o Mestre usa o bastão, e a este objeto se confere a representação de ser o Mestre, por isso nos momentos de transferência entre um Mestre e outro, é usado a expressão “passar o bastão” fazendo alusão à função. “Foi seu Darci que passou o bastão para o seu Guimaldo e antes ele pegou do meu pai (Sabino Bispo).” (Luciana Oliveira, 2018)

A vez de Mestre Guimaldo começou aproximadamente há três anos, ele já fazia parte do grupo, quando foi convidado a ser capitão. Nessa ocasião, o atual Mestre era o Senhor Darci. Mestre Darci ficou à frente da banda por mais de 30 anos e só saiu da função por problemas de saúde.

Brinquei mais de 30 anos. Agora passei para o mestre Guimaldo. Tenho um problema nas pernas e não dá mais pra brincar de capitão. Com o corpo pesado não dá. Participo ainda, mas não brinco mais de capitão. Enquanto

eu puder brincar, eu vou brincando. Aqui não pode parar, tem muitos anos. Tem muito tempo.

A conversão de um integrante a Mestre está relacionada à vivência e experiência que este sujeito possui com o grupo. Normalmente é escolhido um integrante que está na Banda há muitos anos.

Na prática do Congo, em Regência Augusta, não existe um tempo determinado para função de Mestre, o tempo de permanência é definido pela própria vivência de ser capitão e estar à frente da banda enquanto se percebe capaz de assumir toda a representatividade que é atribuída a mesma. Por certo, cada mestre tem uma vez, um tempo, seu tempo de contar e de cantar a história.

A condição de Mestre surge da relação primária com o grupo de referência, isso porque ser Mestre está diretamente relacionado com a representação social do sujeito para o grupo. É fundamental que ele seja reconhecido pela estima, autoridade e admiração da comunidade. Além disso, o Mestre precisa entender de música, de melodia, saber cantar, tocar, criar composições. Para Luciana Oliveira (2018)

O mestre precisa entender de ritmo, tem que tocar uma casaca muito bem, tem que tocar o tambor, fazer o repique e que a banda é um coletivo, tem uma história própria. Ele tem que ter uma postura também fora do Congo, porque ele precisa ser respeitado dentro e fora. Uma pessoa que não é respeitada não chega a ser mestre. O mestre é o guardião da prática do Congo. A partir da postura dele ele chama os outros e todos passam a ter essa responsabilidade. Ele canta nossa história o tempo todo.

Preenchendo todas as características o Mestre recebe junto com o bastão o lugar de fala, o lugar de representante do grupo. Pensando na ideia de memória, a figura do Mestre, nesse processo, se manifesta da construção coletiva, na representação de todos os Mestres que vieram antes e no desejo do grupo de ser representado por alguém que atendam as expectativas. É uma concepção a respeito do Mestre que foi construída ao longo dos anos e pertence a memória social do grupo. Não um modelo rígido, mas requisitos que utilizam a lembrança da figura dos Mestres anteriores em uma construção histórica, contextualizada com o grupo e com a comunidade.

Ao assumir a frente do grupo o Mestre assume também a responsabilidade de assegurar que a memória do grupo perpetue, ele carrega a responsabilidade de

manter as músicas atualizadas. Como já falamos, as músicas cantadas no Congo fazem parte do repertório de vida das pessoas da comunidade. Eles cantam a história viva.

A dinâmica de cantar as músicas repetidamente durante os ensaios e festas contextualizam as histórias. Por isso a oralidade é importante para a comunidade. É a memória sendo entoada nas melodias do Congo. Para Le Goff (2003) a Memória Coletiva é um objeto de poder. Ao resistir as adversidades do tempo, no caso da comunidade de Regência Augusta, desde extermínio dos indígenas ao recente Crime Ambiental do Rio Doce, a memória estabelece sustentação rompendo a ação de domínio das lembranças e práticas culturais locais.

Canclini (1983 p. 110) afirma que “O mito e a medicina, o artesanato e as festas podem servir para libertação dos setores oprimidos desde que sejam reconhecidos por eles como símbolos de identidade que propiciam a sua coesão[...]”. Nesse movimento, o grupo se mantém unido pelas histórias, pela vivência, por partilhar e sobreviver de momentos difíceis, pelo desejo e esperança de dias melhores. Cantar a memória é um ato de resistência. As letras das músicas possuem fragmentos do passado, e assim a história é recontada todas as vezes que as melodias são cantadas.

O lugar de fala possui ainda outros sentidos dentro do grupo. Além do guardião da memória, o Mestre é o porta voz do grupo. E seu discurso segue em duas direções: uma para o interior da Banda, pois ele é um elo entre os sujeitos envolvidos na prática, e todas as demandas e conflitos do grupo são levados ao conhecimento dele para que possa ser analisado e resolvido.

O Mestre também é o orador para fora do grupo, ele o responsável em falar em nome de todos, como por exemplo, nas conferências, momento em que várias Bandas de Congo se reúnem para discutir as necessidades referentes à prática. Esses encontros acontecem normalmente depois das festas.

Muitas lembranças colhidas nas narrativas dos Mestres fazem referência ao Rio Doce e ao Mar. A ocorrência está associada ao fato de que assim como Mestre Guimaldo todos os Mestres anteriores, Leônidas Carlos, Sabino Bispo, Darci Ivo,

eram também pescadores. A prática da pescaria faz parte do cotidiano deles, e quando não estão pescando, eles estão cantando sobre o mar. Como nos versos abaixo cantados por Mestre Guimaldo (2018)

Pescador, pescador o tempo vai reinar

Pescador, o tempo vai invernar

Bota a canoa pra cima tira da beira do mar

A própria palavra “Capitão” esta relacionada à pessoa que exerce o comando, é a pessoa que está à frente e direciona a embarcação. Todos eles cantaram sobre rio/mar, sobre a pesca, porque essas lembranças fazem parte de suas vidas. Não poderia ser diferente, pois, “[...] a memória dos músicos está cheia de dados humanos”. (HALBWACHS, 2003, p. 214). E quando as experiências humanas são cantadas, elas ativam a memória no tempo presente, revivendo-a. Até mesmo o jeito de dançar de Mestre Guimaldo evidencia a relação com a prática pesqueira, o movimento e o gingado imitam o balanço das águas, o vai e vem das ondas.

Fotografia 16 – Mestre Guimaldo bailado na ponta dos pés.



Fonte: Patrícia Flávia dos Santos Cau (2018)

Quando questionado sobre seu jeito de dançar durante as apresentações de Congo, ele nos conta,

Eu gosto de dançar e ensaio muito e levo tudo já prontinho, como dizem os meninos aí, só no sapatinho. A minha dança tem a ver com o mar. Eu fui criado no balanço do mar e eu trouxe isso para o Congo. A gente vai pra frente, rola pra um lado, rola pra outro e a gente precisa equilibrar. O Congo e o mar e a mesma coisa. Pra mim foi uma coisa bem feita e não abro mão disso. Sou pescador, a gente diminui mas não deixa de ser quem é. (Mestre Guimaldo, 2018)

É uma relação tão íntima que Guimaldo caracteriza a própria identidade ao trabalho. Em uma de suas falas ele afirma: “Sou pescador” e acrescenta, “a gente diminui, mas não deixa de ser quem é”, provavelmente fazendo alusão a morte do rio, que rompeu as atividades pesqueiras. Hoje ele é menos pescador do que foi há três anos, mas continua sendo, talvez porque no Congo ele reviva parte dessas experiências: tanto na dança imitando o balanço do barco como nas histórias contadas e cantadas sobre a pescaria.

Nosso senhor Jesus Cristo que olhai pelo meu povo

Nosso senhor Jesus Cristo que olhai pelo meu povo

Nosso Rio Doce que ta pedindo socorro

Nosso Rio Doce que ta pedindo socorro

Eu estou vendo agora, mas eu não queria ver

Eu estou vendo agora, mas eu não queria ver

Nosso Rio Doce tá lutando pra não morrer

Nosso Rio Doce tá lutando pra não morrer

Infelizmente no tempo de Guimaldo ele precisa cantar a morte do rio. O crime ambiental não alterou apenas as atividades pesqueiras, mas toda a estrutura cultural e social da vila. Como nas letras das músicas que antes cantavam abundância do rio e agora são pedidos de socorro aos santos de devoção.

Voltando a esses sujeitos envolvidos, conguistas e pescadores, identificamos características semelhantes em ambas as manifestações. Tanto a ASPER como a Banda de Congo surgem do engajamento dos pescadores, da união e do desejo em comum de permanência das suas práticas. Eles são pescadores e conguistas. E aqui não se separa o pescador do conguista por se tratar de uma constituição coletiva social própria da comunidade.

Cada uma das práticas acima citadas, a pesca e o Congo, possuem um sentido em relação à outra, elas se fortalecem mutuamente, estão unidas, e mais do que se

imagina elas formam uma unidade de coesão e resistência. A morte do rio afetou estas duas estruturas básicas da organização social e cultural da vila.

Nem Guimaldo nem os outros pescadores sabem quando ou se voltarão a pescar nas águas de Regência Augusta. Esta prática não faz mais parte do cotidiano deles. Por outro lado, a pesca continua existindo na representação simbólica e imaginária e pode ser revivido nas memórias compartilhadas e cantadas nas festas do Congo, este é o sentido mútuo de fortalecimento e resistência entre a pesca e o Congo. Para Canclini (1983 p.116) “As festas são um dos poucos espaços onde a população pode continuar a reafirmar a sua solidariedade comunitária”.

Em Regência Augusta, as festas do Congo são abertas, não há restrição de participantes, qualquer um pode entrar na roda e brincar, sendo integrante ou não, nativo ou turista, é um espaço onde as pessoas podem se expressar com toda sua potencialidade, cantando as crenças, a fé, a vida cotidiana, o passado, o presente e os desejos para o futuro.

A Banda de Congo São Benedito hoje é composta por 30 integrantes. Guimaldo Firmino é o capitão, e dona Conceição é a responsável pela parte administrativa (registros, documentos), além de carregar o estandarte de São Benedito. Nas festas ela usa um vestido rodado e se diferencia dos outros integrantes.

Os demais membros vestem o uniforme da banda, que para as mulheres é camisa branca com a estampa de identificação do grupo, e saia azul, e para os homens a mesma camisa e calça azul. O que caracteriza o Capitão/Mestre é o uso do apito e o bastão. Além dos integrantes já citados anteriormente é importante mencionar os nomes²³: Elza Soares: Ficou à frente da organização do Congo até vir a falecer e Maria Soares (Cotinha): Herdou a função de organizadora e mantenedora da banda de congo de sua irmã Elza. Cuida dos uniformes e indumentária até hoje juntamente com seu irmão Umberto.

²³ Informações retiradas do Projeto de Revitalização da banda de congo São Benedito de Regência. *Organização e pesquisa*: Maria Conceição Costa. *Concepção, pesquisa e textos*: Carlos Sangalia. *Arte final*: Hélio Alcântara. *Fotos e pesquisa*: Biblioteca Comunitária de Regência e com membros da banda de congo.

Fotografia 17 – Dona Conceição carregando o estandarte de São Benedito



Fonte: Patrícia Flávia dos Santos Cau (2018)

De acordo com Guimaldo e dona Conceição, os integrantes são em maior parte moradores da vila e participam há anos das atividades. Os ensaios são realizados de acordo com o calendário de festas. Nessas datas os encontros se intensificam e são feitas reuniões para organização do evento. Embora as demandas sejam sempre decididas no grupo, o posicionamento do Mestre Guimaldo e dona Conceição norteiam as escolhas.

Quando fomos fazer uma reunião, o Sangália²⁴ falou que seria para registrar o Congo²⁵. Aí ele explicou e disse o porque seria bom. O nativo aqui não dá a resposta de sim ou não, ele fica assim “não sei”. Mas aí decidimos fazer e o Sangália disse que eu tinha que assumir e quando recebemos a notícia que tínhamos ganhado o edital foi uma felicidade. Todos concordaram que eu tinha que articular tudo. Depois do edital os componentes ficaram mais dedicados. Sento na mesma mesa. Sou parte dessa cultura. Tem muita amizade e confiança entre todos. Assim a gente consegue. (CONCEIÇÃO, 2017)

²⁴ Carlos Sangália nascido em Linhares. Formado em Arte Educação. Trabalha no Projeto TAMAR com Educação Ambiental e Desenvolvimento Comunitário (fomentação de instituições comunitárias, projetos culturais, educação ambiental com a escola, artesanato). Para além do trabalho no Projeto TAMAR se envolve com questões sociais e culturais da vila desde 1987.

²⁵ Sobre o registro, Sangália (2018) explica que foi realizada a criação da Associação Cultural Congo de Regência e registrada na SECULT - no cadastro estadual de entidades culturais do ES. Além desse documento, o Iphan elaborou um trabalho de inventário dos Congos e outros grupos do Espírito Santo.

Segundo Dona Alda (2018), a banda possui 25 instrumentos, sendo eles: tambores, reco-reco, chocalho, triângulo, bombo, cuíca, pandeiro, apito e tarol (este último pertence a Darci). Lins (2009, p. 35) explica que,

A quantidade de instrumento varia de uma banda para outra. As do município da Serra, por exemplo, aglomeram entre 10 e 20 instrumentistas em média; Roda d' Água, no município de Cariacica, o número de músicos, sem incluir os cantores, oscila em torno de 15; em Vitória, o número médio é de 10 tocadores por banda. Esses números, no entanto, não devem ser considerados de forma rígida.

Concomitantemente, em Regência Augusta a quantidade de instrumentos utilizados na banda de Congo acompanha a média dos grupos da região Capixaba. Seguindo ainda as informações de Dona Alda (2018), ela especifica que os conguistas são responsáveis pelos instrumentos durante os ensaios e apresentações, e ao término desses momentos, os aparelhos ficam guardados na casa do Congo. Os instrumentos pertencem a Banda.

A manutenção e reparo são realizados pelos próprios integrantes, que aprendem o ofício com dois membros antigos do conjunto, Darci e Humberto. Por meio deles, o grupo tenta manter a tradição de produzir seus próprios aparelhos musicais. Durante o ano, algumas oficinas são oferecidas aos tocadores mais novos. De um desses momentos Oliveira (2018) conta que,

Mestre Umberto ensinou os meninos a fazer a casaca e enquanto isso eles iam ouvindo as histórias dos antigos mestres e ajudou a enriquecer a identidade cultural das crianças e é muito diferente construir seu próprio instrumento, tem sua identidade. As crianças foram para a mata para ver qual o tipo de madeira utilizar para a casaca e também aprenderam a fazer redes de pesca.

O trecho acima narrado por Oliveira (2018) fala especificamente de uma experiência de oficina com a Banda de Congo Mirim. A vivência permitiu aos aprendizes refazerem o caminho dos primeiros conguistas, de a escolha e retirada de material da natureza à produção coletiva de objetos manuais. Ao mesmo tempo, eles conhecem as histórias do passado que são contadas e cantadas durante a feitura das peças por meio da transmissão oral das histórias e das músicas. E aqui se retoma uma história trazida por Mestre Guinaldo em uma de suas primeiras lembranças construída em torno do Congo, revivendo o mesmo processo de feitura de instrumentos musicais que as crianças. “Tudo aqui era mata virgem, a gente entrou nessa mata doida pra catar aquelas toras broqueadas. Cortamos em

tamanhos de 40 e 50 cm. e fizemos 10 pedaços. Deu pra fazer 10 tambor, 10 ganzá e 1 cúica. E saímos para brincar.”

Ao retomar a história do passado e compartilhar no tempo presente Mestre Guinaldo cria um elo, permitindo que as crianças construam ou simulem a lembrança trazida por ele, se apropriem dela de acordo com suas percepções. Para Benjamin (1994, p.210) “[...]a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. “

A ideia de história no contexto dos relatos como fonte de informações está associada ao que Burke (2008) chamou de história da memória, memória social ou memória cultural. Nesse sentido, a história cantada é a história viva, as memórias enquanto marcas coletivas de Regência Augusta. Sangália (2018) explica que,

O objetivo das oficinas era de ensinar o ofício de fazer, mas não simplesmente ensinar fazer, enquanto eles estavam ensinando a fazer rede, por exemplo, eles falavam da rede na vida deles, como pescadores, o significado. Como era pesca antigamente, como é agora, como era Regência quando ele era criança, eles cantam, contam histórias. Envolve toda a história cultural, as vivências, a identidade, toda essa parte sociocultural de resgate e o Congo a mesma coisa.

A prática de contação de histórias é bastante comum na vila, os mais velhos sentem prazer e orgulho de suas histórias, querem manter viva as lembranças, as práticas encentrais, seus hábitos e costumes. Benjamin (1994, p. 205) diz que “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve história.”

No momento em que essas lembranças são contadas e cantadas elas se reconfiguram ao tempo presente, desdobrando-se e costurando-se as lembranças construídas a partir da própria ação. Agora, a lembrança contada se distribui entre os aprendizes. Para Le Goff (2003, p. 435) “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje[...]. ”

Fotografia 18 – Crianças com as casacas



Fonte: Patrícia Flávia dos Santos Cau (2018)

Aproximar as crianças as atividades culturais da vila é um dos interesses de Mestre Guimaldo. Ele dedica parte do tempo promovendo situações em que elas estejam envolvidas: oficinas de instrumentos, ensaios, participação em festas, desfiles. “Me preocupo muito com as crianças. Vou sempre colocar eles na frente, pra tocar perto de mim(se referindo as apresentações das Bandas de Congo). Gosto de ver eles tocar e brincar. Antes de começar uma atividade, eu explico como vai ser e depois as professoras ajudam.”

Mestre Guimaldo acredita que a interação das crianças com a Banda de Congo Adulto é uma possibilidade de permanência da prática. “Eu falo com eles, hoje eu to ali ensinando, mas quando eu não estiver eles estarão e podem continuar. ” Guimaldo (2018). Aqui percebemos que os elementos do cotidiano revivido podem ser pensados como processo que mantém a memória coletiva atualizada.

As crianças do Congo Mirim batem o Congo com força e quando se junta com o Congo adulto faz uma mistura bonita de ver. Tem o Davi neto do Leônidas, já foi o capitão do Congo, e ele participa com empolgação. Ele é muito legal, ele não tem nada de computador, de internet, o negócio dele é brincar de Congo, as vezes a gente escuta um barulho e vai lá, é ele mexendo no tambor de Congo.(SANGÁLIA, 2018)

Sobre a experiência de oficinas com a Banda de Congo Mirim, Sangália (2018) descreve o orgulho dos adultos em mostrar seu saber, a possibilidade de contar

suas experiências aos mais jovens, valorizando a prática cultural do fazer manual que sempre fez parte da vida da comunidade.

Guinaldo embarcou na onda, então ele se sentiu pai das crianças. Por ele se sentir importante, ele tem pouco estudo, e foi para dentro da escola e aí ele viu que o que ele sabia era importante, foi pra dentro da escola ensinando crianças, alunos. Então ele se sentiu bem, isso valorizou o saber cultural, que é importante o saber cultural da comunidade. Ele viu que ele tinha um saber também e que aquele saber era importante perpetuar, importante para outro. Ele começou a ver isso, lógico que de uma forma empírica dele, ele começou a ter essa percepção.

Guinaldo pode ser distinguido entre um de duas construções estereotipadas trazido por Le Goff (2003) “Homens-memória narradores e\ou mestres-escolas”. Referindo-se ao contexto de aprendizagem, o autor explica que as comunidades com predomínio da oralidade, os homens-memória seriam os “depositários da história objetiva e ideológica”, e de modo contrário, aos mestres-escolas que utilizam a memorização mecânica, a transmissão de conhecimento se desenvolve promovendo condições de reconstrução da memória com mais liberdade e criatividade, como por exemplo durante os momentos descritos acima por Sangália. A aprendizagem do conhecimento popular, que não está nos livros, nem na escola, mas na comunidade, na vida das pessoas, um saber fazer autêntico.

4.3 UM MOTIVO PARA CANTAR

O ciclo festivo do ano em Regência Augusta envolve três momentos específicos: começa com Fincada do Mastro em novembro, é a festa de Santa Catarina, Derrubada do Mastro em Janeiro, a festa de São Sebastião e a festa de Caboclo Bernardo em junho, uma homenagem ao Herói Caboclo Bernardo. É importante dizer que existem outras festas na vila durante o ano, mas as citadas foram as celebrações descritas durante as entrevistas como festividades tradicionais em que as Bandas de Congo se apresentam e por isso a importância para o trabalho. Gilberto Giménez (apud CANCLINI, 1983, p.113) aponta algumas características das festas tradicionais,

a) Ruptura do tempo normal; b) Caráter coletivo do fenômeno da festa, sem exclusão de nenhuma classe, como expressão de uma comunidade local; c) Caráter compreensivo e global, uma vez que a festa abrange os elementos mais heterogêneos e diversos sem disgregação nem “especialização”

(jogos, danças, ritos, música etc. ocorrem no interior de uma mesma celebração global; d) Com a conseqüente necessidade de ser realizada em grandes espaços abertos e ao ar livre (praça, o pátio da igreja...) e) Caráter fortemente institucionalizado, ritualizado e sagrado(a festa tradicional é indissociável da religião); f) Impregnação da festa pela lógica do valor de uso(como conseqüência: festa-participação e não festa-espetáculo); g) Forte dependência do calendário agrícola no quadro de agricultura sazonal.

Das particularidades citadas acima observamos que a maioria delas condiz com as três festas descritas como tradicionais de Regência Augusta. São ditas festas tradicionais os eventos festivos que assumem as expressões culturais da comunidade e se realizam dentro de um sentido de reprodução simbólica de práticas e vivências compartilhadas comuns aos moradores. Como já falamos, essas festas são abertas, com interação constante com o público. Normalmente fazem caminhadas pela vila, indo em cortejo da igreja a casa do Congo ou vice e versa. Se distingue do “calendário agrícola”, e segue um calendário ligado as questões religiosas, aos santos e heróis, fortemente unida aos elementos rio\mar e a pescaria. Não se nota também o aspecto de “ruptura com o tempo normal”, mas metaforicamente podemos dizer que o tempo, durante as festas, adota um momento de suspensão, onde passado, presente e futuro convergem reciprocamente se influenciando.

Vemos nesta ocasião a função da memória coletiva em assumir um desempenho essencial que se movimenta entre as representações de práticas tradicionais às experiências do tempo presente, atualizando as histórias do passado. Para Le Goff (2003, p. 437), “A memória na qual cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar passado para servir ao presente e ao futuro. ”

Ao examinarmos as três festas citadas acima verificamos que elas representam o interesse de perpetuação das práticas culturais da vila. Para maioria dos moradores conservar as manifestações locais é uma questão muito maior do que o desejo de promoção econômica. São momentos em que o fazer cotidiano, as práticas culturais e a memória coletiva estabelecem meios de sobrevivência na ação repetitiva e alegórica da festa. A análise de Canclini (1983) sobre a interferência mercadológico em comunidades tradicionais, distingui as celebrações que ocorrem no interior dessas comunidades como elemento de força e resistência diante dos conflitos entre os sistemas culturais.

As festas em Regência Augusta são momentos especiais na vida cotidiana da vila. Grande parte da comunidade elabora e reestrutura seu dia a dia considerando o calendário festivo. É um preparo que começa muito anteriormente ao evento e como são três encontros anuais, divididas entre os meses do ano, início, meado e fim - a comunidade se ocupa entre os afazeres do dia-a-dia, aos ensaios, arrumações, decorações, produções de artesanatos para venda e apreciação, hospedagem, alimentação e recepção dos turistas. Lembrando Canclini (1983) essa organização coletiva é uma das características das festas populares tradicionais. Ele diz ainda que,

As festas camponesas, de raízes indígenas, coloniais, e ainda as festas religiosas de origem recente são movimentos de unificação comunitária para celebrar acontecimentos ou crenças surgidas da sua experiência cotidiana com a natureza e com outros homens [...].(CANCLINI 1983, P.54)

De modo geral, no Espírito Santo, a festa relacionada ao Mastro se divide em três momentos, “1. Derrubada ou arrancada do mastro; 2. Puxada, levantamento e fincada do mastro; 3. Retirada ou descida do mastro. A derrubada – em que é abatida uma árvore na mata para servir de mastro na festa. ” Atlas de Folclore Capixaba (2009, p.88)

A primeira festa do ano é a festa em homenagem a Santa Catarina, acontece a tradicional “Fincada do Mastro” ou “levantada do mastro”. O evento é realizado no final de semana próximo ao dia 25 de novembro, quando é feita a procura e levantada do mastro. A Banda de Congo São Benedito, de Regência Augusta, é a única banda de congo do Espírito Santo que faz a Fincada nesta época. Dona Alda (2018)

Santa Catarina vai, ela vai passear
é uma semana hoje, ou tirando
ou tirando um dia no rosário de maria
São Benedito ele vem de Lisboa
Vem com a sua bandeira, vem com a sua coroa

Os conguistas saem à procura do mastro que foi escondido na noite anterior. Após acharem, o Mastro é levado, em meio a brincadeira e cantoria até a igreja onde é

fixada a bandeira de Santa Catarina e São Benedito. Para Dona Alda (2018), “É um momento de fé”. E continua,

Na festa de santa Catarina a gente faz a comida, nós somos em três cozinheiras. No ano passado em novembro eu fiz uma promessa pra santa Catarina. Eu estou muito doente com uma tosse forte, ai fiz uma promessa que se Santa Catarina me deixasse eu boa pra ‘mim’ pode cantar de novo a cantiga do Congo, eu ia de casa até a igreja de joelhos. Minha filha, eu estraguei meu joelho, mas a promessa foi cumprida. Fui nascida e criada na igreja católica. Deus e são Benedito vai ser meu curador! E eu vou ficar boa.

O Atlas de Folclore Capixaba descreve que,

No dia ou na véspera do dia do santo, dá-se a puxada do mastro, já preparado e ornamentado para conservar no topo, depois de fincado, um quadro em forma de tela com a figura do santo. [...] Tanto a puxada como a fincada do mastro são marcadas por intenso foguetório e pelo som das batidas e toadas das bandas de congo. Antes de ser fincado no local onde permanecerá por algum tempo, o mastro é atirado várias vezes para o ar e recebido nos braços dos devotos que dançam e cantam com entusiasmo. A retirada, tirada ou descida do mastro somente ocorre meses depois, quando se dá por encerrado o ciclo de homenagens ao santo, e mais uma vez as bandas de congo participam do evento. Atlas de Folclore Capixaba²⁶ (Atlas de Folclore Capixaba, 2009, p.71)

Para completar o ritual, o Mastro é fincado em frente à igreja, permanecendo ali até o mês de janeiro. As festas relacionadas ao Mastro são ocasiões mais intimistas, com pouca participação de turistas e conseqüentemente pouco investimento financeiro. Por um lado, vemos uma prática que sofre menos interferência externa por ser mais restrita, e erroneamente pensamos que está comemoração religiosa pode se manter preservada, mantendo originalmente a prática, mas as comunidades tradicionais precisam da inserção monetária para existir. Não podemos dizer que essas práticas poderiam se sustentar sem o apoio financeiro das instituições, tão pouco poderíamos dizer que não sofrem influências externas ao se enquadrarem no modelo mercadológico de consumo. (CANCLINI, 1983). Mas podemos dizer que são sempre momentos de resistência e força, de ressignificação e atualização das práticas, uma maneira de continuar existindo, adaptando-se as necessidades do tempo. De forma espontânea e natural essa transmissão de conhecimentos populares constrói vínculos sociais afetivos de identidade e pertencimento, construindo entre os membros dos grupos ou comunidades elementos comuns a todos.

²⁶Atlas do Folclore Capixaba / Usina de Imagem ; Coordenação de Humberto Capai ; Fotografias da Usina de Imagem - Espírito Santo, SEBRAE, 2009.

A Festa da Derrubada do Mastro que acontece em janeiro, próximo a data de São Sebastião. Um ponto fundamental dessa festa é a procissão que segue pelas ruas da vila entoando as músicas do Congo e as rezas tradicionais da igreja católica, Salve Rainha, Ave-Maria, Pai Nosso, Santa Maria, Santa Catarina.

Fotografia 19 - Santa Catarina, São Sebastião e São Benedito²⁷



Fonte: Patrícia Flávia dos Santos Cau (2018)

As comemorações que envolvem a Fincada e a Derrubada do Mastro fazem alusão a uma história antiga sobre o naufrágio de um navio negreiro, em que os tripulantes, a maioria negros escravizados, conseguem se salvar segurando ao Mastro do navio. De acordo com o Atlas de Folclore Capixaba (2009, p.88),

A tradição tem propagado a versão de que escravos se salvaram de um naufrágio sustentando - se ao mastro do navio. Devido a essa crença, as Bandas de Congo seguem o ritual do mastro, fazendo as festas da Arrancada, Cortada ou Derrubada; da Puxada e Fincada; e da Retirada do Mastro de São Benedito.

A história dos escravos que se salvaram de um naufrágio agarrados ao mastro vem sendo contada há anos. A ideia de bravura e heroísmo se perpetua em cada novo ciclo. E esse sentimento de manter vivo as histórias é tão forte para as comunidades tradicionais, que se torna necessário criar momentos envolvendo os acontecimentos significativos a memória social do grupo, numa tentativa de que o fato possa continuamente ser lembrado. Canclini (1983, p.126) diz que a festa é um momento

²⁷ Teve uma vez que deu um problema, entrou um padre em Linhares, que disse que a gente não podia ter aquele monte de santo no altar da igreja. Mandou tirar tudo, aí desconfiguraram a igreja, tiraram o altar de madeira bonito que tinha, reformaram a igreja, tiraram o sino, mudaram a igreja toda. O padre insistiu na mudança do santo aí a comunidade não quis e disse que os santos daqui eram Santa Catarina e São Benedito. Aí o padre fez uma votação, teve eleição de santo, da padroeira da vila. Só que empatou entre Santa Catarina e São Benedito, foi para o segundo turno(rindo). E São Benedito ganhou. (SANGÁLIA, 2018)

de tensão entre “o passado e o futuro, o perdido e o prometido”. O encontro dos tempos, na relação que se constroem entre os participantes mais jovens e os mais velhos. ” No momento de rememoração das histórias, os ouvintes que se identificam com as situações descritas sofrem um processo de reconhecimento, de afinidade, de identidade, tomando para si a história. Benjamin (1994, p.211) acredita que “A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. ”

A memória sobre o evento passa a pertencer a este ouvinte, de maneira que mesmo não vivendo essa experiência, cria a sensação de pertencimento. Halbwachs (2003, p. 108) explica que, “No momento em que examina seu passado, o grupo nota que continua o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo. ” Assim, as pessoas, também, constroem suas histórias com base na memória dos outros, as histórias contadas por outros, as experiências dos avôs, dos parentes, vizinhos e vivem essas memórias como se fossem suas, mesmo que muitas vezes não as presenciaram, por terem ocorrido há muito tempo. E nessa organização se verifica a possibilidade de permanência e preservação da memória coletiva.

Segundo o pensamento de Halbwachs (2003, p.109) A memória coletiva “[...] apresenta ao grupo um quadro de si mesma que certamente se desenrola no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele sempre se reconheça nessas imagens sucessivas. A memória coletiva é um painel de semelhanças [...]. ” A festa reconstrói o cenário, na repetição simbólica, revivendo o momento do naufrágio. É também o momento de conflito entre as transformações sociais e o desejo de permanência e continuidade das tradições. “Os atos cerimoniais não devem ser separados dos cotidianos. ” (CANCLINI, 1983, P. 128)

Le Goff (2003) comenta que a palavra memória na antiguidade clássica foi atribuída a deusa “Mnemosine” responsável por recordar aos homens os feitos dos heróis. E aqui, vemos uma história heroica, de sobrevivência, de força, de luta, de um povo que por anos vem sendo subjugado, todavia se reafirma na coletividade e nas histórias do seu povo. Benjamin (1994, p. 210) completa dizendo que “ A memória é a mais épica de todas as faculdades. ”

Com isso, podemos dizer que a memória social permite ao indivíduo ou um grupo, experienciar o que não viveu, durante as festas os participantes experimentam a rememoração da cultura, dos saberes e das práticas, retomam e fortalecem as origens culturais.

Diferentemente das festas que envolvem o Mastro e os santos, a festa de Caboclo Bernardo é genuinamente de Regência Augusta, o festejo ao herói acontece próximo a data de sua morte, 03 de junho. A data do evento guarda à lembrança da morte do herói. Le Goff (2013, p.408\409) explica que “ A associação entre a morte e a memória adquire, com efeito, rapidamente, uma enorme difusão no cristianismo, que a desenvolveu na base do culto pagão dos antepassados e dos mortos. ” Uma forma de homenagear após a morte pessoas geralmente benévolas, conservando na memória da comunidade a data de sua morte.

Este evento não se realiza em nenhum outro lugar. São três dias de comemoração, e o ponto alto acontece no domingo com o encontro das Bandas de Congo que vem de vários municípios do Espírito Santo. As comemorações do feito heroico de Caboclo Bernardo acontecem desde 1930 (REIS, 2003) com o Auto do Caboclo Bernardo²⁸. A festa com a proposta de “Encontros de Bandas de Congo” só começou em 1991. Essa lembrança é narrada por Sangália (2018),

A gente estava lá em Vitória ajudando o Congo de lá, ai dona Mariquinha e Claudio Lins apareceram por lá, com a seguinte ideia: “estamos querendo levar mais Congo lá na festa Caboclo Bernardo porque a festa é só futebol e tal.” E como a gente tinha muito contato lá em Vitória, a gente conseguiu o apoio da UFES, convidamos várias Bandas do Estado, a gente tinha muito contato. Por causa do apoio da UFES, precisamos colocar no cartaz do evento como o segundo encontro da Banda de Congo, mas era o primeiro, tinha que ser evento que já havia começado, ai a gente falou “esse aqui já começou já” (rindo). Ai organizamos o encontro de Bandas de Congo em Regência Augusta na festa do Caboclo Bernardo. Recebemos 10 Bandas neste ano, em 1992 nos mudamos pra cá e continuamos a ajudar na organização da festa.

É a festa mais popular da vila, e conseqüentemente a mais comercial. Normalmente um grande número de turista enche o lugar. Nesta festa também há apresentações de shows musicais regionais e nacionais, atividades e esportivas, barracas de produtos e comidas típicas, mais parecida com que Canclini (1983) chama de festa espetáculo. Das três festas citadas, a comemoração de Caboclo Bernardo possui

²⁸ Auto do Caboclo Bernardo é uma peça teatral que retrata o nascimento, a infância na beira do rio, o salvamento, a condecoração e a morte de Caboclo Bernardo.

um maior investimento financeiro. Canclini (1983) ainda nos lembra que as práticas culturais tradicionais não escapam dos domínios do sistema capitalista. A ação econômica está inserida e exerce influência sobre elas.

Quando questionada sobre como é a festa, Dona Alda (2018) descreve a celebração explicando o lado ritualístico, o encontro das Bandas de Congo, a entrada na igreja, o respeito aos santos. Em nenhum momento ela fala sobre as outras atividades que acontecem durante o final de semana. Para ela a festa é aquele momento do Congo.

Na festa do Caboclo Bernardo a gente faz uma caminhada lá do começo da vila até a igreja. Vem um monte de bandas de Congo de fora. A chegada na igreja é a parte de muita alegria, parece que a gente está entrando no céu assim. Quando a gente chega dentro da igreja com aquele pessoal todo do Congo é muito emocionante. A gente entra e faz uma continência no altar, dança e canta e a gente sai e deixa os outros entrar pra fazer a continência deles. Depois da igreja a banda vai para pracinha da vila e ali encerra a festa. Ai a gente vai na casa de Congo pra guardar os instrumentos. Dona Alda (2018)

De forma semelhante o Atlas do Folclore Capixaba (2009, p.82) descreve a festa do Caboclo Bernardo como um evento basicamente tradicional, de comemoração ao ato heroico e aos festejos da Banda de Congo,

Festa realizada há mais de 60 anos em Regência, distrito de Linhares, em homenagem ao Caboclo Bernardo, filho mais ilustre de Regência, condecorado pela Princesa Isabel em 1887, como herói nacional, por salvar de naufrágio, na foz do rio Doce, 128 marinheiros do navio Imperial Marinheiro. Bernardo José dos Santos, o Caboclo Bernardo, recebeu na corte do Rio de Janeiro uma medalha humanitária de primeira classe cunhada em puro ouro. Os grupos folclóricos da região, Bandas de Congo, Reis de Boi e Ticumbi, festejam esse herói, consagrado como santo pela comunidade local. No dia seguinte se realiza o Encontro de Bandas de Congo, com a participação de bandas da região. O público estimado para esse evento é de 5.000 pessoas. Data: primeiro final de semana de junho, data móvel.

A organização dessa festa é compartilhada com a Associação de Moradores de Regência Augusta, por demandar mais recursos e afazeres. A Banda de Congo se ocupa com os ensaios, manutenção dos instrumentos, preparo da alimentação, questões relacionadas a ritualidade. Nos dois primeiros dias da festa são realizadas apresentações de bandas de fora com estilos musicais de Reggae ou Forró pé de Serra. Se observa nesses dois primeiros dias uma tentativa mercadológica em atrair mais turistas oferecendo atividades e apresentações que não são característicos da vila, mas que conseqüentemente acaba seduzindo um maior número de pessoas.

No terceiro dia acontece a passagem mais esperada do final de semana: o encontro das Bandas de Congo do Espírito Santo. A Banda de Congo são Benedito e a Banda de Congo Mirim são responsáveis em receber e direcionar o cortejo das bandas visitantes. Anteriormente o caminho iniciava na casa de Dona Mariquinha, na entrada de Regência Augusta, e seguiu pelas ruas da vila até a igreja para cerimônia de fé diante dos santos de devoção da comunidade, e por fim chegam a casa do Congo. Após a morte de Dona Mariquinha em 2016, esse percurso sofreu alteração. Os anfitriões, agora, esperam pelos visitantes na praça da vila, onde fazem a primeira recepção e seguem para igreja e casa do Congo.

Examinado a importância das festas tradicionais para a comunidade ribeirinha de Regência Augusta uma preocupação se levanta: a probabilidade de rompimento desse ciclo no caso de não haver para essas pessoas motivos para cantar. Na narrativa de Sangália, ele traz uma situação pertinente em discussão, segue o relato,

O Congo começou a envelhecer e hoje o Congo está muito sério. A gente debate bastante essa situação no grupo. A gente está criando e buscando alternativas de fomentar mais os idosos, de dar uma revitalizada neles, porque eles perderam a autoestima, com a situação da lama também, tudo acontecendo e a autoestima baixou muito. Alguns já faleceram, outros estão muito doentes, o Congo está quase pra acabar, está bem fraco. (SANGÁLIA, 2018)

Como vimos no capítulo anterior, o crime ambiental alterou as estruturas sociais e culturais, provocando conflito e instabilidade emocional nos moradores da vila. Abdon Claudino cantava o rio em suas poesias, Dona Alda estava sempre no rio com uma varinha de pescar na mão. São dois exemplos de pessoas que eram muito ligadas as práticas culturais locais e se sentiram afetadas pela morte do rio de várias formas. Abdon Claudino morreu em janeiro de 2018 e Dona Alda está muito doente e não consegue mais “brincar” no Congo. Ao verem o rio sendo destruído em pouco tempo essas pessoas começaram a ficar num estado de tristeza profundo. Segundo Sangália (2018),

Uma vez que as pessoas são atingidas assim no seu psique, ela começa a ficar em estado de depressão, então tem muitas pessoas da vila que estão doentes, não foram no médico, não diagnosticaram, mas você vê, dá para ver claramente que algumas estão em depressão, as pessoas vão ficando com aquele sentimento ruim e vão somatizando aquilo, algumas doenças vão se agravando mais, e muitas doenças começaram a surgir por causa da psicossomatização das pessoas. Por exemplo, neste ano(2018) morreram umas três pessoas que eram do Congo: Benjamin, Abdon, a esposa do

Humberto. E só para dar dados, que não é brincadeira o que está acontecendo, se você for pegar aí, você vai ver, a gente tinha a mortalidade de idosos da comunidade geral era um(1) por ano, o coveiro era o cargo mais cobiçado que não fazia nada(rindo). Hoje, é uma média de 20 idosos mortos por ano, não é juntando os três anos não.

O índice de mortalidade na vila aumentou, principalmente com os mais velhos. O crime Ambiental afetou as pessoas do Congo, eles estão ficando doentes. Tem dois anos que a Renova está tentando elaborar um projeto de ação social na vila, mas até agora o plano ainda não saiu do papel, para o ano de 2019 começa a ser feito um trabalho de melhoria visual de alguns espaços de Regência, a Casa do Congo também será considerada. (SANGÁLIA, 2018)

Ao falarmos sobre a memória coletiva dentro de comunidades tradicionais acreditamos que ela possa ser um elo de fortalecimento das práticas culturais locais, mantendo por meio da transmissão oral de contação e cantação o conhecimento popular e as histórias que construíram a identidade, ou seja, modo de ser dessas pessoas. Para Le Goff (2003, p. 437) “Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para servidão dos homens. ”

A criação da Banda de Congo Mirim surge do desejo de sustentação dessa identidade cultural. As crianças tendo contato com os mais velhos, conhecendo sobre o trabalho e os sentidos do Congo e ao mesmo tempo sobre as histórias de santos, de heróis, da pesca, num processo de construção histórico e cultural das práticas.

Fotografia 20 - Ensaio Banda de Congo Mirim de Vila Regência e a Banda de Congo São Benedito



Fonte: Patrícia Flávia dos Santos Cau

Por outro lado, os mais velhos teriam um público disposto a ouvir e aprender com as histórias, valorizando as experiências, o fazer manual, as crenças e as origens. Benjamin (1994, p.221) questiona “[...] se a relação entre o narrador e sua matéria prima – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único? ”

Tentando responder a inquietação trazida por Benjamin (1994), no contexto da Vila de Regência Augusta, poderíamos dizer que a memória coletiva seria um dos produtos produzido por esse armazenamento de experiências estabelecido ao longo dos anos. É comum aos moradores mais velhos da vila a prática de contação e cantação de histórias, transmitindo por meio da tradição oral, um conjunto de conceitos, valores e representações historicamente elaboradas pela comunidade.

Cabe observar, que muitas vezes, essa ação acontece sem a elaboração de uma estrutura complexa, é muito mais espontânea e instintiva, contudo o que vemos e não poderíamos ignorar, é a ação pedagógica desses encontros. São momentos atravessados por uma significação própria e reflexiva da comunidade.

Sangália (2018)²⁹ conta que o Congo Mirim foi criado em 1987 por vontade de Dona Mariquinha junto a outras lideranças comunitárias: Ilona Húngara, Alaíde, Elenita, Eliar. A Banda de Congo Mirim Caboclo Bernardo foi a primeira Banda de Congo de Crianças do Estado do Espírito Santo.

Foi ai que Bibiu conseguiu lá no DEC(Departamento Estadual de Cultura) todos os panos, tecidos para fazer roupa do Congo Mirim. As mulheres daqui costuraram, depois ela conseguiu todos os instrumentos do Congo Mirim, que eram as barrigas igual era do Congo lá de Vitória, que foi o mestre Antônio Rosa, lá da Serra que fez. O mestre Antônio Rosa é referência do Congo Capixaba. E dessa época uma parte das pessoas que já faleceu.

Com o passar dos anos as crianças da Banda de Congo Mirim Caboclo Bernardo foram crescendo e a Banda acabou. Em 2012 surge um projeto Mais Cultura na Escola e a Banda de Congo Mirim começa a surgir numa nova proposta se unindo a

²⁹ Junto com a comunidade Carlos Sangália ajudou a fomentar algumas associações em Regência Augusta: Em 1998 foi criada a Associação de Moradores em ocasião do SOS Regência; em 1888 foi criada a Associação de Pescadores; Ajudou a criar a Associação de Artesanato; A Associação do Congo São Benedito de Regência Augusta.

escola. A Glória (diretora) e a professora Luciana começaram a desenvolver um trabalho de identidade cultural de Regência, num esforço de resgate da prática por meio de oficinas, que exploravam os significados do Congo para comunidade.

Algumas crianças começaram entrar. Aí começa fortalecer o Congo Mirim dentro da escola. Mas, infelizmente, tem um tempo que a Glória saiu da direção da escola e a professora Luciana também, o Congo Mirim ficou todo parado, mas mestre o Guimaldo quis continuar com o projeto, aí o Congo saiu da escola. (SANGÁLIA, 2018)

No espaço escolar, a elaboração intelectual das significações comuns a comunidade se apresenta articulada aos conteúdos obrigatórios do currículo. A tentativa do projeto foi sistematizar o conhecimento popular das práticas culturais locais, e ao mesmo tempo, agregar valores culturais ao currículo. Mas como vimos, o projeto só funcionou enquanto havia pessoas dedicadas ao processo.

No projeto elaborado justificando a inserção do Congo na escola encontramos o seguinte objetivo,

O projeto tem como objetivo auxiliar a comunidade escolar a sensibilizar a população local em relação à preservação das tradições culturais locais, principalmente o Congo. Apesar de essa manifestação fazer parte do calendário cultural do distrito de Regência Augusta é pouca difundida e preservada, fato em que a E. E. E. F.M Vila Regência passou a tratar tal manifestação como pesquisa dos múltiplos saberes popular a ser sistematizado e transformado em conhecimento acadêmico no conteúdo escolar. (PROJETO CONGO MIRIM. ANEXO B)

A escola não conseguiu se manter ligada à vida da comunidade. Como recorrência, voltando a história de Leônidas Carlos, que fugia da escola para pescar, ainda se mantém conteudista, afastada da realidade, dos valores e representações de sentido do mundo da criança.

Hoje, o Congo Mirim de Vila Regência são os alunos da escola, mas não estão diretamente ligados à escola, eles estão dentro da Casa de Congo junto com Mestre Guimaldo e as professoras Luciana e Morena. Junto com a comunidade. “E agora o Congo Mirim está dentro do Congo Adulto. Eles abraçaram o Congo Mirim.” (CARLOS SANGÁLIA, 2018)

Para a Banda de Congo Adulto ter as crianças perto representa simbolicamente a renovação e conseqüentemente perpetuação da prática. As crianças mantem viva a esperança de dias melhores, o desejo de continuar existindo\resistindo às

problemáticas econômicas, sócias e culturais. As crianças hoje representam o motivo de continuar cantando e compartilhando a memória.

A transmissão oral de conhecimentos populares, muitas vezes, ocorre por meio de práticas culturais local. Os aprendizes estão fora da escola, mas dentro da comunidade tendo contato com um conhecimento, um saber fazer das atividades próprias da sociedade, que foram selecionadas como aspectos significativos e por isso estão salvaguardo na memória coletiva do grupo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação realizada nesta pesquisa objetivou analisar o conceito de memória coletiva das práticas culturais da Vila de Regência Augusta. A comunidade está intimamente ligada a duas atividades tradicionais: a Pesca e o Congo. De início, a pesquisa se limitava ao estudo da memória ligada apenas ao Congo, pensando na relação entre a Banda de Congo Adulto e a Banda de Congo Mirim. No decorrer da coleta de dados, no contato pessoal com os entrevistados, verifiquei que não conseguiria separar o pescador do conguista, que uma prática estava fortemente ligada a outra. Ao falar sobre o Congo as lembranças se misturavam entre as histórias vividas na Pesca, as duas atividades se entrelaçavam, se enquadrando recorrente a cultura local.

Para Halbwachs (2003) a construção da identidade e da história estão ligadas a memória. E a memória é uma construção coletiva. A memória é aquilo que se escolhe lembrar, manter vivo e atualizada ao tempo presente. O que me fez questionar: dentre as experiências vividas, o que é fundamental para uma comunidade tradicional? Quais histórias serão guardadas na lembrança? Quais acontecimentos do passado são relevantes? Quais momentos da história serão transformados em memória? O que eles querem manter presente na memória coletiva? E por que a memória coletiva é tão importante para essas pessoas?

Observei que as histórias contadas, nas entrevistas, significavam as lembranças originado das experiências de cada uma daquelas pessoas ligado ao contexto de suas vidas, principalmente sobre o rio\mar e as práticas culturais tradicionais da vila. Assim, as lembranças são experiências do passado que se materializaram por meio das histórias contadas. E por sermos seres sociais não podemos separar a história individual da história coletiva. E ainda, ao contar sua história de vida, esses sujeitos narravam a si mesmo, numa relação em que não se separa aquilo que se vive daquilo que se é. Nesse sentido, a construção da memória coletiva tanto quanto a construção da identidade cultural são processos ligados as especificidades que cada sujeito traz de si e do grupo.

Num desafio de tentar entender as manifestações culturais, a escuta atenta é importante. A medida que as narrativas foram aparecendo, lado a lado com as leituras teóricas que embasaram este estudo, as representações e significações das práticas culturais e sociais da comunidade foram ao mesmo tempo se configurando.

Podemos retornar no texto na história de Zé de Sabino quando ele diz “A minha história começa pelo nome lá em casa. O nome do meu pai é Sabino Bispo, aí por morar no interior e todo mundo ser um pouco Zé de alguma coisa: Zé de Oliveira, Zé de Juju e eu era o Zé de Sabino, mas meu nome é Élcio José Souza de Oliveira”. A história e a identidade de Zé de Sabino estão diretamente relacionadas a história do pai e a de outros pescadores que também são Zé de alguém, a identidade foi elaborada dentro de uma construção social, ele é Zé filho de alguém, ele é Zé pescador. A história do pai, a história de Zé de Sabino e a de tantos outros pescadores estão entrelaçadas pela significação que a prática cultural possui na vida do grupo.

Em outro momento vemos na fala de Dona Alda a história e a identidade também relacionadas ao contexto social da vila. Ela diz “A minha história é (pausa) até uns anos atrás eu pescava”. Quem é ela está condicionada as histórias construídas na vivência com a prática da pescaria local. Ela não consegue separar sua identidade das relações sociais da vila. A pausa na fala demonstra a ruptura causada pela ausência do rio\mar. E quando ela não consegue se identificar diante do contexto atual, ela se remete ao passado. “ Até uns anos atrás eu pescava. ” Ela se apega a história para caracterizar sua identidade.

É importante ressaltar, a relação íntima da comunidade com o rio\mar. O rio\mar para eles é um ser, um parente, quase uma divindade. E dessa relação se percebeu como Crime Ambiental, por exemplo, provocou conflito e instabilidade emocional nas estruturas sociais da vila. Ao verem o rio sendo destruído em pouco tempo as pessoas começaram a ficar num estado de tristeza profundo e muitos adoeceram, e alguns morreram. Um dado trazido por Carlos Sangália durante a entrevista e vivenciado por mim, pois enquanto fazia essa pesquisa presenciei o anúncio da morte de alguns dos moradores da vila.

Impedidos de entrar no rio\mar a boca da barra deixa de ser um lugar de encontro. Esse é o mesmo lugar onde Leônidas Carlos aprendeu a pesca, aprendeu sobre o vento, a entrada e saída de barcos, ouviu histórias dos antigos pescadores; é também o lugar onde Luciana Oliveira descreve momentos felizes da sua infância, é o lugar onde Abdon Claudino, poeta e músico local, criou grande parte das suas poesias e músicas. E esse lugar não é mais um ponto de encontro. Então as relações sociais são comprometidas nesse “não encontro”.

No trabalho é citado a questão do benefício pago pelo Renova, que alguns pescadores recebem e outros não. O Seu Darci, por exemplo, sempre foi pescador, sempre fez tarrafa, a vida inteira cuidou de peixe. É um dos pescadores mais antigos e respeitados da comunidade, mas ele não tem a carteirinha de pescador. A carteirinha é uma exigência feita pela Renova, então ele não recebe o benefício. Mas Seu Darci sabe que ele é pescador, essa é a identidade dele, ele não precisa de documento que ateste isso.

Sobre a prática da pescaria, posso dizer que os pescadores possuem uma relação diferenciada com o trabalho. O ritmo desse trabalho é particular e próprio ao contexto dos pescadores da vila. Todavia, as comunidades tradicionais não escapam do sistema capitalista, mas podem se relacionar com o mercado de consumo, respeitando a organização própria e específica do sistema de representação cultural ao qual está inserido. De tal modo, o trabalho com a pescaria para esses sujeitos está muito além da relação financeira, e possui um valor afetivo e cultural. O cuidado com o barco, a feitura das redes, as trocas de experiências entre uma conversa e outra, a contação de histórias e a brincadeira com as crianças na beira do rio, tudo isso faz parte da prática da pescaria em Regência Augusta.

No momento da “contação e cantação” das histórias as pessoas revivem as lembranças e as transmitem. Por isso se traz no trabalho a preocupação sobre o hábito de contar histórias estar em desuso. Para que a história continue existindo é preciso que ela seja contada, e que haja ouvintes, e que estes se identifiquem com aquela reminiscência. No momento de rememoração das histórias, os ouvintes que se identificam com as situações descritas sofrem um processo de reconhecimento, de afinidade, de identidade, tomando para si aquela memória.

Voltemos a história celebrada na Festa do Mastro, ela guarda a trajetória dos escravos que se salvaram de um naufrágio agarrados ao pau de um navio e vem sendo contada e cantada há anos, ou ainda a história do herói Caboclo Bernardo que é símbolo de bravura e orgulho para comunidade. As festas em Regência Augusta celebram a superação, a força de um povo, que muitas vezes é subjugado na história dos livros, mas para a comunidade possui o sentido de resistência e fé. Dona Alda conta a promessa que fez a Santa Catarina em busca de força diante da enfermidade que estava passando. De joelhos ela seguiu a procissão, cantando e rezando, pedindo cura a Santa Catarina, revivendo na festa a coragem dos que se agarraram ao mastro e se salvaram.

Para Halbwachs (2003) a memória não se sustenta na história dos livros contadas nas escolas, muito além disso, a memória é uma construção da história vivida. Significativamente, as práticas culturais de Regência Augusta, em específico a pescaria e o Congo, são atividades que promovem um papel formativo de desenvolvimento intelectual e cultural à comunidade. Vemos um processo popular de explicitação das significações da existência humana, onde se toma consciência dos valores, conceitos e representações culturais.

Por fim, a crença de que o Congo Mirim preserve a prática cultural, hipótese levantada inicialmente nessa pesquisa, se mostrou revoga, mas um outro significado se apresenta relevante e contribui de outras formas aos sentidos da prática. Para a Banda de Congo Adulto ter as crianças por perto, no convívio com a prática, é um indício de que as atividades continuarão existindo. Posso dizer que as crianças, para eles, são um motivo para cantar, um motivo para acreditar em dias melhores. A casa do Congo passa a ser um lugar de encontro, onde as histórias são contadas e cantadas. Há na aproximação entre adultos e crianças uma ação pedagógica, momentos atravessados por uma significação própria e reflexiva da comunidade. Mas o que realmente sustenta a prática do Congo é a prática da Pesca, um está relacionado ao outro.

Dentre todas as experiências trazidas nesta pesquisa, a mais relevante é perceber que apesar das impossibilidades e dificuldades que a comunidade enfrenta, conguistas e pescadores por meio de suas práticas resistem a ameaça do rompimento cultural e social ao qual são afetados constantemente, ressignificando e se fortalecendo. O rio\mar vive na representação simbólica e imaginária e pode ser revivido nas memórias compartilhadas, cantadas nas festas do Congo ou nas histórias sobre Pescaria, e este é o sentido mútuo de fortalecimento e resistência entre a Pesca e o Congo. O rio\mar vive nas letras do Congo e no bailado de mestre Guimaldo que prefere cantar a vida do que a morte. A escolha do que se pretende lembrar é também uma seleção daquilo que se prefere esquecer.

Se a memória é uma construção coletiva, a memória coletiva é a construção da história do cotidiano dessas pessoas, num movimento de manter o conhecimento popular das práticas culturais acumulados ao longo dos anos, como a Pesca e o Congo, para as próximas gerações.

REFERÊNCIAS

ATLAS do Folclore Capixaba / Usina de Imagem ; Coordenação de Humberto Capai; Fotografias da Usina de Imagem - Espírito Santo, SEBRAE, 2009.

BAHIENSE, Nobertino. **O Caboclo Bernardo: O Naufrágio do Imperial Marinheiro e Outros** – Rio Doce. 2ª ed. Rio de Janeiro:1971.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BERGAMIM, Evelyn Reis ; RABELO, Marcos Prado. **AS MEMÓRIAS DE MESTRE TAGIBE ENTRE AS BATIDAS DO CONGO.** Revista Espacialidades [online]. 2017, v. 12, n. 2. ISSN 1984-817X.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** São Paulo: Companhias das letras, 1994.

BRANCO, Mariana e SGANZERLA, Eduardo. **Pescadores Artesanais do Espírito Santo.** 22. ed. Curitiba /PR:Editora Esplendor, 2010.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983.

CLAUDINO, Abdon. **Regência em Prosa e Verso.** Prefeitura Municipal de Linhares: secretaria Municipal de Cultura, 2011.

Espírito Santo (Estado). Secretaria de Estado da Cultura. Conselho Estadual de Cultura. **Arquitetura/ Secretaria de Estado da Cultura.** Conselho Estadual de Cultura. _ Vitória: SECULT, 2009.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa.** Petrópolis: Vozes, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LE GOFF, Jaques. **História & Memória**. 7ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LINS, Jacequay. **O Congo do Espírito Santo: uma panorâmica musicológica das bandas de Congo**. Vitória - ES/2009

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiola. **História Oral: Como Fazer Como Pensar**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015

REIS, Regina Lúcia Paiva Rabelo. **Caboclo Bernardo: história cultural na Barra do Rio Doce**. Linhares, ES: Unilinhares, 2003.

ROCHA, Levy. **Viagem de Pedro II ao Espírito Santo**. 2. ed. - Rio de Janeiro: Revista Continente; Brasília: INL, 1980

SAINT – HILAIRE, Auguste. **VIAGEM AO ESPÍRITO SANTO E RIO DOCE**. Vol.6. Belo Horizonte: Editora: Universidade de São Paulo: Livraria Itatiaia editora Ltda, 1974.

SIMÃO, Rodrigo. **Espírito Santo: uma viagem de cinco séculos**. 2.ed: Porto das Letras, 2006.

SUZANO, Elber. **Linhares (1800 - 2005): História, cultura e atualidade**. Editora: Lis, 2005

VALIM, Hauley Silva. **Religião E Etnicidade: O Herói Caboclo Bernardo E A Construção Da Identidade Étnica Na Vila De Regência Augusta – ES**. Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2008.

ZUNTI, Maria Lúcia Grossi. **Panorama Histórico de Linhares**. 2ªed. Linhares: Pousada das Letras, 2000.

HISTÓRIAS ORAIS

CARLOS SANGÁLIA. **História oral temática**. 2018. Entrevista cedida a Patrícia Flávia dos Santos Cau. Regência Augusta/Linhares. 14 de novembro de 2018.

DARCI IVO. **História oral temática**. 2018. Entrevista cedida a Patrícia Flávia dos Santos Cau. Regência Augusta/Linhares. 08 de janeiro de 2018.

DONA ALDA IVO. **História oral temática**. 2018. Entrevista cedida a Patrícia Flávia dos Santos Cau. Regência Augusta/Linhares. 06 de janeiro de 2018.

DONA CONCEIÇÃO. **História oral temática**. 2017. Entrevista cedida a Patrícia Flávia dos Santos Cau. Regência Augusta/Linhares. 06 de outubro de 2017.

LUCIANA OLIVEIRA. **História oral temática**. 2018. Entrevista cedida a Patrícia Flávia dos Santos Cau. Regência Augusta/Linhares. 03 de janeiro de 2018.

LEÔNIDAS CARLOS. **História oral temática**. 2018. Entrevista cedida a Patrícia Flávia dos Santos Cau. Regência Augusta/Linhares. 27 de janeiro de 2018.

MARCOS ODIO MARTINS DE ASSIS. **História oral temática**. 2018. Entrevista cedida a Patrícia Flávia dos Santos Cau. Regência Augusta/Linhares. 25 de fevereiro de 2018.

MESTRE GUIMALDO (Guinaldo Firmino). **História oral temática**. 2018. Entrevista cedida a Patrícia Flávia dos Santos Cau. Regência Augusta/Linhares. 03 de junho de 2018.

ZÉ DE SABINO (Elcio José Souza de Oliveira). **História oral temática**. 2018. Entrevista cedida a Patrícia Flávia dos Santos Cau. Regência Augusta/Linhares. 10 de fevereiro de 2018.

APÊNDICE: Narrativas Referencias

Marcos Odio Martins de Assis



Entrevista com Marcos Odio Martins de Assis
Pescador e secretário da ASPER
25 de Fevereiro de 2018

Fonte: Patricia Flávia dos Santos Cau (2018)

Marcos Odio Martins de Assis, pescador e secretario da ASPER (Associação de Pescadores de Regência) nós temos trabalho voluntario de representação dos pescadores em frente a um dos maiores danos ambientais já registrados onde que por ser uma comunidade tradicional de pesca muitos deles são informais, logo a necessidade das pessoas que os representam cadastrados com registros anteriores ao desastre ambiental, para que possam juntos ao órgãos competentes comprovar que aquela pessoa exercia mesmo a pesca na foz do rio doce.

A associação foi criada em 1988 na época tendo como presidente como Sr. Noel que permaneceu até 1991, ou seja, dois mandatos e de 1991 pra Ca o Sr. Leônidas Carlos que vem como presidente até os dias atuais.

Eu sou nascido e criado em Vila Velha/ ES e vim pra cá desde 2007 desde então eu já tinha laços aqui, parentes aqui, a minha vó é nativa, era nativa ela é falecida. Mas ai eu vinha frequentemente visitar chegava aqui me sentia bem no meio da pesca sempre acompanhava amigos que pescavam de longas data enfim até alguns acontecimentos em torno 10 anos atrás em 2007 conheci minha esposa que também e nativa e acabei vindo pra, e escolhi a pesca como meio de sustento para minha família e a minha relação com rio e mar é tudo que eu tenho e dou a minha

família provem deles e então ligação muito próxima e de cumplicidade eu sou muito grato e tenho maior respeito pelas águas que me cercam eles que me dão o sustento durante esses últimos 10 anos.

Minha avó é filha de pescador e casou com meu avô que era maquinista da vale enfim, por ele ser maquinista da vale teve que ir para vitória por que a estação de porto velho era em São Torquato ficava na Bahia de Vitoria, na margem da Bahia De Vitória, ai inclusive em São Toquarto mesmo o bairro mais próximo da Estação, no qual ele pegava o trem para levar pra Minas né dela trazer pra Vitoria novamente, ferrovia de Vitoria a Minas e acabou que meu pai foi criado La, mas depois quando meu avó se aposentou ele veio pra cá, mas só que ai meu pai tinha adquirido a mesma profissão e acabou criando a gente La também, mas por um Motivo do trabalho do meu Avó e do meu pai nós fomos criado lá, mas porém com um pezinho pra cá e foi assim. A rotina de pesca é acordasse de manhã agradece a Deus antes de embarcar e pede que ele guie, por que toda vez que um pescador sai do porto ele não sabe se vai voltar. Então a gente tem muito essa questão de agradecer e para pedir que tudo dê certo porque é uma profissão além de bonita muito perigosa também tem seus riscos. A gente tem uma expressão meio que alguns usam na verdade é de ver a barca de dentro da barra, não de cima de um barco no caso quando pessoa naufraga né é que ela vê a barra de dentro da barra porque é uma das piores situações do mundo eu tive em 2014 o desprazer de estar em um naufrágio, mas um imenso prazer de ter superado essa diversidade e poder daí continuar meu trabalho.

Eu pesco normalmente na foz do Rio Doce eu e um companheiro na época era o Anselmo também nativo pescador , a gente estava na Foz pescando e fomos recolher a rede né, uma quantidade maior de pescado você tende demorar mais para recolher até por falta de ter lugar para pegar, o jeito o peso enfim é bem adverso sim quanto mais lento você puxa na maré de vazante você vai descendo Rio abaixo com a rede né, ai quanto mais você demora mas você já adentra a barra né. Só que não deu o tempo da gente terminar de puxar antes que as ondas comesçassem a quebrar a onda invadiu a embarcação , eu fui remessado para fora da embarcação , né ai o companheiro estava na parte de trás da embarcação guiando o motor , ai não deu para seguir viagem de motor o barco inundou né era

uma canoa aberta , ai eu sai a terra e tentei o Máximo nadar para que pudesse superar essa adversidade graças a Deus eu meio que me emociono cada vez que eu conto né por que na verdade não sei se eu nadei o Deus mesmo puxou o mar para poder me salvar naquele dia porque eu já não tinha mais força, só tinha esperança na verdade de poder superar aquela adversidade.

Muitos pescadores não tiveram a mesma sorte ou a graça de poder sobreviver a isso e poder contar e hoje a gente carrega essa pessoa na memória, algumas eram muitos amigos no coração da gente. Infelizmente a experiência fatal deles como exemplo para nos podermos né ter mais cuidado e mais respeito com as águas que nos cercam diária no nosso oficio.

As espécies assim mais comerciais, nós costumamos pegar robalo, carapeba, dorminhoco, guaivira, corvina, casari, bagri, pescadinha, manjuba, ticupa, enfim pescada branca, pescada escamuda entre outras espécies, bejupira, camurim, tem várias espécies para capturar ai.

Meu filho pescava comigo no rio né, no mar não. a gente pesca de rede. Costumo levar ele comigo em pescaria no rio no mar ainda não levo não por que ele é de menor e é perigoso , ele fica ansioso por que tem tipo de pesca que a gente solta a rede transversal ao rio e deixa ela descendo ai tem um tempo hábil no nosso oficio pra puxar a rede , então ele fica falando então pai vamos La ver se tem uns peixinhos , ele é meio que ansioso pra ver , negócio dele mesmo e todo né e ver todo trabalho do pescador realizado que é a rede com os peixinhos subindo o convés é nosso trabalho e da onde vem nosso sustento , todos pescadores querem ver a gente pegar peixe ele é meio ansioso é da idade ela ainda tem 16 anos . mas um dia ele vai compreender que não e tudo. o importante e ir La fazer o seu serviço e voltar e nada como um dia após o outro.

Na verdade não é só profissão é uma identidade né cara. Eu não escolhi a pesca a pesca que me escolheu, é algo que gente eu sou filho as pessoas dão dura dentro da água para poder pescar, não é porque e bonitinho é água que todo mundo gosta de um água , pelos ao mesmo deveria, mas não e por isso não porque você está dentro da água que a paisagem é linda ,maravilhosa, porque o trabalho e difícil fosse

fácil teria muito mais pescadores é algo que a pesca te escolhi , todo conjunto desde as águas até a graça final que é retirar dali seu próprio sustento .

E aquela velha história quando chega na frente do Juiz né o rapaz diz para juiz que meu dano é incalculável, minha identidade é o que eu sou né. O juiz simplesmente vai dizer para ele que se é incalculável eu não posso fazer nada por você, a verdade é essa. A gente tenta viver e conciliar a situação vivida hoje sabendo que o rio e mar ali ainda se encontra e que a natureza nada é impossível tem poder de transformação vai demorar mas é nisso que a gente se apegar, sabe que um dia ela vai dar a volta por cima em matéria de natureza. Quanto a associação hoje ela tenta da melhor forma possível conseguir dados para que possa comprovar que essas pessoas são pescadores de fato, ou seja né por ser comunidade tradicional passa de pai para filho , muitas vezes os filhos deixam de ir para escola para ir para pesca , na verdade a escola dos nativos e escola da pesca desde novo eles tende acompanhar seu pais, irmãos, primos nessa atividade que é a atividade local ainda assim e existe hoje grupos, famílias nativos com esse mesmo , mesma cultura antiga . Não frequentaram escolas, pra você poder se registrar você tem que ir para vitória e voltar quer dizer chega La assina aqui e ele não tem conhecimento de letra, então que dizer é um constrangimento né de colocar o dedo ai, apesar de pouca letra ele se sentiu oprimido pela burocracia de se regularizar e vem se vivendo ainda de hoje dessa forma e a associação que representa essa classe que os pescadores tentam junto a essas organizações comprovar a veracidade declarada por eles pescador.

Hoje nós estamos em pescadores 84 (oitenta e quatro) e 120 (cento e vinte) associados e assim hoje a associação não diante dessa desastre ela tem agido não pelos associados a realidade e essa , não e porque você é associado que a associação não vai te apoiar ela está vendo seu direito também.

Leônidas Carlos



Entrevista com "seu" Leônidas Carlos. 71 anos
Presidentes da associação de pescadores de Regência
27 de janeiro 2018

Fonte: Patricia Flávia dos Santos Cau (2018)

Tenho 71 anos, sou pescador e pai de 10 filhos. Tenho orgulho de falar isso, porque eu como pescador eduquei dez filhos. Tenho orgulho. Pesque muito tempo em rio e mar, tenho dois filhos pescando comigo. Com a pesca já aprendi muito, tenho 55 anos de pesca, com carteira da marinha e tudo. Nasci aqui ensinei muitos filhos daqui a pescar, assinei carteira deles. toda vida gostei das minhas coisas tudo certinho, porque quando o Ibama, ICMBio vier e está tudo certinho. Meu pai me ensinou; eu aprendi muitas coisas com os pescadores antigos. Ia como marinheiro e ia aprendendo com eles. Até que aprendi e depois comprei meu barco e continuei na pesca. Hoje, graças a Deus, Tenho orgulho de dizer isso, tudo que tenho foi tirado da pesca do rio e do mar.

Tenho dois filhos que pescou muito tempo comigo, mas hoje não querem pescar mais. Por que? Porque a pesca está sendo depredada. Tem muito pescador, antigamente não tinha. Hoje o pescador fica um querendo comer o outro. Antigamente um pescador não tinha muita rede, tinha 4 ou 5 panos, hoje quem tem pouco tem 50, 60 pano de rede e não tem espaço (cada pano tem 100 metros, que arrumado cobre uma área de 40 metros quadrados). A gente não pescava muito de rede de espera não, a gente pescava com rede de arrasto. Às vezes tinha muita

gente no porto esperando a gente chegar e ficava com mais peixe do que o pescador, porque a gente dava. Aqui só tinha duas ruas, a da igreja e a outra não tinham energia, não tinha estrada, não tinha telefone, não tinha televisão, não tinha nada. Aí seu Lequinho lá de Colatina chegou para comprar os peixes e montou um frigorífico perto da igreja e comprou um motor MWM 6 cilindros, eu tinha 15 anos de idade, era rapazinho na época, tinha o teco-teco que pousava no campo. Pescava muito de linha, pegava Mero, Caçã. Mero hoje está em extinção. A gente colocava a linha na praia e depois que o peixe engolia a isca e gente cansava ele. A gente ficava mais de 1 hora para cansar ele. Na época o rio era muito fundo, vinha os barcos de Colatina, não tinha ilhas. Hoje o rio está degradado. Desmataram a foz do rio e foram aterrando, acabou o Rio. Daqui pra frente vai acabar. Coisa que nunca vi foi a barra fechar, e agora já vi foi duas vez. O leito do rio ficou mais baixo do que o mar, aí o leito não tem corrida. O mar ficou lá em cima, a onda vem e fica aterrando. Eu digo para você, o que é o estudo e que é a prática? Tem que ter o estudo, mas também a prática. Vieram aqui com um monte de máquina para cavar a barra fechada. Eu disse que não ia adiantar e o cara da máquina perguntou porquê. Eu expliquei a o rio não tem força para jogar, o mar que tem força. Ele disse “que nada, a gente vai tirar e a água vai correr”, respondi que se eles dão duas passadas com a pá mecânica, vem uma onda e enterra de novo. Foi dito e feito. Aí eu disse, quando a água chegar, o leito do rio vai subir e a barra abre. No outro dia quando a lama chegou a barra estava aberta mais de 100 metros. Aí eles falaram pra mim que eu estava certo. Fui nascido e criado aqui, eu sei como é isso. E depois quando a lama passar vai acontecer a mesma coisa. Secando e a barra fecha de novo. Tá acontecendo. Aquela fartura de peixe não tem mais. Antes da lama o rio já estava defasado. A pesca já era precária. Há males que vem para bem. Deus vai me perdoar por dizer isso, mas se não fosse isso (o crime), tinha pescador que estaria passando necessidade aí.

Lá na associação você procura um filho de pescador se ele quer aprender ele não quer. Não está mais dando para viver da pescar, calçado, roupa, comida, estudar filho. Daqui pra frente senão tiver como estamos fazendo lá, um criatório de peixe para melhorar sua renda familiar, não vamos sobreviver. Vamos crescer mais, vamos colocar mais 15 famílias. É dali que vamos tirar nossa alimentação. Os pescadores que conheço vem aqui e dizem que não querem mais, que não dá para

sobreviver da pesca. Com essa lama, muita qualidade de peixe sumiu. O que vi sair de peixe morto que saiu daqui e foi pra Vitória pra estudar para falar que a gente não pode pescar e comer o peixe. Eu não como mais peixe, cada coisa que vi sair dali. Tainha sair da água só a espinha porque a lama comeu. Corvina, Tamari, Bagre, camarão, lagosta, esses peixes estão todos contaminados porque ficam na lama. Daqui a 20 anos não temos mais rio não. Quanto mais encher o rio, mais lama vem. Aquele peixe que está ali está empestado. Barcos tem dois anos que não sai do porto. Antes de a lama vir nós tínhamos tudo. A gente comprava peixe barato e doava para instituições de caridade, asilo. Fazíamos bolinho de peixe, agora acabou. Aquela fonte de renda acabou tudo. Na época, eu pagava meus custos e sobrava 5 mil para mim. Agora eu sobrevivo com cartão da Renova, minha salvação é que sou aposentado, mas e os outros?

Acabou o lazer da gente. Eu ficava o dia inteiro no convés do meu barco. Só chegava em casa à noite. Hoje eu vou lá na beira do rio olho pro meu barco acabando ali, meu material e eu sem pescar. Meus companheiros falam “Seu Leônidas, o que a gente vai fazer agora? Acabou nossa alegria. Se a gente for pescar o Ibama prende a gente. Eu não sei nem o que falo. Eu criei meus filhos pescando e agora meus netos vêm e falam que não pode comer peixe, não pode tomar banho, não pode sair de barco, “a nossa diversão acabou vovô”.

Presidente há 16 anos e fui eleito agora mais 4 anos. Eu não queria, mas os pescadores dizem que não tem outro, que podem destruir o que fizemos até hoje. Vamos fazer os criatórios do peixe e colocar as famílias dos pescadores lá. Vai dar certo porque estamos capacitando às pessoas. Associação tem 28 anos. O primeiro presidente era o Noel e eu era fiscal. Quem criou a associação foi o seu Sabino Bispo, colocamos o nome dele. Zé de Sabino é o tesoureiro. Fazemos tudo com muita união. Se não tiver união não chegamos a lugar nenhum.

Minha infância, meu pai me levava muito para roça, não tenho muito estudo não, eu pedia meu pai para pescar de lança e meu pai não deixava. Ele era jangadeiro, não era pescador. E eu ia escondido. Deixava de ir pra escola. Tinha um professor que era muito ruim, ele tinha uma régua de jacarandá com dois dedos de grossura. Se fizesse mal feito lá ia para porte de joelho e braço aberto. Eu tô falando porque aconteceu comigo. Você pedia para fazer xixi, não podia. Fazia embaixo da cadeira

e chegava em casa tomava outra surra. A gente ficava com medo de ir para escola e tinha uma professora, que depois foi minha comadre, até morreu. Os professores antigamente, a gente tinha que aprender era na marra. Eu fugia para pescar. Às vezes eles ficavam felizes que eu trazia peixe, mas falava que eu tinha perdido o dia na escola, mas não batia porque trazia peixe. Minha avó dizia que eu ia pra escola no outro dia. E eu dizia que se fosse eles iam me bater de novo. às vezes eu ficava escondido lá fora e voltava para casa dizendo que tinha ido. Eu via os professora batendo, colocando de castigo eu olhava e ia pescar, aprender a remar, pegava muito robalo na época. Aí fui crescendo, aprendendo a ser gente e quando fiquei rapazinho eu decidi serei pescador. Aí tinha o finado Roberto e o Silvio, eles disseram “O caboclo, você quer a pescar mesmo?” eu dizia que sim e estou aí até hoje. Não me arrependo. Como pescador me aposentei. Tirei carteira da Marinha e todos os meus filhos têm. Tem a pesca artesanal e a profissional. A artesanal você pesca ali na praia, só para você comer, a pesca profissional é para você se manter e ter o seu custo de vida.

Na associação tem 36 pescadores cadastrados, que são donos de barco. 96 pescadores, homens e mulheres. Todos têm carteirinha da associação. Eu pescava no rio e no mar, agora eu não pesco mais. Não tem diferença. Tudo tem a época na vida e a gente acompanha o ritmo. A época que ele entra na barra, a época que sai. Não é só pescar não. Tem que saber quando entra sai senão a embarcação não volta. Tem que ter prática. Essa é uma vida e você tem que cuidar dela. Tem que saber a hora de botar a rede, de entrar e sair do mar. A mudanças da lua, a maré. Se você não souber e botar sua rede na lua cheia você perde seu material. Tem que entender a movimentação do peixe, que sofre influência da maré, da lua, se puxa para o rio ou para o mar. Se você não souber, é como cavar buraco dentro da água. Tudo isso eu passei para os meus filhos, tirando 3 que não quiseram. Não deixaram de ir para escola. Antes da escola a gente botava a rede, depois da escola a gente mirava a rede, voltava e fazia tarefa de casa. Regência toda admira como criei meus filhos assim. Minha alegria são meus filhos. Moram tudo aqui perto de mim.

Fico doente hoje por não poder comer peixe. Eles oferecem, mas eu não como. Não como porque eu vi o peixe que sai daí. A gente comia muito ovo e carne da careba. Não tinha proibição. Mata ela, tirava o quarto botava para secar e comia com farinha

e café. O ovo é uma delícia. Agora a gente não pode comer. Eu fico com saudade. Eu falo com o Joca (Tamar) hoje vocês proíbem e as tartarugas estão acabando. Naquela época a gente comia e tinha um monte aí. Eu falo com eles que o que eles fazem matam metade das tartarugas. Eles vão caçar os ovos e tiram eles do lugar. Eu falo que elas não podem fazer isso, porque aquela gosma que fica ali protege os ovos e ajuda as tartarugas. E quando elas botam os ovos depois eles vêm olhar para vigiar e eu falo que eles tiram os ovos aí as tartarugas ficam perdidas, não sabem onde estão os ovos.

É por isso que sou difícil adoecer. Fui criado assim, na natureza. Pegar o peixe a fazer a moqueca, pegar a tartaruga que foi criada no limo do mar. O que eu já passei na minha vida, se eu morrer amanhã, eu morro satisfeito. Você quer ver sair daqui de manhã, você só vê céu e mar, os golfinhos passando, as sardas, depois a gente joga a linha. Isso é lindo demais. Já gozei minha vida e criei 10 filhos e mais filhos dos outros.

Carlito, você tem 3 barcos grandes, tudo cheio de colete. Você tá fazendo esse barco aí a remo para passear, não faz não. Esse barco vai te acabar. Carlito, você já viu o que aconteceu com você na enchente. Aí ele disse que eu não sabia o que estava falando. Você não conhece a barra. Os pescadores vieram embora e ele foi. Chegou lá a rede era grande, a maré de vazante, a rede foi levando ele e quebrou dentro do mar, afundou o barco. Ele afundou e ninguém mais achou ele. Tem dois anos e meio. Eu só não morri porque Deus não quis. Já virei o barco duas vezes e uma vez fiquei perdido e fui parar em Conceição da Barra, dois dias e duas noites e todo mundo pensava que tinha perdido. Já salvei gente aqui.

O Congo adulto foi eu comecei. A gente começou com dois tambores e dois ganzá e fomos parar com 25 instrumentos. Daqui eu escuto quem está batendo o tambor certo, o ganzá errado. Mané Isidoro ele foi o fundador e eu era o capitão. Não era o Congo. Zé Siqueira, marido de dona, ele tinha uma roça na lagoa parda e todo dia que ele vinha ele trazia o oco de pau para fazer o tambor. Joaquim costa era açougueiro em Povoação, aí Joaquim e Isidoro ia de canoa buscar o couro, a gente ia na mata pegar as malhas e esticava o couro, de boi. Aí fomos fazendo, depois uma cúica, um tarol, um triângulo e paramos com 25 instrumentos. Quando batíamos esse Congo, Regência toda acordava e ia. Em Povoação ia 4 ou 5 canoa

de motor para levar o Congo. Hoje tá errado e eu não aguento não. Eu tenho uns netos aí, puxaram eu! Você precisa de ver! Ele sabe tudo no Congo. Eu virei menino de novo com eles. Eu falo isso aqui com minha mulher. “Quando eles tiveram lá batendo o Congo eu vou pegar o apito o bastão e ensinar a eles como é que bate”. Tem que ter o ritmo e saber tirar as pessoas para dançar na roda.

Maria Conceição Costa



Entrevista com Maria Conceição Costa, 70 anos.
Conguista
06 de outubro de 2017

Fonte: Patricia Flávia dos Santos Cau (2018)

Nasci em Linhares, quando vim pra Regência já era velha, tem pouco tempo, em 1985, com a mamãe. Mamãe sempre gostou daqui, ela tinha os amigos, seu Miúdo, Dona Páscoa. Um dia eu chamei ela pra vim aqui passear e ela encontrou os amigos, até que dona Páscoa insistiu pra gente comprar uma casa e compramos. Depois que eu me aposentei, era professora primária, aí viemos morar aqui.

Antes de morar fomos fazendo amizade com todo mundo aqui em Regência e participamos cada vez mais. Um dia estava pedindo oferta para a festa de São Benedito e vieram aqui em casa. A irmã do seu Humberto gostou da gente e convidou pra participar do grupo. 15 dias antes da fincada do mastro, em janeiro. Eu perguntei o que ele precisava e fui até o Pedro Grassi e me doou a carne que faltava. Aí eles queriam que eu ficasse no grupo, a Elza irmã do seu Humberto (chave da casa do Congo), pediu, mas eu disse que só ia participar quando morasse aqui, mas continuei ajudando eles, até que entrei no Congo. O uniforme era simples e cada um fazia o seu, com cores diferentes. Fui na prefeitura pedi e consegui os uniformes. Aí foi uma festa! "A festa de Caboclo Bernardo já acontecia e naquele ano foi todo mundo de uniforme novo.

Sangália disse que o grupo, mais de 100 anos, precisava ser registrado. Era muito tempo que existia e aí começamos a pesquisar. Foi juntando as pessoas mais idosas, seu Humberto, seu Josmar, Seu Joãozinho, e fomos procurar a saber com a dona Luíza, que era a mais idosa da comunidade. Ela contou tudo como era e como não era. Aí o Sangália fez um documento e inscreveu no edital público e ganhamos. Ver data!

A reunião acontece na Casa de Congo. Sempre acontece um batuquezinho para a preparação da fincada e derrubada do mastro. Quando está chegando o dia a gente se reúne para decidir. Tudo no grupo passa por mim e por Sangália. Eu vou conseguindo as coisas e ele fica com a papelada. A dança é a tradição deles. Está todo mundo sentado tocando tambor. Aí o capitão, seu Guimaldi, dá o apito todo mundo se reúne em círculo. Mas até o apito todo mundo fica brincando.

Grupo de São Benedito

O Congo é uma brincadeira muito boa e organizada. Sinto aquele prazer de estar ali com todo mundo, apresentando. É o maior orgulho do grupo esse tempo. Tem gente ali que está desde pequeno. Eu falo isso com eles e ninguém arruma briga. Se acontecer o capitão para e observa. Se não for do grupo ele não fala nada, se for do grupo ele resolve. Levamos muito a sério. Ninguém entra sem camisa. O Congo e a igreja estão unidos. Faz parte da cultura e da religião. Estamos em 30 componentes.

As pessoas estão muito tristes. Eles pedem para não comer o pescado, para não pescar,. Estão comendo e estão vendendo. Os pescadores têm uma ajuda todo mês, eles têm o dinheiro. Agora eles ficam em casa, já tem o dinheiro para comer. Não é isso que eles fazem. Pescam e vão dormir. Sangália é o pai da comunidade. Tudo que precisamos procuramos ele

Quando fomos fazer uma reunião, o Sangália falou que seria para registrar o Congo. Aí ele explicou e disse o porque seria bom. O nativo aqui não dá a resposta de sim ou não, ele fica assim “não sei”. Mas aí decidimos fazer e o Sangália disse que eu tinha que assumir e quando recebemos a notícia que tínhamos ganhado o edital. Ver o que exatamente foi feito com o dinheiro. Todos concordaram em ser Conceição a articular tudo. Depois do edital os componentes ficaram mais dedicados. Sento na

mesma mesa. Sou parte dessa cultura. Tem muita amizade e confiança entre todos. Assim a gente consegue.

O Congo é uma sociedade muito unida. Bom, alegre onde um está o outro espera. A cachaça era o motivo da reunião, as pessoas iam bater Congo para beber, mas agora a bebida só depois.

As músicas acontecem na hora, o capitão repete, repete e a gente vai aprendendo. Só fala de coisas boas, uma de Santa Catarina, de São Benedito, de água. Cantou duas vezes, colocou o repique do tambor e vai. As músicas do passado sempre são tocadas. Tem muita música bonita, que também relembra o passado.

Guimaldo Firmino



Entrevista com Guimalde Firmino
Mestre do Congo São Benedito
de Regência Augusta
03 de junho de 2018

Fonte: Patricia Flávia dos Santos Cau (2018)

Eu sou nascido aqui mesmo, porém vivi uns anos fora de Regência, mas aí quando foi em 2004 eu voltei e fui ficando por aqui. Sou de 1944, voltei pra cá e fui ficando e sobre o Congo. Eu freqüento desde criança, não era o Congo eram dois tambores só. Os componentes eram cinco pessoas: o capitão, dois no tambor e duas casaca. Era o que tinha. Quando foi um belo dia, estamos de brincadeira na rua principal. Deve ter sido na década de 1970. Aí eu peguei e a gente naquela brincadeira. “Vamos fazer um Congo pra gente e quando a gente fizer festa não precisa trazer Congo de fora. Não havia o Congo, só os dois tambores, o Congo vinha de Vila do Riacho, Aracruz. A maioria Deus já levou todo mundo. Cheguei na casa do rapaz, Manoel Isidoro, e falei pra ele que a gente tinha decidido fazer um Congo pra gente. Aí perguntamos o que ele achava e ele disse que se eu falei, tava falado. Aqui tudo era mata virgem, a gente entrou nessa mata doida pra catar aquela toras broqueada. Cortamos de 40 e 50 cm. e fizemos 10 pedaços. Deu pra fazer 10 tambor, 10 ganzá e 1 cuíca. Não lembro o nome da madeira não. Fizemos os tambores, arranjamos o

couro e fizemos o Congo aqui, entre a década de 60 e 70. Era muito animado pra sair. Mas depois eu saí pra procurar minha vida fora de Regência. Assim eu fiz, fiquei 37 anos sem botar o pé em Regência e em 2004 viltei e fui ficando. Quando estive fora sempre participei do Congo e nunca perdi o treino porque nunca abandonei. Aí quando foi o dia em que estava aqui, na festa do Caboclo, eu falei pra ele: “Olha eu posso pegar esse tambor aí?” Ele disse que podia e depois me convidou pra ficar no Congo. Aí eu fui ficando e to aí ainda, fazendo parte do Congo adulto e do Congo mirim, e um pouco da Natividade (banda de reggae local). Faço questão de ajudar eles, não faço isso por dinheiro, faço porque gosto, porque me divirto.

Eu tava aqui em casa, rastelando o quintal, era umas 8 da manhã. Aí eu recebi o convite, se eu queria ensinar os meninos do Congo mirim. A Morena me convidou e acertei com ela direitinho e começamos a levar em frente a idéia do Congo mirim. Não tínhamos os instrumentos e usamos o do Congo adulto. Aí depois mandamos fazer os tambores do Congo mirim. Temos 10 tambores e 10 ganzás. Nessa brincadeira já fez 4 anos. Ensaios às segundas e sextas, aí achei que eles estavam sobrecarregados e diminui para 1 vez na semana, porque eles tinham outras atividades com violão, com pintura e outras coisas. Achei que era demais pra eles e diminui. Os adultos quando aparecem para ajudar eles entram também.

São Benedito . A festa que todo ano tem é São Benedito e Santa Catarina. A festa de Santa Catarina é conhecida aqui, quiseram antecipar de uns anos pra cá, eu não sabia. Foi a igreja que tomou essa decisão.

A festa de Santa Catarina é o que você vê aí, é a fincada do mastro e o Congo. A gente deixa ele em pé com a bandeira e depois só tiramos no dia 20 de janeiro, em São Sebastião. Já é a tradição do lugar, vem de geração para geração, quando eu me entendi como gente, já tinha isso e a gente vai levando até quando Deus quiser! Que não seja eu, mas os outros tem que ficar e levar a tradição do lugar!”

“Fui contemplado aí com o mestre do Congo de uns 3 anos para cá. Eles tinham me oferecido várias vezes, mas sempre disse que não queria, como até hoje, eu nunca disse a eles que ia ficar. Nunca falei que ia ficar e tomar conta. Nunca disse isso! Mas fui ficando por aí. Teve um dia que era umas 7h da manhã e entrou o capitão

do Congo, seu Darci, ele já tinha me oferecido várias var o rezes porque ele não agüentava. Aí teve um dia que em uma festa eu vi que ele não agüentava e ele veio e me ofereceu o bastão: “Guimaldo, quer brincar?” E eu brinquei. Aí outro dia ele veio aqui em casa e conversou comigo que ele não agüentava mais, até hoje ele não agüenta. Aí falei com ele: “Rapaz, pára de ficar se matando. Deixa aí que a gente cuida!”. Mas nunca falei que ia ficar aí quando foi um dia eu fui contemplado. Depois a rapaziada da Natividade e eu ajudo eles, eles me ajudam e com as duas mão lavam o rosto.

“O Congo tem cantiga, tem que ter um ritmo bom. Não adianta as vezes a pessoa saber a cantiga e não tem um ritmo bom. Aí a gente trabalha a música até dar o ritmo. Eu acho que, pra mim é tudo o que tenho. É brincar, me divertir”

Me preocupo muito com as crianças. Não gosto de ver eles serem maltratados. Vou sempre colocar eles ali na frente, gosto de ver eles brincar. Antes eu explico como vai ser antes e depois as professoras ajudam.

Não quero perder ponto, quero ganhar ponto. Sempre coloco eles na frente, nas festa de São Benedito e no Caboclo Bernardo, precisa ir mais devagar que eles não agüentam o tranco, que é pesado né? Aí brinco primeiro com eles e depois entrego para as professoras, a Morena e a Luciana. Eu gosto de brincar com eles, de falar a verdade com eles. Falo com eles que eles precisam obedecer a professora e ali no Congo sou eu que mando neles, inclusive nas professoras, porque eles são todos meu alunos.

O apito é um incentivador. Não apito mais na hora que estamos brincando porque tenho que entoar a cantiga. Mas no intervalo eu deixo eles cataram e fico no apito instigando. Ele bem apitado é bonito. Eu gosto de ver”

É muito bom a mistura das crianças com os adultos, pra quando chegar na hora de uma apresentação, com os dois juntos, é pra ninguém ficar perdido. Os adultos não sabem das cantigas igual as crianças. Sou o compositor das cantigas e penso quais vamos tocar. Primeiro eu crio e ensaio e quanto estiver pronto eu levo pra todos”

“Você não vê os mestres dançando. Já eu danço, na rua ou no salão. Eu gosto de dançar e ensaio muito e levo tudo já prontinho, como dizem os meninos aí, só no

sapatinho. A minha dança tem a ver com o mar. Eu fui criado no balanço do mar e eu trouxe isso para o Congo. A gente vai pra frente, rola pra um lado, rola pra outro e a gente precisa equilibrar. O Congo e o mar e a mesma coisa. Pra mim foi uma coisa bem feita e não abro mão disso. Sou pescador, a gente diminui mas não deixa de ser quem é. A idade chega.

Não escrevi elas porque se eu escrevesse e passasse eles iam doar as cantigas e eu quero registrar, mas aqui é difícil.

Música do Congo

“Ela ilumina meus caminhos”

A razão da minha vida

Eu também sou filho seu

Ô senhora aparecida

Música do Congo

“Helena, Helena, Helena

Helena você vai embora Helena

Jesus Cristo Filho de Deus é o nosso senhor

Filho da Virgem Maria, ele é o salvador

Música do Congo

“Você ta vendo essa menina

Que ela não está sozinha

Eu vou falar pra vocês, ela é muito bonitinha

Mas eu falar pra vocês, ela é muito bonitinha

Tô, Tô, Tô de olho nela

Ta apaixonado pela moça da janela”

Música do Congo

“Nosso senhor Jesus Cristo que olhai pelo meu povo

Nosso senhor Jesus Cristo que olhai pelo meu povo

Nosso Rio Doce que ta pedindo socorro

Nosso Rio Doce que ta pedindo socorro

Eu estou vendo agora, mas eu não queria ver

Eu estou vendo agora, mas eu não queria ver

Nosso Rio Doce ta lutando pra não morrer

Nosso Rio Doce ta lutando pra não morrer

O crime machucou bastante a gente né? Já tem mais de 3 anos que não pesco. Bote parado, mas é isso aí. Só espero que um dia volte ao normal, mas acho difícil que vai voltar. Sinto saudade, mas é muito difícil. Tenho minhas redes, minha tarrafa e tudo ali. Meus filhos não moram aqui, nenhum. Moram em Vitória, em Jacaraípe. Morávamos lá e depois viemos pra cá e fomos ficando.

Quando Sabino tomou conta do Congo de Regência eu já não estava mais aqui não. Fui procurar minha vida fora. Tinha muita fartura aqui mas não tinha nada. Aí fiquei 37 anos sem vir aqui. Não me arrependo não.”

Tenho uma história da bandeira de São Benedito que trouxe pra cá. Estava trabalhando em Vitória, pescando, e pedi pra fazer uma bandeira de São Benedito, está aí ainda, já tem 50 anos. Eu estava trabalhando em um barco e ele em outro. Ele perguntou se dava pra eu trazer essa bandeira pra Regência. Aí eu trouxe, era um dia 22 de noite e no dia 23 de novembro descarregamos o barco, acertamos as contas e cheguei em casa umas 14h da tarde e sai sem almoçar. Peguei o ônibus 3

da tarde com a bandeira de alumínio em baixo do braço. Cheguei na Vila do Riacho já de noite. Comprei uns pães coloquei no saco e sai a pé. Eita sofrimento que foi aquele dia. Era tudo mata virgem, cheia de onça e bicho estranho. Até que sai na praia com a bandeira embaixo do braço. Com sede, fome cansado e com sono. Cheguei aqui era umas 4 da manhã.

Eu falo com eles, hoje eu to ali ensinando eles, mas quando eu não estiver, eles podem continuar.

Dona Alda Ribeiro Lourenço Ivo



Entrevista com Dona Alda Ribeiro Lourenço Ivo.
Nascida em Regência Augusta.
70 Anos. Conguista
06 de Janeiro de 2018

Fonte: Patricia Flávia dos Santos Cau (2018)

Eu sou nascida aqui, me crie aqui e tamo vivendo. A minha história é...até uns anos atrás eu pescava. Eu tenho carteira de pescaria. Eu pescava no rio doce de linha de pindaíba. Pegava camarão, eu pegava de tudo. Eu ia para o mangue tirar goiamum. Tirava muito goiamum, mas agora a gente não pode mais comer o goiamum com ainda mais com essa lama. O peixe agora a poucos tempos que eu vim comer ne? Fiquei mais de uma ano sem comer peixe. Ai eu disse, mas será possível? Eu vi os outros fazendo aquela moqueca e disse: Oh meu Deus será que eu não vou mais comer peixe, que é com o que eu me criei? Eu me criei foi com peixe e caça. Essas coisas assim que matava, agora hoje em dia não mata mais caça ne? ninguém faz mais nada. Mas meu pai caça muito. Meu pai gostava de brincar o carnaval no valete de Ouro. E eu carregava o estandarte do Congo. Eu fui para o Congo por causa do meu compadre Sabino Bispo (pai de Zé de Sabino). Ai ele foi e me chamou: Comadre vamos entrar no Congo? Nos bate o Ganzá e tudo, ai eu peguei e disse eu vou compadre. Ai no primeiro dia que eu fui, ele me deu a roupa pra vestir. Eu vesti o uniforme e fiquei e até hoje eu faço parte do Congo. Quando eu entrei no Congo eu tinha uns trinta pra quarenta anos. Naquela época eu só dançava e cantava, agora eu ajudo as mulheres na cozinha, fazendo as comidas da festa de

são Benedito e santa Catarina. Na festa de santa Catarina a gente faz a comida, nos somos em três cozinheiras. No ano passado em novembro eu fiz uma promessa pra santa Catarina. Eu tava muito doente com uma tosse forte, ai fiz uma promessa que se santa Catarina me deixasse eu boa pra mim pode cantar de novo a cantiga do Congo, eu ia de casa até a igreja de joelhos. Minha filha eu estraguei meu joelho, mas a promessa foi cumprida. Fui nascida e criada na igreja católica. Deus e são Benedito vai ser meu curador! E eu vou ficar boa.

Meu marido também é do Congo. Ele foi primeiro do que eu. Ele era capitão. É bonito. O capitão se veste todo de branco, igual a um marinheiro, com boné branco e um apito. O capitão dança, marca o ritmo e apita pra chamar as pessoas pra roda e dança.

Na festa do Caboclo Bernardo a gente faz uma caminhada lá do começo da vila ate a igreja. Vem um monte de bandas de Congo de fora. A chegada na igreja é a parte de muita alegria, parece que a gente ta entrando no céu assim. Quando a gente chega dentro da igreja com aquele pessoal todo do Congo é muito emocionante. A gente entra e faz uma continência no altar, dança e canta e a gente sai e deixa os outros entrar pra fazer a continência deles. Depois da igreja a banda vai para pracinha da vila e ali encerra a festa. Ai a gente vai na casa de Congo pra guardar os instrumentos. Eu gosto de tocar. De primeiro eu tocava ganzá, que muitos chamam de reco-reco, mas na nossa língua chamamos de ganzá. É a nossa língua, a língua de índio ne? (a lingua é africana! "Ganzá" se originou do [QUIMBUNDO](#) *nganza*, que significa "[CABAÇA](#)"^[2]. Wikipédia)

Aqui tudo pé misturado, tem índio, branco, negro. A mãe do meu pai foi pega à laço. Minha mãe também era índia. (Ela mostra a foto da família toda com roupa de Congo (meu marido pescava, mas agora não pode mais né? Agora ele faz rede, tarrafa.

O primeiro Congo que a gente cantava era de São Benedito, depois de Santa Catarina. As letras falam dos santos é tem também da pescaria.

Música do Congo

“Pescador, pescador o tempo vai reinar

“Pescador, o tempo vai invernar

Bota a canoa pra cima tira da beira do mar

Música do Congo

Santa Catarina vai, ela vai passear

é uma semana hoje, ou tirando

ou tirando um dia no rosário de maria

“São Benedito ele vem de Lisboa

Vem com a sua bandeira, vem com a sua coroa”

Meu marido foi lá em Linhares é comprou um tarol para ajudar a bater o Congo. Sou mãe de 10 filhos, 5 homens e 5 mulheres. Tive tudo em casa, nunca fui no hospital. De uns 5 anos pra cá que tenho ido ao hospital. Quando a gente ficava doente fazia remédio caseiro, não tinha esse negócio de remédio de farmácia não. Eu tinha um tio farmacêutico, ele pegava a gente quando adoecia, ele tinha um copo, chegava lá ele cortava a gente e vinha um copo com o fogo e ele colocava o sangue e saía a doença aí ele podia dar o remédio certo. Ele morava no Comboios. Ele morreu. Acho que morreu a família toda já. Ninguém aprendeu o que ele sabia. Nem os irmãos dele tiveram interesse. Farmacêutico invisível né? Mandado por Deus.

Nenhum dos filhos têm interesse em entrar no Congo. Tenho dois netos que participaram do Congo mirim mas depois que eles cresceram e tomaram jeito de gente saíram. Ficaram até no Congo jovem. (aos 20 minutos ela pergunta a quantidade de filhos que bateu o Congo). Eles já se apresentaram em Petrópolis.

Eu ia pescar, agora não pesco mais. Já pesquei em terra. Participo da associação de pescadores. Eu fazia o bolinho, o filé a massa de peixe. Trabalhei lá durante 10 anos.

Minha mãe dizia que não conheceu o Caboclo Bernardo. O pessoal contava que morreu matado né? Sentado na cadeira comendo banana aí veio o homem e disse

“Comida de macaco é chumbo, não é banana não!” é deu um tiro nele é matou ele. Ele tinha acabado de chegar do mar.

Tia Mariquinha chegou aqui é viu o Congo adulto é foi convidando as crianças e criou o Congo mirim. Botou a turma toda, os meninos todos. Entrou um “muncado” de criança. ela conta a história do dois tambores). Agora são uns 25 instrumentos. Cada um carrega o seu.

Meu marido sabe fazer instrumentos, mas agora a preguiça não deixa. Quem faz agora é o seu Humberto.

O encontro de mestres é onde são discutidos os temas específicos do Congo.

Darci Ivo



Entrevista com Darci Ivo, 73 anos.
Pescador e conguista
08 de Janeiro de 2018

Fonte: Patricia Flávia dos Santos Cau (2018)

Eu sou pescador desde criança, nasci aqui e fui criado aqui dentro, tive meus filhos, e estou aqui até hoje. Eu faço rede e tarrafa, mas agora, depois desse negócio com o rio, tá muito difícil vender. Pescar mesmo agora não pesco, você sabe como é o mar de Regência, só pra novo! Agora a junta começa a endurecer é não aguento mais.

Peguei o bastão de Sabino Bispo. Brinquei mais de 30 anos. Agora que passei para o mestre Guimaldo, tenho um problema nas pernas é não dá mais pra brincar de capitão. Com o corpo pesado não dá. Participo ainda, mas não brinco mais de capitão. Enquanto eu puder brincar, eu vou brincando. Aqui não pode parar. tem muitos anos. Tem muito tempo.

O capitão marca a roda. Tem o bastão é tem o apito. Eles têm que fazer o que o mestre manda, tem que entender. Eu só brincava mesmo. O Guimaldo também tira música, A rosa tira também.

Faz muito, quando ainda era o tambor, um tio meu brincava no Congo. Ele me chamava pra brincar também, batia casaca, batia tambor, brincava de capitão é aí, foi nessa época ai que surgiu o Congo.

Tinha mais gente. Diminuiu muito. Naquele tempo não tinha diversão nenhuma. Não tinha água, não tinha energia não tinha nada. Hoje tem muita diversão é agora fica todo mundo afastado. Só tinha homens, tinham uns 30 folgadores. Hoje tem mais mulher. Muito saíram é não entraram mais. Hoje o pessoal não quer mais saber de brincadeira. Tem muita gente aí que era pra tá no Congo ainda. Mas isso aí (o Congo) não acaba não.

Zé de Sabino.



Entrevista com Zé de Sabino
Pescador e tesoureiro da ASPER
10 de Fevereiro de 2018

Fonte: [HTTP://G1.GLOBO.COM](http://g1.globo.com)

A história começa pelo nome lá em casa. O nome do meu pai é Sabino Bispo, aí por morar no interior e ter muito Zé, Zé de Oliveira, Zé de Juju e eu era o Zé de Sabino, meu nome é Elcio José Souza de Oliveira e meu pai era uma referência na cidade, era muito querido, um baluarte aqui dentro. Ele se envolvia em todos os segmentos da cidade, naquela época tínhamos pouco recursos, mas pai tinha muito conhecimento. Ele era envolvido na associação de moradores e a associação de pescadores foi ele que começou. O Congo ele também começou, a igreja e a escolinha de futebol para as crianças. Ele não interferia no centro espírita, ele não apoiava.

Para nós, em casa, ele era muito radical, mas para a comunidade ele era sensato, mas isso não vem ao caso, não era ruindade. Eu admiro muito ele, queria que ele estivesse vivo hoje. Não era ruindade ele, ele queria fazer uma pessoa em mim que eu sou hoje. Eu queria que ele estivesse vivo pra curtir ele hoje, como menino e como o homem que sou que ele queria, mas não com medo, porque hoje estou na direção e isso eu agradeço a ele. É aquele lance, o pai nunca é bom pro filho, mas na verdade ele é bom porque ele está pensando o que é melhor para o filho.

Como pessoa para sociedade eu faço parte de vários segmentos. Como pessoa para casa eu sou diferente do meu pai. Eu faço diferente, eu nunca dei um tapa no meu filho, nunca bati e uma criança. Pelo contrário, ao acho que é fácil a gente criar, desde que tenha o domínio desde pequeno é fácil. Eu tenho um casal biológico e

criei mais três de rua e todos me amam. Então, eu sempre uso o exemplo do meu pai para os meus filhos hoje, ele sabe que sofri muito com papai, então ele recuam, me ajudam.

Eu me sinto top da linha, sem tirar o mérito dos outros, mas me considero. Faço da associação de pescadores, sou tesoureiro, e da associação da moradores sou do conselho fiscal, e depois da tragédia, faço parte do conselho consultivo da fundação Renova. Fizemos uma eleição interna para eleger, de 50 pescadores tive 45 votos e faço parte. A fundação está perdida para agir, então fizeram a coisa certa, consultar a gente. É nesse conselho que faço as reivindicações. Vejo indenização, documentos e tudo com prova. Mas exigir muito documento não é o caso, porque o problema não foi o pescador, o problema é deles. Desde que eu prove que sou pescador está feito. Ninguém tem nota fiscal e documentação então eles vieram querendo dominar a gente, mas como a gente tem a associação de pescadores bem organizada a gente conseguiu discutir com eles em várias reuniões. Nós tínhamos uma renda mensal da pesca e eles queriam dar salário mínimo pra gente. Aí mostramos para eles, porque eles não tinham um caminho e como estamos organizados conseguimos organizar uma tabela com critérios que dê para andar as indenizações.

Ele fez o relato sobre a Samarco não legitimar as informações passadas pelos pescadores e associação. 10 pescadores ainda não recebem o cartão. São 80 pescadores regulamentados. Estão colocando burocracia para não resolver os problemas. As indenizações estão com problemas porque há pescadores que não estão recebendo nada. Ele pesca para Zé de Sabino, disse ele reclamando da má vontade em agilizar as indenizações. (Ele contextualiza e diz que se preocupa com os outros pescadores que não tem organização nenhuma.)

Sem comentários. eles tiraram uma parte da minha vida. Uma vida é minha esposa e meus filhos e a outra é o mar. Estou perdido. Minha esposa me pediu para cortar o maxixe e o quiabo. Eu cortei três e deixei, sabe. Meu negócio não é maxixe e quiabo, é ir no mar e voltar. Você mudas as pessoas de situação... não é que não quis fazer isso, mas é outra situação e minha. Mudaram a gente de vida e isso trouxe um transtorno. Mudaram a minha rotina. Às 4 horas manhã eu acordo. Ainda acordo esse horário, a gente tá no automático né. 5 horas já tô no mar. 9 horas eu

voltava com o peixe, depois às 14h ia de novo e voltava às 18h. Sempre tinha peixe. Eu sempre ia pro mar, independente do mar. Tenho 53 anos e me sinto muito eu, às vezes eu me misturo no meios dos meninos aí e eles ficam para trás. Tenho muito traquejo e vivência. Hoje isso acabou. Me adoeceu e isso não querem me pagar, eu sei o meu preço, mas eles querem que eu prove isso. Mas como vou provar? Vem aqui então, andar comigo aqui uns dias, para ver então o que eu sou. Não preciso provar nada pra eles. Manda um perito aqui. Fico indignado com isso! Imagine os outros pescadores que não tem nada? Sem mar o cara está doente. Acabou a nossa vida, a nossa liberdade”

Meu pai pescava e trabalhava na prefeitura. Ele me ensinou a pescar, me levava para o mar, me batia lá dentro, com remo na cabeça, de mão. Trabalhando com o cara no meio do mar e me batia. Imagina a cultura do cara? Eu acho hoje, que se ele tivesse vivo eu ia curtir ele. eu ia dizer a ele que eu sou o seu Sabino, o que ele fez. “Não tenho medo do senhor mais não pai”. Quando a gente estava em alto mar ele dizia que se o barco afundar era para segurar nas costas e na roupa, mas não no pescoço. Ele guardava a gente no máximo que podia.

De madrugada a gente no rio, um bicho gritou e pulou dentro da água. Aí perguntei: “Papai, o que é isso?”, ele disse que era uma capivara. 1 hora da manhã, a gente no barco um Saci subiu no barco e gritou, aí perguntei o que era e ele me mandou ficar quieto. Hoje eu sei o que que é, o Saci. Mas Saci não existe, nunca vi o que é, mas deve ser um passarinho. Eu ando no mato e nunca vi rastro de ninguém, sei que é história, mas na primeira vez que vi, fiquei com medo. O Saci é o seguinte. Quando a gente pescava de lança e vinha muito peixe pulando dentro e quando a gente puxava não tinha nada. Aí o Saci apitava lá em cima. Aconteceu muitas vezes e quando a gente lembrava a gente arrepiava. Ele amarrava muitas vezes as redes com um nó que a gente não conseguia tirar. Era para a gente não pescar. Hoje não tem mais, porque eu ando muito à noite e escuto pouco. Eu acho que é um passarinho, porque eu já vi um passarinho e juntei as coisas.

Tenho uns 3 sítios de ilha no meio do Rio Doce e vou pra lá às madrugadas. Gosto de caçar, sem que é proibido, mas é um hábito meu né. Não ensino pros meus filhos. Hoje o mundo está diferente, mas se um filho meu quiser aprender ele vai comigo. Não vou ensinar, ele vai junto vai ver e aprender, igual aprendi com meu pai. Ná

época não tinha nada e, Regência, nem estrada, então a gente caçava para sobreviver. Hoje tem supermercado, é fácil. Não aceito comercializar, mas me sinto bem ficar no mato caçando.

Então vira e mexe ouço o Saci piar, mas não me assusto não. Então de bicho assim, só sei que existe o Saci, porque já vi. Ah! Antigamente dizem que aqui também tinha o lobisomem. O pessoal fala muito que tinha. Eu queria ter passado, sofrido nas garras do lobisomem.

A cultura da pesca vai se encerrar por mim mesmo, a não ser que eu tenha um neto igual a mim. Tenho um que vai comigo, mas só pra tomar banho e comer cacau. Não gosta de fazer um buraco com a enxada, tirar um mato. Eu conheço com a pessoa tem o jeito. Pode ser que mude, ele gosta muito de água, penso que talvez o trabalho dele possa ser mergulhador. A gente conversa muito, ele é dócil. Menino com 4 anos vai pro porto, chovendo e ele queria tomar banho. Gosta de água. Tem que observar o que o cara gosta.

A tradição tem que ver quem gosta, mas a gente não pode forçar a barra. O conhecimento de pesca é primordial. A pesca na lua cheia eu nem pesco, lua fraca pra peixe. Depois da lua cheia 3 dias aí fica tempo bom de peixe, chama de quebra de maré. Só a cheia é ruim, eu gosto da minguante e da nova. São coisas que a gente tem que ter conhecimento.

Sobre o mar, se água estiver correndo pro norte, em Regência é ruim de pesca. Se o mar estiver manso pode tirar a rede porque vai dar vento sul ou mar bravo. Se a água estiver pro lado sul e o vento norte é bom de peixe. Aí começa o comentário, todo mundo vai. De novembro a fevereiro a gente pesca no mar, inclusive nesse período é proibido no rio. De março a outubro, tempestade de vento sul, não pescamos no mar, pescamos no rio, Robalo. No inverno ele dá no rio. Se não der vento sul no inverno não pega Robalo. A gente chama o vento sul de cheque de ouro. Os surfistas não gostam do vento sul. O que formata as ondas é o vento norte.

Tem o lago, e uma bancada de areia. Ela é nova ali, não é daqui. Ele fala da ecologia, sustentabilidade.

O conhecimento que tenho aprendi com papai. A gente plantava, colhia e comia. Caçava. Não tinha recursos, tinha liberdade, tinha natureza. Meus filhos não tomam mais banho no mar. Como peixe uma vez por mês, não tenho como ficar sem comer. Uma vez por semana eu pesco, fora da área proibida. É muito longe, muito distante, 4 horas de viagem. Eu pesco meu peixe e como.

Nunca gostei de surfar e mergulhar. Eu assim, se eu fosse surfista eu queria ser o cara, o Medina. Então como sou pescador, sou o cara da pesca. Como pescador eu tenho umas façanhas. Tenho um filme. O Breno Zon procurou o estado inteiro atrás de um perfil de pescador para fazer documentário. E ele falou de mim. Aí ele fez e um dia ele me ligou dizendo que a gente ia pra Alemanha participar de um festival. Chegamos na Alemanha, tinha 24 filmes e 18 longas. Tinha um capixaba que era nosso. Outro mundo. "Das águas que passam". Ficamos em segundo lugar no geral, fomo bem. Fiquei 20 dias na Alemanha. Outra cultura né.

Não sei por que o Congo está diminuindo né. Não é para criticar, mas a religião crente lava a memória das pessoas. Tem membros que eram do Congo e abandonaram. Penso que Deus é o mesmo. Deus que deixou o mundo, não precisa ficar proibindo, dizer que não pode. lógico que pode. Tem que saber, mas pode. Sei lá, entra muito na mente da pessoa. Não aceito isso de não poder nada. A gente não vai discordar da pessoa, a gente respeita, mas sabe né.

Não sei o que a gente pode fazer para melhorar, umas coisas é da própria banda de Congo. Teve um dia que queriam fazer um uniforme pro centenário do Caboclo Bernardo, aí os dirigentes não deixaram. Não ia mudar a tradição, era só para gente guardar depois de comemorar. Aí isso magoa a gente. Um dia especial, vamos fazer um uniforme especial.

Não sirvo para ser capitão, sou muito rigoroso, igual meu pai era. As pessoas hoje não aceitam serem chamada atenção. Antigamente as pessoas eram mais humildes. Meu pai ajudou a criar a banda de Congo. Na época eram dois tambores, eu não peguei essa época. Papai fala, não sei se tinha capitão. Era uma tradição do meu, ele fazia a festa de comes e Damião, eram 3 dias de festa e papai matava um carneiro e a festa era na casa dele. 3 dias de banda de Congo e muita comida.

Papai dançava, era danado! Fazia tudo com prazer! Eu tô aí tentando levar, é um pouco difícil, a juventude hoje é diferente. Tem as questões das igrejas.

Ano passado virei um barco, uma onda me pegou de surpresa, estava muito carregado e tombou. Nunca acreditei que ia naufragar um barco na minha vida, quando eu vi o barco de fundo pra cima, acreditei que acontece com a gente. tinha um menino de 12 anos ficou desesperado. Não deixei ninguém sair e saímos todos juntos. Viemos nadando e um colega meu viu e foi. Depois salvamos o barco também.

Já fiz vários salvamentos. O último que morreu o Carlito. Fico chateado, porque se eu tivesse perto dele. Eu queria estar perto dele. Eu sei medir a boca da barra. Se eu tivesse lá, talvez ele não morria. Dá uma dó! Fica uma coisa assim. Ele me socorreu muito no mar. Quando eu cheguei lá, vi o barco tombado e não vi ele, me deu um calafrio. Procurei ele por 10 dias ,até Conceição da Barra e Vitória. Todo dias eu ia, o dia inteiro. Não achamos, sumiu. Um cara tão conhecedor do mar. Se eu morrer pescando, eu morro feliz. Falo com minha mulher. Na pesca eu respeito, eu tenho medo, mas se eu morrer caçando, no mato, eu tô feliz. Se vem um cara e me dá um rito eu fico chateado.

Sempre tenho umas crianças no barco comigo. Esses caras novos que tem ai, todos passaram comigo.

Luciana de Oliveira



Entrevista com Luciana de Oliveira
Professora e responsável pelo Congo Mirim
03 de Janeiro de 2018

Fonte: Acervo pessoal de Luciana Oliveira

Em 2014 o Mec abriu o projeto mestre da comunidade, foi muito significativo porque valoriza o mestre oral e não o mestre acadêmico, e isso é muito importante para nós, porque aqui o conhecimento é passado de pais para filho, nos vivemos em uma comunidade de pesca artesanal. O projeto pode abrir o Congo para a comunidade inteira. Valorizamos o seu Humberto, que faz a casaca e um dos conguistas mais antigos, da época dos dois tambores. O senhor Darci que passou o bastão para o seu Grimaldi e antes pegou do meu pai. Ele ensinou os meninos a fazer a casaca e enquanto isso eles iam ouvindo as histórias dos antigos mestres e ajudou a enriquecer a identidade cultural das crianças e é muito diferente construir seu próprio instrumento, tem sua identidade. O projeto durou 2 anos e acabou mas ficou um legado muito grande. Ele acontecia dentro e fora da escola. O seu Humberto ficava inibido na escola, aí tirávamos as crianças da escola e levava para ele. As crianças foram para a mata para ver qual o tipo de madeira utilizar para a casaca e também aprenderam a fazer redes de pesca. Adailton e Sangália colaboraram com o projeto.

“Desse projeto levamos o Congo mim para fora da comunidade. As crianças são livres para iniciar e terminar a participação. A criança precisa se reconhecer no

Congo, criar sua identidade, não forçamos a participação. As relações das pessoas na vila mudou. Quem está aqui muito antes da lama conhece e sabe como mudou. Parece que estamos vivendo há 500 anos. A Samarco colonizou a vila. eles tiraram o nosso estilo de vida e colocou o deles. A gente se reconhecia, a gente se dava bom dia, velava os mortos, celebramos os nascimentos. Se um não tinha peixe a gente levava. Agora é só interesse no cartão, no dinheiro, a gente se trancou. Aí por causa disso muita gente que não morava mais aqui voltou pra cá só por causa do dinheiro. A gente está se perdendo muito e aí a gente tenta não se perder com a cultura.

Nós que estamos envolvidos, nosso objetivo é não se perder e vemos no viés cultural de todos se encontrarem. Antes era o rio e o mar com seu estuário, temos a fauna, a foz e em cima disso aí temos nossas memórias que é o Congo, o ato de Caboclo Bernardo, que se dá no mar e a gente se orgulha disso e não queremos que morra e tinha o rio que é o pai e a mãe, os índios chamam de Watu. Tudo que nos unia miseravelmente foi arrancado da gente, que ninguém nos preparou para isso. Aí tem a lama e o rio, esse rio aí não é o nosso, é o rio da cobiça, da ganância, da ausência do Estado, porque uma empresa como essa funcionou tantos anos sem se adequar às regras. Não funciona por si só, tem um comodismo, um complô. Tem uma série de fatores que facilita que isso acontecesse.

A história do meu rio é a do meu pai descendo o rio numa canoa cheia de arroz. Essas água tinham muitas ilhas e eram plantadas arroz e descíamos o rio cheio de saco de arroz e eu sentada em cima. Aí meu pai dizia que ia vender o arroz e ia comprar comida e comprar caderno para gente poder estudar. Ele dizia “imagina você estudada!”

Esse rio é eu correndo pelo quintal e o telhado de casa laranja de camarão pitú, a gente ferventava e colocava no telhado para o meu pai vender em Linhares e Colatina. A gente subia as escadas e pegava o camarão e comia. Minha mãe falava pra gente ir lavar as vasilhas com fundo preto e a gente esfregava no rio. Aprendi aqui que a gente é o que é, não o que tem. Eu olho pro rio e penso que não posso fazer a mesma coisa com meus filhos. Eu poderia estar em outro lugar, mas resolvi voltar para Regência, para que meu filho possam ser educados com outro valores e agora olha o que aconteceu. Meu filho agora vê gente só interessada no dinheiro.

Eu vivi essa história e queria passar para meus filhos. Agora eles só vão ouvir da boca dos outros. Meu pai veio fugido da seca e chegou aqui e deu de cara com esse marzão que é o Rio Doce. Meu pai conta que eles tomavam banho em uma bacia com a mesma água todos os irmãos. Imagina quando meu pai chegou aqui e eu ouvi isso, construí minha história a partir disso.

O nosso mestre se sente atingido como um pescador e não como um conquistador. “No Brasil houve um desastre que o mundo inteiro viu, a cidade de Mariana foi a primeira que sumiu. Quero água para beber preciso cavar um poço culpado foi a Samarco que acabou com o Rio Doce.

A gente canta, mas mais do que cantar a morte do Rio a gente quer celebrar a vida, então a gente fala sobre a fauna, sobre as pessoas que foram importantes, sobre a relação do Congo com a igreja católica, a gente fala sobre a nossa natureza. Dentro do Congo a gente tenta não mensurar mais o desastre, a gente tenta sempre celebrar a vida e lembrar do porque estamos aqui, que o Congo é nossa vida.

Antes eu só dançava o Congo, que é aberta. Eu começo a me interessar após a morte do meu pai, que era mestre e se afastou. Dentro da banda de Congo o bastão é o que manda. O bastão é um pedaço de pau com umas fitas coloridas e cada grupo tem suas cores e significados. O mestre precisa entender de ritmo, tem que tocar uma casaca muito bem, tem que tocar o tambor, fazer o repique e que a banda é um coletivo, tem uma história própria. Ele tem que ter uma postura também fora do Congo, porque ele precisa ser respeitado dentro e fora. Uma pessoa que não é respeitada não chega a ser mestre. O mestre é o guardião da prática do Congo. A partir da postura dele ele chama os outros e todos passam a ter essa responsabilidade. Ele conta nossa história o tempo todo. No Congo mirim a relação é diferente. Nós usamos instrumento do Congo adulto, 16 crianças. Nosso maior desafio é uma briga com religiões. Regência tem 12 igrejas evangélicas que atacam a prática do Congo. As igrejas mais antigas nunca teve animosidade com o Congo, o problema são as que estão vindo agora.

A bebida foi um problema também para o Congo mirim, porque antigamente bebiam muito no Congo, aí os pais ficavam com medo de mandar as crianças para onde havia bebida.

Carlos Sangália



Entrevista com Carlos Sangália. Nascido em Linhares. Formado em Arte Educação. Trabalha no Projeto TAMAR com Educação Ambiental e Desenvolvimento Comunitário (fomentação de instituições comunitárias, projetos culturais, educação ambiental com a escola, artesanato). Para além do trabalho no Projeto TAMAR se envolve com questões sociais e culturais da vila desde 1987. Novembro de 2018

Fonte: [HTTPS://WWW.EUVIEMLINHARES.NET/NOTICIA](https://www.euviemlinhares.net/noticia)

Eu sou de Linhares fui morar em Vitória e de lá eu vim para Regência. Eu comecei a frequentar a vila em 1987, a gente alugava os quartinhos de dona Mariquinha, a gente era meio bicho grilo, gostava de ficar solto aqui. Mas eu só vim morar aqui em 1992. Minha primeira lembrança sobre o Congo começa com Bibiu, minha esposa. Bibiu trabalhou muito tempo no Departamento Estadual de Cultura (DEC), hoje chamado de Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo (SECULT), e Bibiu trabalhava na divisão de folclore. Foi então que em 1987 nós fizemos aqui um grande evento chamado SOS Regência, porque Regência estava em plena atividade da Petrobrás que havia começado em 1980, tinha muito dinheiro, muita coisa acontecendo. No entanto Regência era esquecida politicamente, e ninguém conhecia, nem falava sobre a vila, a Prefeitura não dava a mínima atenção, porque era terra de índio. O Rio Doce já estava dando sinais de degradação. Tinha acabado de chegar, aqui, também, o Projeto Tamar e começou o trabalho todo de pesquisa e estudo. Então a gente pegou tudo isso, na época a gente tinha criado a União da Juventude Socialista, coisa de partido comunista né! E aí resolvemos fazer um movimento político cultural e criamos o evento SOS Regência para chamar atenção

e foi nessa época que na verdade a gente se conheceu, eu e Bibiu. Nos conhecemos e começamos a nos aproximar, ela trabalhava no departamento de cultura, era Fundação ainda, aí passou a ser departamento e depois que virou secretaria. Em Regência na época tinha o Congo e a pesca, não tinha mais nada, nem energia. Era um lugarzinho, tinha só um pedacinho da rua principal que começava aqui. Foi por causa desse evento que nós começamos a nos aproximar mais de Regência, Bibiu ajudava com o apoio que ela conseguia no DEC e nós começamos a participar e ajudar o Congo. Na época o Mestre era Sabino Bispo, pai de Zé de Sabino. Foi um evento com muitas atrações. Primeira vez que teve cinema em Regência. Um rapaz que trabalhava na SECULT, na época DEC, trouxe aquele aparelho de cinema, colocou o pano, passou o filme, foi um sucesso. E aí tem muita coisa né, Cláudio Lins também participou da organização, Natal, Robertinho. Então a gente já tinha um contato e começou a fortalecer os contatos diferentes com outras pessoas e as coisas foram acontecendo com a Banda de Congo aqui.

E foi aí também que foi criado o Congo Mirim com Bibiu trabalhando no DEC, nós vimos a necessidade criar uma banda de Congo Mirim para perpetuar coisa da cultura do Congo em Regência. Dona Mariquinha, antiga moradora da vila, tinha Pousada\restaurante, em que ela fazia comida para o pessoal que trabalhava na Petrobrás. Eu e alguns amigos começamos a frequentar a vila. E aí juntamos e começamos a pensar e dona Mariquinha disse: “ Ah...eu quero formar uma Banda de Congo Mirim”. Aí tinha (Eloana, uma Húngara, Alaide, Elenita, Eliar, lideranças comunitárias) juntando aí dentro desse evento. Foi ai que Bibiu conseguiu lá no DEC todos os panos, tecidos para fazer roupa do Congo Mirim, ai as mulheres daqui costuraram, depois ela conseguiu todos os instrumentos do Congo Mirim, que eram as barrigas igual era do Congo la de Vitória, que foi o mestre Antônio Rosa, lá da Serra que fez. O mestre Antônio Rosa é referência do Congo Capixaba. E dessa época uma parte das pessoas que já faleceu, Dona Elza que era irmã de Humberto

que cuidava da manutenção, que era tipo a coordenadora do Congo, faleceu. Muitos conguistas antigos que iniciaram nessa época já faleceram, e tem muitas tradições assim dentro do Congo que foram se perdendo. Outro dia nós tivemos uma reunião e conversamos de resgatar algumas coisas do Congo.

Depois em 1991 quando foi a primeira descida ecológica do Rio Doce e foi uma descida científica mesmo para colher dados, foram 3 descidas dessa ai. A gente tava lá em Vitória ajudando o Congo de lá, ai dona Mariquinha e Claudio Lins apareceram por lá, e disse: “estamos querendo levar mais Congo lá na festa Caboclo Bernardo porque a festa é só futebol e tal. ” E como a gente tinha muito contato lá em Vitória a gente conseguiu o apoio da UFES, convidamos várias Bandas do Estado, a gente tinha muito contato. Por causa do apoio da UFES, precisamos colocar no cartaz do evento como o segundo encontro da Banda de Congo, mas era o primeiro, tinha que ser evento que já havia começado, ai a gente falou “ esse aqui já começou já”(rindo). Ai organizamos o encontro de Bandas de Congo em Regência Augusta na festa do Caboclo Bernardo. Recebemos 10 Bandas neste ano, em 1992 nos mudamos pra cá e continuamos a ajudar na organização da festa. Em 1991 tinha a Banda de Congo adulto e Mirim, e os jovens queriam fazer uma Banda também, porque no Congo adulto eles não permitiam participantes muito jovens, e no Congo Mirim não dava para eles ficarem. Ai foi criada a Banda de Congo Jovem, só que não continuou. Aí teve a situação do tambor, não deu tempo fazer, não deu tempo de chegar o tambor, aí os meninos já não quiseram mais também. Ai observamos que não dava para ter três Bandas, conversamos com o Congo adulto e começou aceitar os jovens. Mas depois começou essa coisa de funk, Axé, de não sei o que, os jovens já não queria mais entrar no Congo, achando que Congo era coisa de gente velha: “nós somos jovens”. Só queriam saber de música baiana, das outras músicas no CD, os jovens começaram a se afastar do Congo, o Congo começou a envelhecer. Os meninos do Congo Mirim começaram a

crescer chegava na adolescência também não queriam mais participar do Congo. Na influência da contracultura não queria mais participar também.

A fincada do Mastro em Regência é a única que faz fincada do Mastro em novembro, por causa de Santa Catarina. Em outros municípios a fincada é dezembro, 25 ou 27 de dezembro. E aqui se faz nesta data por causa de Santa Catarina. Nós temos Santa Catarina, São Benedito, no entanto a igreja considera outro santo como padroeira, “Nossa Senhora de não sei o que lá.” Teve uma vez que deu um problema, entrou um padre em Linhares, que disse que a gente não podia ter aquele monte de santo no altar da igreja. Mandou tirar tudo, aí desconfiguraram a igreja, tiraram o altar de madeira bonito que tinha, reformaram a igreja, tiraram o sino, mudaram a igreja toda. O padre insistiu na mudança do santo aí a comunidade não quis e disse que os santos daqui eram Santa Catarina e São Benedito. Aí o padre fez uma votação. Aí teve eleição de santo, da padroeira da vila. Só que empatou entre Santa Catarina e São Benedito, aí foi para o segundo turno(rsrsrsrs). E aí São Benedito ganhou. E aí continua até hoje a derrubada do mastro em novembro, próximo a data de Santa Catarina. É tradição, único lugar que faz a festa nessa data é Regência e não pode perder isso para essas coisas da igreja, aí continua indo até hoje. Em 1998 ou 2000 o pessoal não aguentava mais retirar o mastro da mata e por questões ambientais também se decidiu utilizar o mesmo todo ano. E aí tinha uma escuna aqui em cima que naufragou aí pegou o mastro dela. É de madeira nobre que não estraga, aí resolver ter aquele mastro todo ano. É muito pesado para carregar. Agora todo ano usa o mesmo. Antes, todo ano ia lá no mato cortar, aí tinha os caminhãozinho, aqui que quase não tinha carro, um, dois, três carros só. Aí um caminhãozinho e tirava e o boi também. Era aquela festa bonita do Congo. Iam numa fazenda aqui perto pegar o boi, matava um boi e trazia para fazer comida para todo mundo. Hoje a comida a gente compra no

supermercado, teve uma vez até conseguiram um boi aí trouxeram foi uns 8 anos, trouxeram e mataram lá na frente da casa do Congo.

O Congo começou a envelhecer porque não tinha renovação. O Congo Mirim tinha o objetivo de renovar, mas aí acabamos perdendo pela massificação cultural. O Congo começou a envelhecer e hoje o Congo está muito sério. A gente debate bastante essa situação no grupo. A gente está criando e buscando alternativas de fomentar mais os idosos, de dar uma revitalizada neles, porque eles perderam a autoestima, com a situação da lama também, tudo acontecendo e a auto estima baixou muito. Alguns já faleceram, outros estão muito doentes, o Congo está quase pra acabar, está bem fraco. Então fizemos no final do ano um jantar de final do ano, todo mundo levou um pratinho, ficou bacana, uma confraternização. Depois fizemos celebração do Dia das Mães, as mães do Congo, foi legal, deu autoestima. E aí a gente tá fazendo isso para tentar valorizada e criar autoestima, para para ver se resgata. Estamos incentivando alguns jovens também, que já participaram do Congo Mirim, que hoje tem outra consciência, estão vendo que o Congo é uma coisa bacana, igual os meninos que tocam na banda Natividade, que misturaram Congo com Reggae, e veem que o Congo é uma cultura legal, que tem um ritmo musical legal que dá para usar. Tem o Adailton, participa do teatro, tem se envolvido mais no Congo. Alguns jovens já começaram se inserir também no Congo.

O Congo Mirim de hoje não é mais aquele Congo Mirim anterior, criado em 1987, ele foi acabando as crianças foram crescendo. Tinha também o problema dos Pais em relação a Dona Mariquinha, alguns pais não deixavam mais os meninos\filhos entrar no Congo Mirim. E aí o Congo Mirim acabou.

Em 2012 surge o projeto Mais Cultura na Escola, e a Banda de Congo Mirim numa outra proposta se une a escola da comunidade. A Glória e a professora Luciana começaram a desenvolver um trabalho de identidade cultural de Regência. E aí

começam a fazer esse trabalho com os alunos da escola de identidade cultural, significado do Congo, começaram a fazer oficina de tambor, oficina de fazer rede com Zé de Sabino. Humberto deu oficina de tambor, cada aluno fez seu tamborzinho e Ganzá. Guimaldo foi lá para dentro para dar oficina de Mestre, de Capitão, ensinar as músicas, como que dança. E o Guimaldo embarcou na onda, então ele se sentiu pai das crianças. Por ele sentir importante, ele só tem o primeiro grau primário, e foi para dentro da escola e aí ele viu que o que ele sabia era importante, foi pra dentro da escola ensinando crianças, alunos então ele sentiu bem, isso valorizou o saber cultural, que é importante o saber cultural da comunidade. Ele viu que ele tinha um saber também e que aquele saber era importante perpetuar, importante para outro. Ele começou a ver isso, lógico que de uma forma empírica dele, ele começou a ter essa percepção. Os alunos começaram a chamá-lo de mestre com maior respeito e admiração. Ele sentiu também uma relação tipo assim pai e filho pelas crianças. Por causa dessa aproximação ele decide assumir o Congo Mirim. E aí ele terminou o projeto Mais Cultura na Escola que durou 2 anos. O objetivo das oficinas era de ensinar o ofício de fazer, mas não simplesmente ensinar fazer, enquanto eles estavam ensinando a fazer rede, por exemplo, eles falavam da rede na vida deles, como pescadores, o significado. Como era pesca antigamente, como é agora, como era Regência quando ele era criança, eles cantam, contam histórias. Envolve toda a história cultural, as vivências, a identidade, toda essa parte sociocultural de resgate e o Congo a mesma coisa. Humberto contou como eram os primeiros tambores, que eles iam lá no mato cortar a madeira que chama tambor mesmo que as amigas por dentro que é meio oca por dentro e aí limpava, pegava o couro do cabrito, do boi, secava e fazia. Ai vai passando essa coisa do fazer cultural deles antigamente, a questão do Ganzá e aí o Guimaldo como era o Congo antigamente que eles iam daqui até Nova Almeida andando pela praia, quando fazia a esmola antes, ia até conceição da Barra. E com isso além de aprender toda essa coisa do fazer cultural, das relações sociais culturais, comunitários. E aí chegavam

em casa e conversavam com os pais, com os avós mais antigo. Dai a gente tem um processo de resgate, de valorização Cultural, de ressignificação cultural a partir desse lance. E aí o Grimaldo se entusiasmou. E está até hoje aí com os meninos do Congo Mirim, ele fortaleceu Congo Mirim. As crianças que estão no Congo Mirim adoram ir, e isso foi difícil porque muitos pais não querem que seu filho vá, acham que é coisa de macumba. Não é coisa de macumba é uma coisa cultural, a gente pode cantar música de louvor a Deus também, e uma coisa e tal. Algumas crianças começaram a entrar. Aí começa a fortalecer o Congo Mirim dentro da escola. Tem um ano eu acho que a Glória saiu da direção da escola e a professora Luciana também, o Congo Mirim ficou todo parado, mas mestre o Grimaldo quis continuar com o projeto, aí o Congo saiu da escola. O Congo Mirim são os alunos da escola, mas não está diretamente ligado à escola, até tem os tambores lá que foram feitos dentro da escola, o Congo Mirim tem acompanhamento da escola, mas está dentro da Casa de Congo mesmo. Ai eles estavam usando os instrumentos do Congo Adulto. Deu problema porque eles não queriam que as crianças usassem. Ai fizemos uma reunião pra explicar a necessidade de manter o Congo Mirim: “você acham que é importante as crianças aprender como tocar Congo, então você tem que incentivar, eles tem que ver e aprender com você, uma parte aqui é parente das Crianças, então eles têm que ser acolhidos por você.” Aí começaram a emprestar e agora o Congo Mirim está dentro do Congo Adulto. Eles abraçaram o Congo Mirim. As crianças do Congo Mirim batem o Congo com força e ai quando se junta com o Congo adulto, faz uma mistura bonita de ver. Tem o Davi neto do Leônidas, já foi o capitão do Congo, e ele nossa participa com empolgação. Ele é muito legal, ele não tem nada de computador, de internet, o negócio dele é brincar de Congo, as vezes a gente escuta um barulho e vai lá, é ele mexendo no tambor de Congo. Mestre Grimaldo gosta de juntar o grupo, não é uma bagunça, tem toda uma rigidez, disciplina, organização. Grimaldo, a professora Luciana e Morena ficam a frente do Congo Mirim. E para fortalecer o Congo adulto também em 2009 a pessoa do Congo

queria registrar o Congo, mas não tem assim um registro, a gente se inscreveu no Conselho Estadual de Cultura. E criamos a Associação do Congo de Regência, sentamos elaboramos o estatuto, explicamos o que é uma Associação, é um papel jurídico, mas que não interfere na estrutura interna do Congo. Ai Conceição que era pessoa que ficava com eles muito batalhando por ter um conhecimento maior que ela era a professora, aposentada, aí ficou Conceição coordenador no estatuto, não tem presidente, é um estatuto bem moderno, tiramos essa questão de presidente. Eu entrei como secretário da Associação. E aí começamos a fazer alguns projetos, e ir no lugar começamos a pedir um cachê, quando era possível, quando tem com um monte de banda de axé, de não sei o que lá, tá ganhando cachê, então o Congo vai la se apresentar e receber um cachê mesmo que mínimo. Depois fizemos os painéis da SECULT que tá lá na casa do Congo, levantamento história desde 1912. E aí sobrou um recurso e fizemos o projeto: primeiro foi para o Humberto aí ganhou, depois do outro ano foi para o Darci aí no outro eu fiz para o Grimaldo. E aí eles assim, era eu acho, que era 10.000 então eles ficavam com 7.000 e 3.000 davam para Associação do Congo. Hoje a Associação tem um dinheirinho guardado, eles estão querendo comprar um freezer agora. Quando tem festa que não conseguem dinheiro, eles usam o dinheiro da Associação para transporte e alimentação. Mas assim, a Associação em si não fortaleceu o Congo, inclusive tivemos que ajustar a Associação pra não ter problema de acabar. Hoje Conceição e Adélia são pessoas que vem resgatando essa questão do Congo.

O crime ambiental mudou muita coisa. Todas as pessoas daqui tem o rio como ente familiar, até como uma divindade, quando você vê um familiar seu moribundo, você não fica bem. “ Ele tá mal, pode morrer”. Pois é, a mesma coisa em relação ao rio para essas pessoas.

Grimaldo, por exemplo, que pescava no rio e outros que iam lá pegavam o peixinho. Dona Alda que tava sempre lá no rio com uma varinha de pescar na mão, inclusive ela sempre ganhava o campeonato de pescadores. As pessoas tinham uma relação socioafetiva e cultural com o rio. O rio ficou desse jeito, não atingiu o Congo, lógico que não vai na Casa do Congo, mas afetou as pessoas. Uma vez que as pessoas são atingidas assim no sua psique, ela começa a ficar em estado de tristeza, até entrar em depressão, então tem muitas pessoas da vila que estão em depressão, não foram no médico, não diagnosticaram, mas você vê, dá para ver claramente que algumas estão em depressão, as pessoas vão ficando com aquele sentimento ruim e vão somatizando aquilo, algumas doenças vão se agravando mais, e muitas doenças começaram a surgir por causa da psicossomatização das pessoas. Por exemplo, neste ano (2018) morreram umas três pessoas que eram do Congo: Benjamin, Abdon...E só para dar dados, que não é brincadeira o que está acontecendo, se você for pegar aí, você vai ver, a gente tinha a mortalidade de idosos até da comunidade geral era um(1) por ano, o coveiro era o cargo mais cobiçado que não fazia nada(rindo). Hoje, é uma média de 20 idosos mortos por ano, não é juntando os três anos não . Dois anos depois do crime ambiental, nós tivemos 11 mortos. Então aumentou o índice de mortalidade na vila, principalmente com os mais velhos. E porque isso, ah o cara morreu de câncer. Ah OK! Ele até podia ter essa predisposição ao câncer, mas isso somatizou, essa doença se agravou e se desenvolveu muito mais rápido pelo estado emocional que ele tava psicológico eu acho que se desenvolveu mais mais rápido.

Alguns não tinham doença, Alda era uma pessoa saudável, vivia brincando, era uma pessoa alegre levantava todo mundo, e esse ano agora apresentou um câncer. Então afetou muito nessa questão de desestabilização psicossocial das pessoas do Congo e é por isso que a gente está tentando fazer atividades para melhorar a autoestima, porque eles estão ficando doentes. Tem dois anos que a Renova está

tentando elaborar um grande plano. É sempre assim: “ah vamos fazer uma coisa grande, bonita”. Contrata um monte de consultores, de fora do país, para chegar no final aquela coisa que sinceramente é só fazer assim, pois é muito mais fácil fazer do que eles tanto pensam e planejam. Esse programa para ação social está lá tem dois anos e nada foi feito. Eles vão reformar a Casa do Congo agora porque vamos fazer um projeto de melhoria visual de alguns espaços de Regência. E aí entrou a Casa do Congo, mas eles não tinha colocado iam deixar de fora, muitas vezes pedimos apoio para o evento do Congo, como a Fincada do Mastro, mas deram apenas para Festa do Caboclo Bernardo porque não era simplesmente para o Congo, mas é para festa do Caboclo Bernardo. A Festa de Caboclo Bernardo acontece desde 1930. Mas nada foi feito como grupo de Congo, era para ter pego o grupo e ter feito algumas terapias culturais com eles. Já passei com eles no Convento da Penha, em Santa Teresa para tentar descontraír, fazer um passeio de dois em dois meses para algum lugar, mas não fizeram nada, nem indenização, danos morais ninguém recebeu.

Em Olímpia, São Paulo, tem o festival internacional de folclore inclusive construíram lá um espaço só para isso. O Congo Mirim já foi lá duas vezes, Bibiu conseguiu na época que trabalhava na SECULT. Os meninos da primeira formação viajaram muito, foram em Olímpia, no litoral do Rio, no Mosteiro, viajaram o Estado todo. O Congo Mirim de Regência foi o primeiro grupo de Congo Mirim do Estado do Espírito Santo, a gente recebia muitos convites para se apresentar.

Junto com a comunidade Carlos Sangália ajudou a fomentar algumas associações de Regência Augusta: Em 1987 foi criada a Associação de Moradores em ocasião do SOS Regência; Em 1888 foi criada a Associação de Pescadores; Ajudou a criar a Associação de Artesanato; A Associação do Congo São Benedito de Regência Augusta.

Catarina minha nega

Meu senhor quer te vender

Pra mandar para o Rio Doce

Pra eu nunca mais te ver

Catarina minha nega

Meu senhor está te chamando

Minha doce Catarina

ANEXO A – Selo comemorativo sobre o Congo

**SELO COMEMORATIVO COM O OBJETIVO DE RESGUARDAR
A MEMÓRIA MATERIAL E IMATERIAL DO
CONGO DE REGÊNCIA AUGUSTA.**



Dados:

- Intensidade de cores realçando o universo de Regência;
- Preservar os encantos lúdicos de Regência;
- Enfatizar a idéia de "memória histórica";
- Criar uma idéia de pertencimento entre o Congo e a população linharenses;
- Intervir na Iconografia de Regência Augusta;
- O selo é um dado irrefutável de construção estética e histórica - por natureza cultural.

Antônio Bezerra Neto
Secretário de Cultura

Secretaria Municipal de
Cultura

LINHARES
O MUNICÍPIO DA
CULTURA

ANEXO B – Projeto do Congo Mirim

1_IDENTIFICAÇÃO: Projeto Congo Mirim

Título:

Projeto “CONGO DO SABER” – NOSSO CONGO MIRIM

Instituição:

EEEFM “Vila Regência”.

SER Linhares.

Autora:

Maria Aparecida Sousa Carlos – Professora

Coautores:

Luciana Souza de Oliveira- Professora

Data de Início: 2012 (contínuo).

Esta ação inicia em Fevereiro e termina em Dezembro de 2016.

Turmas/séries da Unidade Escolar:

1º ao 9º ano.

Categoria:

Professor.

3_RESUMO:

Este projeto tem como objetivo auxiliar a comunidade escolar a sensibilizar a população local em relação à preservação das tradições culturais locais, principalmente o Congo. Apesar de essa manifestação fazer parte do calendário cultural do distrito de Regência Augusta é pouca difundida e preservada, fato em que a E. E. E. F.M Vila Regência passou a tratar tal manifestação como pesquisa dos múltiplos saberes popular a ser sistematizado e transformado em conhecimento acadêmico no conteúdo escolar.

A instituição escolar é primordial na educação dos indivíduos e é um espaço sociocultural onde convivem grupos e etnias em processo contínuo de construção e reconstrução de suas identidades. Nesse contexto, a escola convive com o antagonismo, diversidade, desafio e conflito de culturas diferentes. Conhecer, vivenciar, estudar, compreender, interpretar as manifestações socioculturais capixabas é permitir a mudança da escola de fora para dentro e o autorresgate da cultura popular latente das comunidades que produzem e preservam seus conhecimentos e saberes.

Nosso trabalho com os alunos começou com pesquisas bibliográficas e junto à comunidade para que eles pudessem entender compreender e contextualizar a origem do congo, sua importância enquanto patrimônio cultural e a necessidade de um trabalho sociopedagógico capaz de resgatar, valorizar e preservar esse patrimônio. Na interação escol-comunidade, convidamos os mestres da Banda de Congo de Regência, Senhor Grimaldi, para dar oficina de congo para os alunos, e Senhor Umberto Soares para ensinar a cada aluno a fazer seu próprio tambor e ganzá.

Os resultados foram visíveis com a criação da Banda de Congo Mirim da Escola Vila Regência que vem se apresentando nos eventos na comunidade e em várias partes do estado. Os alunos resgataram muitas cantigas perdidas, passaram a valorizar seu patrimônio histórico-cultural, a respeitar e valorizar os saberes populares dos moradores mais tradicionais e despertaram em si mesmos a autoestima, pois; desenvolveram a consciência que fazia parte de algo maior, algo que possua uma história que foi herdada de seus antepassados.

4_JUSTIFICATIVA:

O processo educativo no Brasil esteve comprometido com os ideais e interesses da classe dominante brasileira, agindo conforme seus saberes, atitudes e necessidades únicas que estavam fundamentados num projeto educacional europeu e norte americano. Nesta perspectiva, nem sempre o saber popular foi levado em consideração, ocasionando uma desqualificação da cultura popular e de seu valor enquanto instrumento e conteúdo a ser trabalhado na instituição escolar.

Nesse processo há um choque entre a escola e a comunidade, pois os conhecimentos transmitidos pela escola ainda preservam a hegemonia da cultura erudita como norma geral de comportamento social, desconsiderando os saberes produzidos e preservados pelas comunidades populares que têm seus modos de vida, valores, crenças, hábitos e práticas corporais próprias e transmitidas dentro de uma vivência familiar. Contudo, esse aluno não se sentia representado culturalmente no ambiente escolar. Dessa forma, a escola percebeu que seus alunos queriam interagir mais com a comunidade onde vivem na busca de seus valores e identidade sociocultural. Por outro lado, observamos que a cultura dos congos – identidade capixaba – seus saberes e valores incutidos nessa manifestação cultural vinham se perdendo ao longo dos tempos e era necessário que a escola trabalhasse pedagogicamente com seu alunado no resgate, preservação e difusão desse legado cultural, sistematizando e transformando em conhecimento.

Para mudar essa realidade é que a E.E.E.F. M Vila Regência desenvolveu o projeto: “Congo Mirim do Saber” valorizando a cultura popular local e suas ricas manifestações em que o alunado está inserido desde o seu nascimento. A dinâmica escolar foi a de trazer o vasto patrimonial imemorial da comunidade para dentro da sala de aula e propor a dialética entre cultura erudita e cultura popular para que o aluno pudesse fazer parte dessa construção, uma vez em que a educação para ter significação para o estudante deverá ser concreta, tendo sua aplicabilidade presente em seu cotidiano. Por isso, que esse projeto tem sua relevância.

A banda de congo São Benedito de Regência surgiu em 1902 a partir do tambor de congo ou tambor de São Benedito, praticado na região desde o século XIV. Os participantes da banda vêm envelhecendo, e os jovens não mostram interesse em entrar para o grupo manter viva essa tradição, fato que pode comprometer essa tradição cultural.

A banda de Congo São Benedito de Regência apresentava-se principalmente na “Fincada e na Derrubada do Mastro, respectivamente em 25 de novembro, dia de Santa Catarina (diferente das demais bandas de congos do estado que fazem a Fincada ou Puxada do Mastro em dezembro, dia de São Benedito) e 20 de janeiro (São Sebastião)”. Antes da festa, os conguistas saíam em longas caminhadas até as comunidades vizinhas, se apresentando nas fazendas e recolhendo donativos, esmolas para os festejos, hoje fazem pequenos cortejos pelas ruas da vila.

5_CONTEXTUALIZAÇÃO:

Regência é uma comunidade tradicionalmente pesqueira, com 898 habitantes, de origem cabocla com renda per capita de um salário. Situa-se na foz do Rio Doce, distante 56 km da sede do município de Linhares e a 120 da capital Vitória. Apesar do crescimento com muitos novos moradores vindos de fora e tornando a população mais heterogênea. A comunidade ainda tenta preservar seu patrimônio sociocultural e ambiental como o congo, suas histórias, a cultura da pesca, a história do herói nacional Caboclo Bernardo, as tartarugas, o rio e o mar, símbolos da comunidade e da identidade local.

O congo é a principal manifestação folclórica local, porém, apesar de essa manifestação fazer parte do calendário cultural do distrito de Regência Augusta é pouca difundida e preservada junto aos jovens devido às influências socioculturais externas potencializadas com a internet, fato em que os alunos vinham perdendo o interesse pela cultura local e com isso sua identidade cultural. Motivo em que a E. E. E. F.M Vila Regência passou a tratar tal manifestação como pesquisa dos múltiplos saberes popular a ser sistematizado e transformado em conhecimento acadêmico no conteúdo escolar, utilizando também os recursos tecnológicos da WEB como ferramenta para a pesquisa e sistematização desses dados.

A escola buscou trabalhar no PPP o tema CONGO e Cultura Popular de forma interativa na escola-comunidade, através das experiências já vividas pelos alunos no seu âmbito familiar, onde a principal função foi contribuir para a formação de cidadãos. Para isso, foi necessário que informações, conceitos e atitudes na formação dos valores socioculturais fossem apreendidos na prática do dia-a-dia e no meio social da escola e da comunidade. Os professores elaboraram os conteúdos específicos de acordo com seus objetivos pedagógicos e os interesses dos seus alunos, levando em consideração atitudes conceituais, procedimentais e atitudinais.

Focamos o Congo por ser a dança popular mais comumente praticada na comunidade de Regência Augusta, com algumas especificidades. Essa manifestação está presente, de forma marcante nesta comunidade litorânea assim como também em quase todo o Estado, de reminiscência indígena, onde os modos de vida e o fazer sociocultural estão ligados à pesca artesanal, a história do Caboclo Bernardo, ao artesanato, no manejo da mata de cabruca com pequenas culturas de cacau, a preservação do meio ambiente e das tartarugas marinhas. Sua cultura está ligada a manifestação cultural do Congo, que durante as festas locais com a participação de professores, lideranças religiosas e componentes das bandas de congo locais e de outras localidades.

A diferença de estilo entre uma banda e outra é percebida ao soar de um apito, ou quando um mestre de congo começa a cantar suas cantigas e danças. Os versos comumente puxados pelos Mestres em sua maioria “populares” fazem referência aos modos de vida das comunidades. Nas bandas de congo do litoral, como a de Regência, os cantos versam sobre o herói capixaba (Caboclo Bernardo), o mar, pesca, e a vida pacata do vilarejo.

Devido ao sincretismo o Congo é considerado ainda hoje um ritmo tradicional do folclore capixaba, sendo tocado em festas religiosas típicas como as de São Benedito, São Pedro, São Sebastião e Nossa Senhora da Penha. Em Regência, está mais ligada a Santa Catarina, data comemorativa em que se faz a “Fincada do Mastro”.

No congo identificamos importantes elementos simbólicos de memória, educação e identidade. Encontramos na instituição família a primeira forma de

conhecimento dessa cultura. O mestre de congo é o elemento representativo que assume função desempenhada, prestígio social e exerce função de líder de opinião na comunidade. A memória do congo não está simplesmente nos livros; ela reside nas pessoas e na geração de Mestres.

observamos na manifestação do congo um caráter folclórico - religioso. Porém considerando a multiplicidade sociocultural da escola onde a formação moral, ideológica e religiosa dos alunos se dão mais a partir da família, buscamos agregar outros significados através das letras, desenvolvendo a leitura, a escrita e a interpretação.

Um dos maiores eventos socioculturais e turísticos de Regência Augusta é a centenária festa do Caboclo Bernardo onde há vinte e cinco anos é realizado o Encontro Estadual de Bandas de Congos de Regência, momento que reúne mais de vinte e cinco grupos folclóricos de todo o Estado, incluindo a Banda de Congo Mirim da Escola Vila Regência.

6_OBJETIVO GERAL:

Utilizar o conceito de Cultura Popular e suas manifestações em nossa prática pedagógica no desenvolvimento da leitura e escrita, dentro da relação escola-comunidade, resgatando o valor, o sentido e a valorização desse patrimônio cultural na comunidade de Regência Augusta, município de Linhares, Estado do Espírito Santo; formando uma banda de congo mirim no âmbito escolar, preservando, dando-lhe peso indenitário étnico.

- OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- conhecer os costumes culturais e promover o resgate da cultural local;
- compreender e respeitar as manifestações culturais e promover sua proteção;
- possibilitar aos alunos o desenvolvimento da criatividade, principalmente a escrita e a leitura;
- capacitar à análise crítica sociocultural;

- revitalizar o congo;
- formar uma banda de congo-mirim;
- despertar nos alunos o interesse e o entendimento pela cultural local;
- levar o congo para a sala de aula como arte-educação construindo conhecimentos e valores;
- realizar apresentações culturais da banda de congo-mirim;
- trabalhar a proficiência da leitura e escrita;
- trabalhar a transdisciplinaridade, abordando as áreas entre conhecimento histórico e artístico.
- desenvolver a capacidade criativa, a afetividade e a sociabilidade entre eles.
- fazer o aluno se reconhecer integrante não somente da escola, mas como também da sua comunidade.

7_DESENVOLVIMENTO:

O mestre de congo é a autoridade responsável pela tradição, ensinando para os mais novos seus valores, significados e simbologia através da tradição oral. Por isso buscamos inseri-lo nas aulas extraclasse com os alunos.

Desde pequenos os meninos aprendem a arte de tocar o tambor de congo, o ganzá e a cantar suas músicas. As meninas aprendem com suas avós a dançarem e a carregarem o estandarte, podendo também tocar instrumentos. Dessa forma, consideramos a dança popular do Congo como uma possibilidade a ser sistematizada e contextualizada no âmbito escolar

O trabalho foi desenvolvido com os alunos e professores, em sala de aula e em ambientes externos na comunidade. Foi utilizado como ferramentas pedagógicas materiais e ações como: atividades e soluções utilizadas durante a realização do projeto, como revistas, jornais, livros, entrevistas com pessoas da família e da

comunidade, cola, tesoura, papéis para o mural, enfeites, gravuras xerocadas, etc. Dentro das seguintes etapas:

1ª Etapa: conversa com os alunos sobre a importância da preservação da cultura. Os professores realizaram contações de histórias associada ao tema; apresentação de vídeos, palestras e material da Casa do Congo.

2º Etapa: Resgate memorial em que conguistas idosos compartilharam suas práticas com os alunos.

3ª Etapa: Solicitação aos alunos que produzissem um resumo sobre as 1ª e 2ª etapas para montagem de um mural sobre o assunto em lugar visível a toda comunidade escolar e moradores;

4ª Etapa: trabalho com os traços culturais presentes nas cantigas cantadas pelos conguistas da vila;

5ª Etapa: Realização de visitas de percepção sociocultural com os alunos no Museu Histórico de Regência e na Casa do Congo onde mantem guardada a histórica do congo na região.

6ª Etapa: trabalharam com experiências concretas, nas oficinas de congo, mostrando a importância da preservação e manutenção da cultural popular e seus costumes.

7ª Etapa: foi realizada a confecção de instrumentos musicais (tambor e casaca) por meio de oficina com um mestre do congo local

8ª Etapa: foram realizadas com os alunos, aulas de congo ministradas pelos mestres locais para utilizar os instrumentos musicais (tambor e casaca).

9ª Etapa: os alunos registraram através da escrita (contos e outros relatos orais, trovas, rimas, entre outras formas de escrita), o resgate de antigas cantigas utilizadas pelos conguistas adultos em suas apresentações.

10ª Etapa: Os alunos realizaram diversas apresentações da banda: Nosso Congo foi realizado na própria escola, adjacências, outros municípios e Estados.

11ª Realização do concurso para eleger a arte do uniforme e estandarte da banda: Nosso Congo Mirim.

A culminância do projeto foi feito com as crianças na Praça na Festa do Caboclo Bernardo e em vários outros momentos culturais desenvolvidos na Vila Regência.

8_USO DE TECNOLOGIAS:

Foram utilizadas tecnologias sociais de pesquisa-ação, ferramentas de educação e protagonismo juvenil.

Nas tecnologias digitais (tecnológicas mais propriamente ditas) foram utilizadas funções e pesquisa de WEB, informática completa, conceitos cibernéticos e mídias digitais.

9_AVALIAÇÃO, CONCLUSÃO E RESULTADOS:

Realizada de forma contínua, com relatórios descritivos de cada etapa, das discussões do grupo, das atitudes diante do projeto, etc. O professor avaliou também a participação e o envolvimento de cada aluno, de forma individual, bem como avaliou o desenvolvimento de seu trabalho de forma crítica e construtiva.

Foram realizadas reuniões com os alunos, no intuito de envolver os grupos para desenvolver o projeto e as ações.

Diante do processo avaliativo, concluímos que o projeto, ainda em andamento, gerou resultados pedagógicos significativos, onde foi possível observar nos alunos uma melhor compreensão sobre a preservação dos costumes e cultural; o melhor conhecimento quanto à existência do Congo; conhecimento das letras das músicas; o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos através da reescrita das letras das músicas; o melhor entendimento quanto ao ambiente cultural que os cerca; o reconhecimento do congo mirim e dos jovens participantes. Observamos ainda, a melhoria da autoestima dos mestres e outros membros do congo com sua valorização cultural.

Cabe ressaltar também como um dos pontos positivos, são as apresentações que o conguinho vem fazendo em evento e sendo pago pela maiorias das

apresentações, mostrando que a cultura também pode ser uma forma de geração de renda dentro da economia criativa.

10_REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA:

Atlas Folclórica do Brasil, volume destinado ao Espírito Santo, 1982.

Revista Continente; Brasília: INL, 1980.

Documentos históricos da Casa do Congo e do Museu Histórico de Regência.

Pesquisas na web.

10_ANEXOS:

- fotos das ações e da banda de congo mirim;

- outros produtos gerados.



Apresentações no Museu Histórico de Regência.



Apresentações na cúpula do farol de Regência.



Ensaaios na casa do congo.



Apresentação na cúpula do farol.



Apresentações em Vitória, Tortinha Bleck



Momento de entrevista na TV gazeta.



Apresentações para turmas de faculdades particulares do Rio de Janeiro.



Apresentações em Vitória, lançamento do 2º CD da Tortinha Bleck.



Apresentação no auto do Caboclo Bernardo.
estandartes.



Lançamento da arte das camisetas e



Apresentação em Vitória



Desfile na festa do herói nacional Caboclo Bernardo.



Comemoração do herói Caboclo Bernardo.



Desfile em Linhares/ES- Dia da cidade.